



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

EDWENDELL LIMA DA SILVA

**A TRANSIÇÃO DOS DISCURSOS NAS HISTÓRIAS DO SUPER-HOMEM:
discursos, verdades e poder nas histórias do herói dos quadrinhos**

**JOÃO PESSOA
2011**

EDWENDELL LIMA DA SILVA

**A TRANSIÇÃO DOS DISCURSOS NAS HISTÓRIAS DO SUPER-HOMEM:
discursos, verdades e poder nas histórias do herói dos quadrinhos**

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Letras na área de Linguagens e Cultura, linha de pesquisa: Discursos e Cultura.

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^a Ivone Tavares de Lucena

**João Pessoa
2011**

EDWENDELL LIMA DA SILVA

A TRANSIÇÃO DOS DISCURSOS NAS HISTÓRIAS DO SUPER-HOMEM:

discursos, verdades e poder nas histórias do herói dos quadrinhos

Dissertação apresentada à Banca examinadora
para fins de obtenção do título de Mestre em
Letras, sob a orientação da Professora Dra.
Ivone Tavares de Lucena.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ivone Tavares de Lucena
(Orientadora)

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino - UFPB
(Examinador interno)

Prof. Dr. Gilton Sampaio de Souza – UERN
(Examinador externo)

Dedicatória

Aos meus pais, que me incentivaram em cada projeto a que me dediquei ao longo de minha vida.

Às minhas irmãs, presença amorosa com que sempre pude contar e à minha noiva, Janice, que esteve do meu lado a cada passo dessa empreitada. Amo demais todos vocês.

AGRADECIMENTOS

“A gratidão perfuma as grandes almas e azeda as almas pequenas”.

Honoré de Balzac

Ao meu pai, Edmilson, que toda noite, ao voltar do trabalho, lia pacientemente as histórias do Super-Homem para mim, mesmo cansado após um dia de expediente. Graças ao amor e boa vontade dele, meu interesse pelos quadrinhos cresceu a tal ponto que, em pouco tempo, já podia ler por conta própria. Agradeço a ele por seu esforço e por seu exemplo, que levarei para o dia em que tiver meus próprios filhos.

À minha mãe, Vanda, a força motriz para cada uma das conquistas que já obtive, e exemplo de força, amor e bondade que seguirei por todos os dias da minha vida.

À minha noiva, Janice, cujo amor, carinho e companheirismo não me deixaram esmorecer mesmo nos momentos mais difíceis.

Às minhas irmãs, Andresa e Andrea, por estarem ao meu lado sempre.

À minha orientadora, Professora Dr^a. Ivone Tavares de Lucena, que acreditou em meu trabalho, corrigiu cada um de meus erros, me abriu os olhos para novas possibilidades e me guiou até aqui.

À Professora Dr^a Maria Angélica de Oliveira, que me introduziu à fascinante disciplina Análise do Discurso e foi uma das primeiras a acreditar no potencial de minha pesquisa.

A cada um dos professores cujas disciplinas cursei durante o mestrado em Letras. Graças ao trabalho diligente destes mestres, obtive conhecimentos que se constituíram em elementos-chaves para a construção do meu trabalho e para a minha formação como professor e pesquisador.

Às equipes dos websites Darkseid Club e Actions e Comics, que traduzem e disponibilizam, em forma de arquivos digitais, revistas em quadrinhos norte-americanas ainda não publicadas no Brasil.

A Jerry Siegel, Joe Shuster, Curt Swan, John Byrne, Mark Waid, Geoff Johns e a todos os escritores e artistas que fizeram do Super-Homem o personagem fantástico e inspirador que é.

RESUMO

Na visão de Michel Foucault, o discurso pode ser compreendido como todo conjunto de enunciados que estão em regularidade uns com os outros, tendo em comum a mesma produção de sentidos e estando inseridos na mesma formação discursiva. Toda forma de linguagem que se realiza em um ato de comunicação oral, pictórica ou escrita será disseminadora de discursos, e estes discursos estão atrelados ao contexto sócio-histórico em que as materialidades discursivas são produzidas. Desta forma, uma vez que as histórias do personagem de ficção Super-Homem constituem produção discursiva, elas refletem as relações de poder e os jogos de verdade que estão em operação na sociedade em que são veiculadas. Em nosso estudo, tomando como referenciais saberes inscritos na disciplina Análise do Discurso (AD) e os princípios de proliferação e apropriação dos discursos, propostos por Foucault, bem como as noções de jogos de verdade e relações de poder na perspectiva foucaultiana, analisamos um *corpus* constituído por histórias do personagem Super-Homem através das quais foram difundidos discursos que circularam nos Estados Unidos em momentos históricos marcados por mudanças nas relações de poder. Evidenciamos, por meio de nossas análises, que estas histórias do Super-Homem, embora originalmente inseridas em uma formação discursiva de resistência ao poder exercido pela classe dominante, transitaram para uma formação discursiva que alinha discursos de suporte aos posicionamentos político-ideológicos do Estado norte-americano, passando a refletir a postura da própria América perante seu povo e o mundo. A investigação de como se deu esse processo de transição dos discursos do Super-Homem nos levou à conclusão de que qualquer produção discursiva, mesmo uma aparentemente inócua como as histórias de um herói dos quadrinhos, constitui elemento estratégico nas disputas pelo poder entre classes sociais antagônicas.

Palavras-chave: Super-Homem; formações discursivas; sociedade; poder.

ABSTRACT

In the view of Michel Foucault, the discourse can be understood as any set of statements that are in regularity with each other, while sharing the same production of meanings and being inserted in the same discursive formation. Any form of language that takes place in an act of oral, pictorial or written communication will disseminate discourses, and those discourses are associated to the socio historical context in which the discursive materiality is produced. Thus, since the stories of the fictional character Superman are discursive production, they reflect the relations of power and games of truth that exist in the society where they are produced. In this paper, we analyzed a *corpus* formed by stories of the fictional character Superman taking as reference knowledge of the discipline Discourse Analysis (DA) and the principles of proliferation and appropriation of the discourses, as proposed by Foucault, as well as the notions of games of truth and relations of power in a foucaultian perspective. Through such stories were disseminated discourses that were voiced in the United States in times marked by historical changes in the relations of power. We show, through our analyses, that these stories of Superman, although originally inserted in a discursive formation of resistance to the power exercised by the ruling class, moved into a discursive formation that aligns discourses in support of the political and ideological positions of the U.S state, which reflect the attitude of America towards its own people and the world. The investigation of how did this process of transition of the discourses of Superman happened took us to the conclusion that any discursive production, even a seemingly innocuous as the stories of a comic book hero, is a strategic element in the struggle for power between antagonistic social classes.

Keywords: Superman; discursive formations; society; power.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – O Super-Homem impede que uma mulher seja espancada pelo marido.....	36
Figura 02 – O Super-Homem invade a casa do governador.....	38
Figura 03 – O Super-Homem desmascara um senador corrupto.	39
Figura 04 – O Super-Homem compadecido com a péssima situação de um trabalhador	41
Figura 05 – O empresário mostra seu descaso para com o trabalhador.	42
Figura 06 – A mudança do discurso de empresário provocada pelas ações do herói.....	44
Figura 07 – O Super-Homem dito “defensor da paz mundial”.	46
Figura 08 – O Super-Homem coloca um vendedor de armas em um campo de batalha.....	48
Figura 09 – Super-Homem força dois generais a encerrarem uma guerra.	49
Figura 10 – O Super-Homem ameaça a vida de estadistas a fim de impor a paz.....	52
Figura 11 – As ações do Super-Homem são justificadas pelo clamor popular	53
Figura 12 – Mãe de rapaz preso pede ao juiz por clemência.	55
Figura 13 – O Super-Homem enfrenta a polícia para ajudar jovens marginalizados.....	57
Figura 14 – O Super-Homem destrói uma favela.....	58
Figura 15 – O ataque do Super-Homem beneficia a população	59
Figura 16 – O Super-Homem se indigna com a ineficiência das autoridades.....	62
Figura 17 – O Super-Homem confronta um policial que aceita suborno.....	64
Figura 18 – O Super-Homem pressiona as autoridades em defesa dos cidadãos.....	66
Figura 19 – O Super-Homem mostra ao prefeito as consequências de sua negligência.	67
Figura 20 – O Super-Homem luta na II Guerra Mundial	73
Figura 21 – O Super-Homem captura Hitler e Stalin.....	74
Figura 22 – O Super-Homem confronta as nações do Eixo	75
Figura 23 – O Super-Homem apoiando as forças armadas dos Estados Unidos	76
Figura 24 – O Super-Homem ao lado das autoridades.....	78
Figura 25 – Super-Homem objetivado como uma figura paternal	79
Figura 26 – Super-Homem objetivado como um símbolo da lei e da ordem.....	80
Figura 27 – O discurso jurídico sendo usado contra o Super-Homem.	83
Figura 28 – O herói se sujeita ao poder do Estado, aceitando ser preso sem resistir.	85
Figura 29 – O Super-Homem objetivado como símbolo dos discursos do governo americano.	88
Figura 30 – O Presidente JFK pede ajuda ao Super-Homem.	89
Figura 31 – Ensinando aos jovens a prática correta de exercícios físicos.....	91
Figura 32 – Os americanos entram em forma graças à aliança do Super-Homem com JFK	93
Figura 33 – Os heróis criam uma máquina que torna as pessoas “boas” ..	100
Figura 34 – Os Super-Homens fazem “lavagem cerebral” no mundo inteiro	101
Figura 35 – O comunismo é um “mal a ser curado”, nesta história do Super-Homem.....	102

Figura 36 – Super-Homem é idolatrado por crianças vietnamitas	106
Figura 37 – Super-Homem defendendo um orfanato do ataque vietcongue	108
Figura 38 – Super-Homem luta ao lado das tropas americanas na Guerra do Vietnã.....	110
Figura 39 – O Super-Homem invade o “Iraque”	114
Figura 40 – O Super-Homem derruba o ditador do país muçulmano iraquiano.	116
Figura 41 – Cadáver do Super-Homem aos pés de um soldado iraquiano.....	117
Figura 42 – O Super-Homem leva comida às favelas do Rio de Janeiro..	118
Figura 43 – O Super-Homem alimentando os famintos na África.	119
Figura 44 – Lex Luthor eleito presidente dos Estados Unidos.....	125
Figura 45 – O presidente Luthor incita o povo americano contra o Super-Homem.	127
Figura 46 – O Super-Homem ajudando a livrar um bairro pobre do crime.	130
Figura 47 – O Super-Homem detém traficantes, mas não pode prendê-los.	131
Figura 48 – O Super-Homem passa a duvidar dos valores que sempre defendeu.....	132
Figura 49 – O Super-Homem decide intervir no Irã	134
Figura 50 – Super-Homem protegendo manifestantes iranianos.	135
Figura 51 – Super-Homem renuncia à cidadania americana.....	136
Figura 52 – Paralelos nas origens do Super-Homem e de Moisés	139
Figura 53 – O Super-Homem e Moisés encontrados por seus pais adotivos	140
Figura 54 – Intericonicidades entre a capa da revista <i>A morte do Superman</i> e a <i>Pietà</i>	142
Figura 55 – Capa de Superman: Grandes Astros nº10.	144
Figura 56 – Capa de Superman: Grandes Astros nº10 e imagem de Jesus Cristo.....	144
Figura 57 – Intericonicidades na história Superman: Pelo amanhã	145
Figura 58 – Teto da Capela Cistina, pintado por Michelângelo Buonarroti.....	145
Figura 59 – O Super-Homem, nos céus, vê uma aparição de seu pai.	147
Figura 60 – O Super-Homem é martirizado.....	148
Figura 61 – Fragmento da revista Superman – O Retorno e imagem de Jesus crucificado.	149

SUMÁRIO

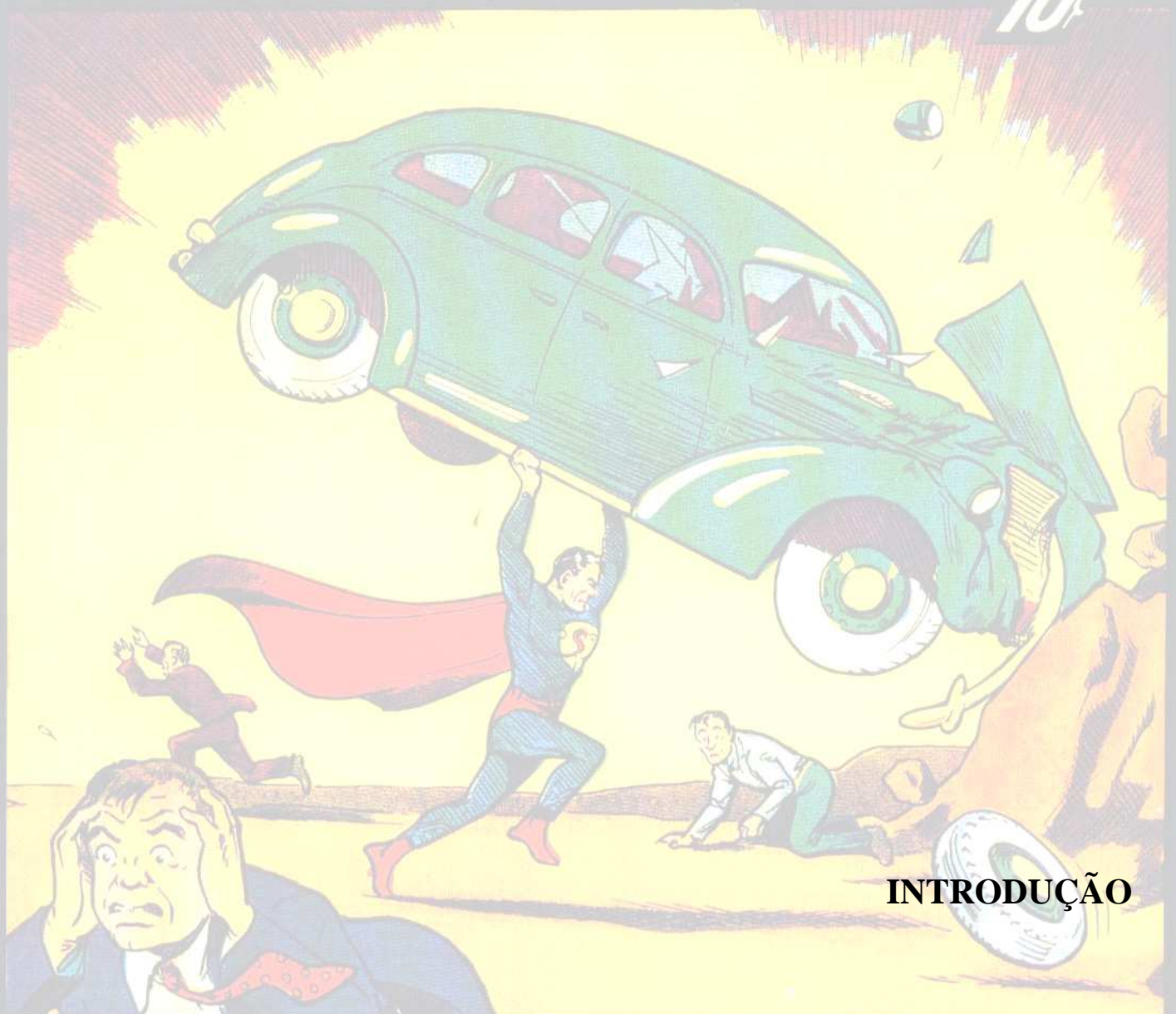
INTRODUÇÃO	10
 CAPÍTULO 1: AS HISTÓRIAS DO SUPER-HOMEM SOB O PRISMA DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	17
1.1 Formações discursivas, verdade e poder	20
1.2 Quadrinhos e literatura	25
1.3 As relações entre discurso e história	28
1.4 O contexto sócio-histórico da criação do Super-Homem	31
 CAPÍTULO 2: O SUPER-HOMEM ACORRENTADO: DE ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA À PORTA-VOZ DO DISCURSO DO PODER.....	35
2.1 Crítica social e discursos de resistência	40
2.2 Impondo a paz por meio da força	46
2.3 O enfrentamento às autoridades	54
2.4 A reversão do discurso	77
 CAPÍTULO 3: OS VALORES DO SUPER-HOMEM: VERDADE, JUSTIÇA E MODO DE VIDA AMERICANO	96
3.1 Combatendo o comunismo.....	98
3.2 O discurso imperialista	113
3.3 Reflexos nas histórias do Super-Homem das crises nos EUA	122
3.4 O discurso religioso	138
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
 REFERÊNCIAS	158

No. 1

JUNE, 1938

ACTION COMICS

10¢



INTRODUÇÃO

Não são os vossos pecados, é a vossa parcimônia que clama ao céu! A vossa mesquinhez até no pecado. Isso é o que clama ao céu! Onde está, pois, o raio que vos lamba com sua língua? Onde está o delírio que é mister inocular-vos? Vede: eu anuncio-vos o Super-Homem. É ele este raio. É ele este delírio.

Friedrich Nietzsche

O Super-Homem é, sem dúvida, um dos personagens de ficção mais conhecidos e populares da história ocidental. Em suas sete décadas de existência, este personagem originado nas histórias em quadrinhos esteve presente também nas tiras de jornal, em programas de rádio, em inúmeros programas de televisão, no cinema e na ficção literária, sendo conhecido praticamente em todo o planeta. Não é exagero dizer que o Super-Homem influenciou, influencia e cativa a imaginação de milhões de crianças, jovens e adultos em todos os países do mundo, e é justamente aí que reside seu verdadeiro poder. A questão é: a quem tem servido este poder e que discursos foram difundidos através das histórias do personagem ao longo dos anos?

Para responder estas e outras questões que surgiram ao longo desta pesquisa, se fez necessária a compreensão da mídia em que o personagem Super-Homem teve sua origem, as revistas em quadrinhos, bem como o conhecimento dos contextos sócio-históricos em que as histórias desse personagem foram produzidas. Mais importante ainda, nos foi preponderante a fundamentação teórica fornecida pela disciplina Análise do Discurso de linha francesa. Esta disciplina, que doravante chamaremos apenas de AD, consiste no estudo das construções discursivas presentes em um texto e surgiu no fim dos anos 1960, em decorrência de uma insuficiência na análise de texto que se vinha praticando até então, pautada prioritariamente por uma visão centrada no conteúdo, em detrimento da conjuntura sócio-cultural e das condições de surgimento da produção discursiva.

O projeto da AD tem como fundadores o linguista Jean Dubois e o filósofo Michel Pêcheux. Embora seus trabalhos tenham sido mutuamente independentes, ambos os pensadores tinham interesse nas questões levantadas pelo marxismo, pela história, epistemologia e psicanálise em sua época, e estavam envolvidos nos debates em torno da política, das lutas de classes e movimentos sociais que tiveram lugar na França da década de 1960, bem como em todo o mundo. Naquele momento, o estudo da linguística era fortemente influenciado pela corrente estruturalista, fundamentada na obra de Ferdinand de Saussure. O estruturalismo abordava a linguagem como um sistema fechado que podia ser estudado com

base em suas regularidades, de forma dissociada da influência de elementos externos. Assim, os contextos sócio-políticos e culturais em que os textos eram produzidos, com suas irregularidades, não afetariam o sistema linguístico, pois seriam elementos externos a este.

Contudo, a abordagem estruturalista, que estuda as estruturas da língua em função da relação que elas estabelecem entre si no interior de um mesmo sistema linguístico ignorando fatores externos, torna-se insatisfatória para compreender as operações da linguagem em um contexto de agitação política, como o que teve lugar na França, em maio de 1968. Michel Pêcheux e Jean Dubois propõem o deslocamento do foco da linguística estrutural, passando do estudo da língua enquanto sistema formal e abstrato para a análise de um novo objeto, o discurso.

Ainda que necessite da linguagem para ter existência material, o discurso não é língua, nem fala ou texto. Ele envolve fatores exteriores a estas materialidades, de ordem ideológica, histórica e social. O discurso pode ser definido como os efeitos de sentido que os sujeitos produzem ao utilizar a linguagem em um lugar e época específicos. Publicados em 1969, o livro *Análise Automática do Discurso*, de Michel Pêcheux e a revista *Langages*, organizada por Jean Dubois, são tomados por muitos estudiosos como marcos iniciais da AD. Em seu trabalho, Pêcheux formula um procedimento de leitura que relaciona as possibilidades discursivas do texto com suas condições de produção, ou seja, o contexto histórico, social e político em que está inserido o sujeito que o produz, bem como seus objetos. Antes de Pêcheux, o filósofo russo Mikhail Bakhtin já afirmava que nenhum texto é monológico. Todo texto atualiza “a voz” de outro texto, interage com outros, se comunicando através de seus discursos em um processo que Bakhtin denomina *dialogismo*. Por meio deste dialogismo, toda enunciação está relacionada com suas condições de comunicação, e estas estão indissociavelmente ligadas às estruturas sociais. Levando em conta estas relações entre o texto e o que lhe é exterior, Jean Dubois, por sua vez, define discurso simplesmente como a língua sendo posta em ação pelo falante em um dado contexto.

As abordagens de Dubois e de Pêcheux para a análise dos discursos, entretanto, divergem em pontos fundamentais. Jean Dubois, como linguista, vê a gramática como o dispositivo ideal a ser utilizado para o estudo dos enunciados. Para ele, a passagem do estudo das palavras (lexicologia) para o estudo do enunciado (análise do discurso) constitui uma evolução natural da linguística, e o discurso político seria o objeto privilegiado pela nova disciplina. Já Pêcheux compreende a AD como uma ruptura epistemológica com a noção de

ideologia predominante nas ciências humanas. O foco de investigação da AD, para Pêcheux, seriam as relações entre o discurso, a ideologia e o sujeito.

No que concerne à compreensão deste sujeito, outra grande contribuição para a formação da AD é dada pela psicanálise lacaniana. A partir da descoberta do inconsciente de Freud, o sujeito, que até então era considerado uma entidade homogênea, passa a ser compreendido como um elemento fragmentado, dividido entre o consciente e o inconsciente. Tomando Freud como base, Lacan interpreta o inconsciente como sendo estruturado da mesma forma que uma linguagem, em que cadeias de significantes se repetem e interferem nos discursos umas das outras. Essas “outras palavras” dialogam com o sujeito consciente, o influenciam e ajudam a constituir sua identidade, de forma que tudo o que ele diz e pensa está atravessado pelo discurso de outrem. Como esse processo se passa no inconsciente, o sujeito julga ser a origem do que diz, quando na verdade em sua fala estão entremeadas muitas outras vozes.

A noção lacaniana de sujeito dividido, porém estruturado a partir da linguagem, leva Michel Pêcheux a formular a idéia de esquecimento, fundamental para a compreensão das relações entre o sujeito e os discursos que o envolvem. Segundo Pêcheux, o sujeito é afetado por dois tipos de esquecimento: o esquecimento número 1 e o esquecimento número 2. Afetado pelo esquecimento número 1, o sujeito acredita ser a fonte única de seus dizeres, quando na verdade estes dizeres são constituídos por já-ditos, por sua relação com os outros, com a história e com a própria linguagem. Já o esquecimento número 2 leva o sujeito a acreditar que aquilo que diz terá apenas um efeito de sentido, que será captado por seu interlocutor. Esses esquecimentos, contudo, não são “defeitos”. Eles são necessários para que o sujeito possa se reconhecer como uma entidade autônoma, capaz de executar operações de linguagem e produzir sentidos diversos.

Conforme observamos, a AD nasce da intersecção de três campos de conhecimento: a história, que permite a compreensão das conjunturas sociais em que os discursos são produzidos; a linguística, que examina os processos de enunciação e as materialidades discursivas; e a psicanálise, a partir da qual a disciplina chega ao conceito de subjetividade, entendendo o sujeito como uma entidade cuja formação depende de sua relação com o que lhe é exterior, com “o outro”. A disciplina relaciona o linguístico, o histórico e o ideológico para examinar as condições que possibilitam que, em um determinado contexto, uma produção de sentidos específica seja possível, e não outra. Como afirma Fernanda Mussalin:

O estudo do discurso para a AD, como já dito anteriormente, inscreve-se num terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito. Assim, o sujeito lacaniano, clivado, dividido, mas estruturado a partir da linguagem, fornecia para a AD uma teoria de sujeito condizente com um de seus interesses centrais, o de conceber os textos como produtos de um trabalho ideológico e não consciente. Calcada no materialismo histórico, a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social (MUSSALIN, 2001, p.110).

É também de suma importância para o desenvolvimento da AD o pensamento do filósofo Michel Foucault. O *método arqueológico* de análise proposto por Foucault, que investiga as diferentes modalidades de discursos que circularam em uma dada época e lugar a partir da utilização de conceitos e dispositivos metodológicos, como as noções de formação discursiva, arquivo, enunciado e função enunciativa, entre diversos outros que detalhamos no decurso deste trabalho, constitui atualmente o cerne da disciplina e foi fundamental para a realização de nossas análises.

O personagem que tomamos como nosso objeto de estudo, o Super-Homem, foi por nós selecionado devido a sua longevidade e ao amplo alcance de suas histórias. A AD nos ensina que toda materialidade linguística é veículo para discursos, que se alinham em diferentes formações discursivas. As histórias do Super-Homem, evidentemente, obedecem a essa regra, mas o que despertou a nossa inquietação foi a constatação de que estas histórias, no decurso de seu longo tempo de publicação contínua, se deslocaram discursivamente de seus efeitos de sentido originais e derivaram para outros sentidos, transitando entre formações discursivas de cunho ideológico, político e até mesmo religioso totalmente díspares.

Essa constatação nos levou à hipótese de que foram as relações de poder entre classes sociais antagônicas, que tiveram lugar no contexto da sociedade norte-americana nas últimas sete décadas, que levaram à transitoriedade dos discursos das histórias do Super-Homem. A fim de comprovar esta hipótese, elencamos como nossos objetivos determinar que discursos político-ideológicos foram difundidos através das histórias deste personagem em seus setenta anos de existência; avaliar como estas histórias refletem as relações de poder e jogos de verdade da sociedade em que circularam, em momentos históricos específicos; e identificar em que momento a carga ideológica presente nas histórias do Super-Homem foi efetivamente invertida, passando de discurso de resistência para se tornar o discurso da classe dominante, e posteriormente se afastando desse discurso. Para alcançarmos os objetivos propostos, dividimos este trabalho em três capítulos, na presente introdução e em nossas considerações finais.

No primeiro capítulo, examinamos as noções de poder em uma perspectiva foucaultiana, a fim de compreender o papel que as histórias, que são nosso objeto de estudo, desempenham enquanto elemento estratégico nas relações de poder. A seguir, abordamos a metodologia proposta por Foucault para a realização de análises discursivas, definindo os principais conceitos cunhados pelo filósofo em sua obra. Ainda neste capítulo, definimos o meio em que surgiram as histórias do Super-Homem, apresentando o histórico das revistas em quadrinhos, e discorrendo sobre os fundamentos desta mídia.

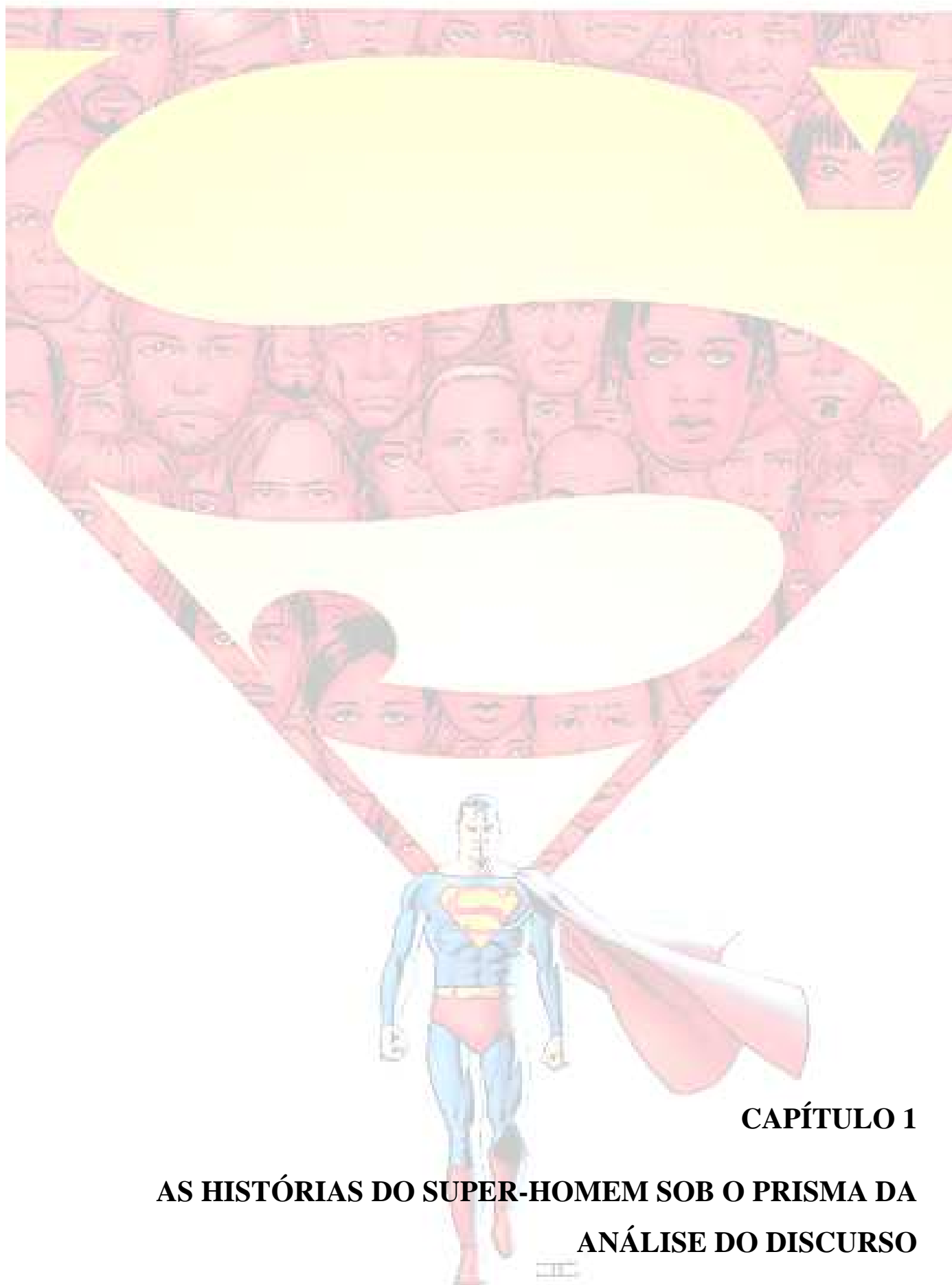
No segundo capítulo, analisamos o contexto histórico-cultural em que surgiram as histórias do Super-Homem, e procedemos a uma análise discursiva em seis delas a fim de justificar o porquê de considerarmos o personagem, no momento de seu surgimento, como inscrito em uma formação discursiva de resistência por parte da classe submetida ao poder na sociedade norte-americana dos anos 1930. As seis histórias que formam nosso recorte nesse primeiro momento foram por nós selecionadas por estarem entre as primeiras do herói, publicadas originalmente nos Estados Unidos entre 1938 e 1939, sendo, portanto, atravessadas pelos discursos que circulavam naquele país no contexto em que o Super-Homem foi concebido.

A seguir, levando em conta as noções de Foucault sobre descontinuidade e apropriação dos discursos, analisamos como o personagem foi, a partir do advento da Segunda Guerra Mundial, assimilado pela classe social que exerce o poder na mesma sociedade, passando a servir de porta-voz para os discursos da elite governante dos Estados Unidos e da própria América enquanto superpotência, perante seu próprio povo e o mundo. Desta vez, três histórias publicadas nas décadas de 1940 e 1960 serão analisadas, além das capas de nove edições das revistas do Super-Homem publicadas nos anos 1940 e 1950. A primeira história, de 1940, foi escolhida para compor nosso *corpus* por apresentar o personagem pela primeira vez se identificando com o discurso do poder militar norte-americano, combatendo o nazifascismo durante a Segunda Guerra Mundial. A segunda e a terceira, publicadas respectivamente em 1962 e 1963, já colocam o Super-Homem na posição-sujeito de defensor do discurso do poder legal e político do Estado, completamente dissociado da formação discursiva de resistência ao poder em que ele surgiu. As capas das revistas, por sua vez, foram reproduzidas de edições publicadas entre 1941 e 1950, e marcam a transição entre uma FD e outra.

No terceiro capítulo, primeiramente, mostramos como discursos mobilizados pelo Estado norte-americano no âmbito das relações internacionais, tal qual a doutrina anticomunista e o discurso imperialista, atravessaram como interdiscursos as histórias do Super-Homem produzidas desde a década de 1950 até a atualidade. Duas edições da revista *Superman*, publicadas na década de 1960, e uma da revista *Adventures of Superman*, de 1987, irão compor nosso recorte neste momento. As duas primeiras revistas foram selecionadas por mostrarem o Super-Homem confrontando diretamente o discurso comunista no contexto sócio-histórico da Guerra Fria, enquanto a última foi escolhida por apresentar o personagem atacando uma nação muçulmana, associada ao terrorismo no campo discursivo da narrativa.

Posteriormente, neste mesmo capítulo, verificamos como as crises econômicas, políticas e sociais que assolam os Estados Unidos desde o início do século XXI até o presente momento se refletiram nos discursos das histórias do Super-Homem. Aqui, duas edições da revista *Superman*, uma edição da série *Superman/ Batman* e uma edição da revista *Action Comics* constituirão o nosso recorte, por mostrarem o personagem se afastando do discurso do poder do Estado, abalado pela situação de instabilidade que a sociedade norte-americana vem atravessando. Finalizando este capítulo, evidenciamos o discurso religioso presente em diversas histórias do Super-Homem e observamos como este discurso teve seus sentidos deslocados de uma formação discursiva de orientação judaica e derivados para uma formação discursiva religiosa cristã. Fundamentamos mais uma vez nossas análises nos conceitos propostos por Foucault, em especial as noções de *interdiscurso*, *arquivo e formação discursiva*, e no conceito de *intericonicidade*, postulado por Jean Jacques Courtine. Munidos deste suporte teórico, analisamos textos e imagens de quatro histórias do personagem, além de outros enunciados imagéticos extraídos de fontes diversas.

O Super-Homem foi criado como uma expressão dos valores de um extrato social específico da sociedade norte-americana. Esperamos, por meio deste estudo, compreender como os jogos de verdade manifestos nas histórias de um personagem de ficção se modificam de acordo com as mudanças nas relações de poder que ocorrem na sociedade em que estas histórias são veiculadas. Para tanto, se faz necessário que conheçamos o meio em que o personagem surgiu, as histórias em quadrinhos, além do contexto histórico em que estas histórias foram produzidas. Antes disso, entretanto, revisaremos certas considerações e conceitos propostos por Michel Foucault que nortearão toda a nossa pesquisa.



CAPÍTULO 1

AS HISTÓRIAS DO SUPER-HOMEM SOB O PRISMA DA ANÁLISE DO DISCURSO

O discurso é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, o que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo.

Michel Foucault

Em se tratando do estudo de um personagem como o poderoso Super-Homem, as considerações de Michel Foucault sobre poder devem ser tomadas como ponto de partida. A primeira consideração é a de que o poder (FOUCAULT, 1999b) não é algo centralizado, mas sim um conjunto de relações que circulam por toda parte do corpo social, sendo exercido ora por uma camada social, ora por outra, estando assim em constante trânsito. É um elemento indissociável de qualquer sociedade humana, e não está centrado apenas nas instituições governamentais, nem nas relações econômicas entre classes. Ele se encontra disseminado em qualquer faceta das relações humanas. Há o poder pátrio, o poder religioso, o poder disciplinar, político e um sem número de outros micropoderes que coexistem e se complementam. O poder jamais deve ser visto como algo “negativo”, nem é necessariamente opressor. Ele trabalha sobre os corpos, aumenta sua produtividade, leva os sujeitos a buscarem o auto-aprimoramento, a fim de galgarem novas posições nas relações de poder que regem as instituições em que estão inseridos. Em suma, o poder nesse contexto é uma força motriz que opera sobre as estruturas sociais, contribuindo para o seu desenvolvimento. Como afirma Foucault:

Quando se define os efeitos de poder pela repressão, tem-se uma concepção puramente jurídica deste mesmo poder; identifica-se o poder a uma lei que diz não. O fundamental seria a força de proibição. Ora, creio ser esta uma noção negativa, estreita e esquelética do poder que curiosamente todo mundo aceitou. Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa além de dizer não você acredita que ele seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1999b, p.08).

Como o poder está sempre em trânsito, mesmo os sujeitos que o exercem em um determinado contexto não podem ser considerados detentores do “poder”. Ao contrário, são efeitos das relações de poder. O poder só existe enquanto ato, quando indivíduos (ou grupos) possuem a potencialidade de influenciar as ações, conduzir o comportamento uns dos outros.

Não é da ordem do consentimento, embora consentimento possa ser a condição para que ele exista e se mantenha, e jamais exclui a liberdade, conforme veremos a seguir.

A segunda consideração é a de que, como o poder é uma “ação sobre ações” (FOUCAULT, 1999), ele só pode ser exercido sobre sujeitos livres, que tenham diante de si uma ampla gama de respostas possíveis ao poder, inclusive a possibilidade de agir de maneira adversa ao que ele demanda. Assim, para haver poder, sempre há necessariamente de haver resistência. A resistência é um pré-requisito para que haja relações de poder. Para o filósofo “não há relações de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, então, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta [...]” (FOUCAULT, 1995, p. 248). Mesmo que o poder seja exercido através de meios violentos, a violência poderá, quando muito, reduzir a resistência do alvo ao mínimo. Se toda e qualquer possibilidade de reação for anulada pela violência, é porque o alvo subjugado pelo poder terá sido destruído e, neste caso, obviamente não haverá relações de poder. Nas palavras de Foucault:

Não há, portanto, um confronto entre poder e liberdade, numa relação de exclusão (onde o poder se exerce, a liberdade desaparece); mas um jogo muito mais complexo: neste jogo, a liberdade aparecerá como condição de existência do poder (ao mesmo tempo, sua precondição, uma vez que é necessário que haja liberdade para que o poder se exerça, e também seu suporte permanente, uma vez que se ela se abstraísse inteiramente do poder que sobre ela se exerce, por isso mesmo desapareceria, e deveria buscar um substituto na condição pura e simples da violência); Porém, ela aparece também como aquilo que só poderá se opor a um exercício de poder que tende, enfim a determiná-la inteiramente. (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Finalmente, ainda sobre as relações de poder, Foucault nos diz que as relações de comunicação, localizadas nas formações discursivas, transmitem informações através da língua, de um sistema de signos ou de qualquer meio simbólico, mas as relações de poder não funcionam somente através de meios simbólicos. Elas vão além dos signos, estão nas idéias, nas relações cotidianas, e é nelas que se firmam as relações de poder. As relações de comunicação induzem efeitos de poder, pois modificam o campo de informação dos sujeitos que o poder relaciona. Por meio delas, se intercambiam enunciados pertencentes a formações discursivas diversas, enunciados que se organizam em discursos, elementos estratégicos nas relações de poder. Uma vez que poder sempre implica em resistência, as relações de

comunicação constituem nesse contexto uma arena, um campo em que diferentes pólos de poder se confrontam através da dispersão de discursos, buscando predominância.

Compreendendo as relações de comunicação como o terreno em que se concretizam relações de poder e estratégias de resistências, e que nosso *corpus*, as histórias do Super-Homem, estão inseridas no universo das relações de comunicação, examinaremos como as relações de poder entre a classe social, que exerce a função ativa do poder, e a classe submetida ao poder no contexto da sociedade norte-americana, no decorrer dos últimos 70 anos, geraram discursos dispersos através das histórias do personagem Super-Homem, discursos estes próprios de diferentes formações discursivas que se sucederam umas às outras ao longo do tempo de existência do personagem. Vejamos a seguir o que nos diz Foucault sobre as formações discursivas e as verdades por elas construídas.

1.1 Formações discursivas, verdade e poder

O método arqueológico de análise discursiva, proposto por Foucault em sua obra *Arqueologia do Saber* (2000), consiste na investigação das diferentes modalidades do discurso que circularam em uma época e lugar específicos, e de como as condições históricas e sociais que tiveram lugar no tempo e espaço examinados propiciaram a irrupção de acontecimentos discursivos. Este método pode ser operado a partir da verificação de certas regularidades de identidades formais, continuidades temáticas, escolha de objetos, translações de conceitos e jogos polêmicos entre as materialidades discursivas a serem analisadas. A arqueologia do conhecimento examina, portanto, as condições de existência dos discursos, as condições históricas e sociais que determinam seu aparecimento, e que são denominadas por Foucault de *práticas discursivas*, ou seja:

“um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2000, p. 133).

Em outras palavras, as práticas discursivas determinam o que pode ou deve ser dito a partir de um determinado lugar social.

O ponto de partida da análise dos discursos é o exame de suas unidades fundamentais, os enunciados. Enunciados são um conjunto de signos, linguísticos ou não-linguísticos, que

assumem sentido de acordo com suas condições de produção e com as posições ideológicas ocupadas pelos sujeitos que mobilizam o discurso. Este é o conceito de enunciado formulado por Foucault:

Chamaremos enunciado a modalidade de existência própria de um conjunto de signos; modalidade que lhe permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de um objeto qualquer fabricado por um ser humano; modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível (FOUCAULT, 2000, p. 123).

O filósofo não considera o enunciado sinônimo de frase, visto que ele não está necessariamente submetido a uma estrutura linguística canônica (sujeito – verbo – predicado), ou seja, a seus caracteres gramaticais. O enunciado, ainda de acordo com Foucault, não se revela por meio dos constituintes da frase, e também não é o mesmo que proposição, pois enquanto a proposição se submete às provas de verdadeiro ou falso, o enunciado está no nível do discurso e não considera equivalências entre as formulações. Também não é um “ato de linguagem”, pois não está limitado ao ato material da fala ou da escrita, embora abranja ambos. Finalmente, o que torna uma frase, uma proposição ou um ato de fala em um enunciado é que estas construções estejam submetidas à *função enunciativa*, ou seja, o fato de serem produzidas por um sujeito em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado (FOUCAULT, 2000).

O enunciado não pode, portanto, ser estudado de forma dissociada das condições em que ocorre. Entre o enunciado e o que ele enuncia não há uma relação apenas gramatical, lógica ou semântica, pois os efeitos de sentido possíveis a um enunciado advêm de suas instâncias produtoras, das posições ideológicas ocupadas pelos sujeitos que o produzem e o interpretam e de sua relação com outros enunciados. Sobre esta transitoriedade dos efeitos de sentido nos enunciados, Michel Pêcheux afirma o seguinte:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ela explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação (PECHÉUX, 2002, p.53).

De acordo com Pêcheux, o sentido de todo enunciado e, por consequência, o sentido de qualquer agrupamento de enunciados alinhados em forma de discurso é passível de se tornar outro, de forma que um mesmo enunciado pode ter efeitos de sentido completamente

díspares quando produzido em contextos diversos. Não há enunciado livre, neutro e independente. Uma sequência de elementos linguísticos só constituirá enunciado se estiver imersa em um campo associativo em que apareça como elemento singular, desempenhando um papel em uma cadeia de outros enunciados, neles se apoiando e deles se distinguindo, integrando-se sempre em um jogo enunciativo. É esta propriedade de articulação dos enunciados que nos permite identificar as regularidades que existem entre eles, e determinar se os enunciados se agregam ou não em formações discursivas.

Para compreender o que são formações discursivas, devemos recorrer aos dois pensadores de cujos trabalhos se originou o conceito: Michel Pêcheux e Michel Foucault. Pêcheux parte da noção de *formação ideológica*, advinda de sua leitura da obra de Althusser, para chegar a sua concepção de formação discursiva. Uma formação ideológica seria um conjunto de atitudes e crenças, individuais ou universais que, em um dado corpo social, seriam uma força a ser confrontada por outras em um contexto de luta de classes. Uma formação discursiva, por sua vez, é governada por uma formação ideológica, na medida em que os enunciados são produzidos por sujeitos interpelados pela ideologia. Desta maneira, é na produção de enunciados por parte dos sujeitos que as formações ideológicas se manifestam, sob a forma de formações discursivas. As formações discursivas são, portanto, o espaço onde a língua e o discurso se articulam.

Já Michel Foucault prefere deixar de lado a noção de ideologia por considerá-la “inadequada” e “demasiado carregada”, e se afasta da abordagem de Pêcheux, centrada em formações ideológicas, para formular seu próprio conceito de formação discursiva. Para ele, formações discursivas são matrizes de sentidos que alinham conjuntos de enunciados, agrupando-os em discursos. O filósofo leva em conta os sistemas de dispersão que regem o aparecimento de enunciados no tempo e espaço, e determina que tais enunciados, por mais diferentes que sejam entre si, formam conjuntos quando se referem aos mesmos objetos, quando têm em comum as mesmas escolhas temáticas ou as mesmas situações de enunciação. Desta forma, para Foucault:

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, estaremos diante de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2000, p. 43).

Por este princípio, obras como o *Evangelho segundo João*, livro da Bíblia que consta no Novo Testamento, o afresco *A Última Ceia*, pintura renascentista de Leonardo Da Vinci e o filme *A Paixão*, do diretor norte-americano Mel Gibson, embora sejam materialidades discursivas surgidas em três continentes distintos e separadas no tempo por mais de dois mil anos de história, pertencem todas a uma mesma formação discursiva de caráter religioso e cristão. Por outro lado, um mesmo enunciado pode estar inserido em diversas formações discursivas diferentes, de acordo com suas condições de produção ou, em uma perspectiva *pecheutiana*, a partir das posições ideológicas sustentadas por aqueles que o enunciam. O enunciado “tinha uma pedra no meio do caminho”, por exemplo, pertencerá a uma formação discursiva lírico-romântica se considerarmos sua irrupção na poética de Carlos Drummond de Andrade; religiosa e moralizante se estiver inserido em um sermão dominical, ou ainda paródica e humorística se surgir em uma piada.

E o que vem, afinal, a ser “discurso”? Podemos compreender discurso como todo conjunto de enunciados que estão em regularidade uns com os outros, tendo em comum a mesma produção de sentidos, ou formação discursiva. Toda forma de linguagem que se realiza em um ato de comunicação oral, pictórica ou escrita será disseminadora de discursos e, uma vez que são praticamente ilimitadas as formas de se comunicar um sentido, ilimitados são também os tipos de discurso que devem existir: discurso científico, literário, político, teatral, filosófico, religioso e tantos outros. Foucault assim conceitua discurso:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade. (FOUCAULT, 2000, p.135).

Para Foucault, o discurso prolifera indefinidamente, sendo assimilado por gerações sucessivas de sujeitos e adequado às necessidades destes. Toda a produção discursiva posta em funcionamento em uma dada formação social será veículo das relações de poder que formam o corpo social, e principalmente, dos jogos de verdade, dos modos de produção, circulação e funcionamento do discurso. Por jogos de verdade, Foucault compreende o conjunto de regras de produção de verdade, o conjunto de procedimentos que conduzem a um determinado resultado, que pode ser considerado – em função de seus princípios e de suas regras de procedimento - como válido ou não (FOUCAULT, 1999a). Segundo ele, a verdade é

transitória, histórica e social, e está sujeita às determinações histórico-sociais de uma determinada sociedade.

Os jogos de verdade emergem a partir da confrontação ideológica entre forças que buscam impor seu próprio paradigma do que seria verdadeiro ou falso no contexto em que operam. A igreja católica, por exemplo, impôs por milênios sua “verdade” sobre a criação do homem, que teria sido gerado, de acordo com este discurso, por meio de obra divina, tendo surgido no mundo ostentando o mesmo aspecto que o Deus criador do universo. Este discurso, entretanto, foi confrontado especialmente a partir do advento da obra de Charles Darwin, no século XIX, pelo discurso da ciência, que propôs a teoria evolucionista do surgimento do homem. Conforme esta teoria, a raça humana teria evoluído ao longo de milhões de anos a partir de uma raça de primatas, que sofreu mutações sucessivas ocasionadas por sua adaptação ao meio ambiente, até chegar à configuração do homem moderno.

Embora a teoria evolucionista seja mais frequentemente aceita como “verdade” no mundo moderno por estar pautada em certas evidências empíricas, tais evidências não são aceitas pelos adeptos do discurso religioso, pois os saberes produzidos pela igreja são fundamentados na fé, na crença em poderes sobrenaturais que não podem ser comprovados ou refutados pelo saber científico que é baseado em lógica e na observação dos fenômenos da natureza. Assim, igreja e ciência sempre disputarão incessantes jogos de verdade por meio de seus discursos, sem jamais conseguirem chegar a uma definição, exceto na formação da subjetividade de cada indivíduo que opta por seguir um ou outro saber.

Como vemos, é por meio da produção e dispersão de discursos que os diferentes pólos de poder que operam em uma dada sociedade se confrontam, buscando predominância. Foucault afirma, em *A ordem do discurso*, que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1999a, p.10). Nesta perspectiva, os discursos são dispositivos estratégicos nas relações de poder, instrumentos que podem levar um ou outro pólo de poder a obter vantagem nesse jogo de forças.

Se, como diz Foucault, o poder é exercido por diferentes camadas sociais, em qualquer tempo e espaço, articulando-se, transitando entre os sujeitos, sobretudo pelas mãos sinuosas da produção discursiva (FOUCAULT, 1999b), e as histórias do Super-Homem são produção discursiva, então elas podem e devem se constituir em elemento estratégico nas

relações de poder entre classes, pois, como defendido no presente trabalho, estas histórias emergiram como parte de uma formação discursiva que reagia ao poder exercido pelos extratos superiores da sociedade americana dos anos 1930, se constituindo, portanto, em estratégia de resistência por parte daqueles submetidos ao poder neste contexto histórico-social.

As mesmas histórias, entretanto, passaram a dispersar discursos oriundos de outra formação discursiva, uma que alinhava enunciados de suporte ao *status quo*, fazendo assim do sujeito-personagem Super-Homem representante do discurso daqueles que exerciam o poder nos Estados Unidos. Nessa conjectura, o sujeito-personagem Super-Homem passa a ser um brinquedo nas relações de poder, com suas histórias disseminando ora os discursos de uma classe social ora de outra. Antes de conhecermos como se deu esse processo de assimilação do sujeito-personagem Super-Homem, façamos um breve histórico do meio em que ele surgiu: as histórias em quadrinhos.

1.2 Quadrinhos e literatura

Histórias são contadas através de imagens desde os primórdios da humanidade. As pinturas nas paredes das habitações do homem primitivo, como as encontradas em 1940 nas cavernas de Lascaux na França, continham narrativas de caçadas e atividades do cotidiano daqueles que as habitavam. As primeiras manifestações da escrita nada mais eram do que sequências de desenhos estilizados, desenhos estes que deram origem aos ideogramas orientais e aos hieróglifos egípcios. Apesar dessa gênese, no momento em que a escrita propriamente dita surgiu, palavras e imagens começaram paulatinamente a se afastar. Na maior parte das linguagens escritas os caracteres passaram a representar apenas sons, deixando de lado a semelhança com o visível, enquanto a imagem, por sua vez, evoluiu em paralelo na forma do universo das artes plásticas. No momento da história humana em que, pela primeira vez, o veículo de expressão mais antigo, a imagem, foi combinado com a recém surgida palavra escrita para narrar uma história, temos o surgimento do precursor das histórias em quadrinhos.

Exemplos de literatura ilustrada ao longo da história não faltam, evidentemente. Trabalhos assim vão desde pergaminhos babilônicos contando o mito do herói Gilgamesh, passando por edições medievais da Bíblia, até impressionantes obras de arte como a tapeçaria de Bayeux, datada do séc. XII, que narra em toda a extensão de seus setenta metros a épica

batalha de Hastings, combinando texto escrito e imagens dispostas em seqüência. As primeiras histórias em quadrinhos propriamente ditas datam da segunda metade do século XIX. Entre elas, destacamos as tiras *Max and Moritz*, publicadas em 1865 pelo escritor e desenhista alemão Wilhelm Busch, e *The Yellow Kid*, criação de Richard F. Outcault, de 1894. As histórias em quadrinhos de então eram publicadas apenas como tiras de jornais, mas a partir de 1933 essas tiras passaram a ser reunidas e publicadas em um formato completamente novo. Surgiam, então, as revistas em quadrinhos.

A nova mídia apresentava essencialmente histórias cômicas e infantis, além de gêneros mais voltados para o público adolescente como a ficção científica, histórica e histórias policiais. As revistas em quadrinhos de então eram vistas como pouco mais do que uma forma de entretenimento juvenil descartável, que não tinha lugar entre meios artísticos bem estabelecidos como a literatura ou as artes plásticas ainda que, ironicamente, os quadrinhos sejam a combinação de ambas. Na verdade, ainda hoje é discutido se histórias em quadrinhos podem ser consideradas “literatura”. Segundo Anatol Rosenfeld, a definição lata de literatura é “tudo o que aparece fixado por meio de letras – obras científicas, reportagens, notícias, textos de propaganda, livros didáticos, receitas de cozinhas etc. Dentro deste vasto campo das letras, as belas letras representam um campo restrito” (ROSENFELD, 1998, p.11). Partindo deste princípio, histórias em quadrinhos são, sim, literatura. Rosenfeld, entretanto, reconhece que esta definição é abrangente demais e procura estabelecer limites. A primeira delimitação por ele sugerida é tomar por literatura apenas obras ficcionais, pois estas podem ser avaliadas por critérios técnicos que vão além de mero julgamento valorativo. Assim, temos mais um argumento a favor da definição das histórias em quadrinhos como um ramo da literatura.

Tomar por literatura apenas textos ficcionais, contudo, também se mostra uma delimitação falha, pois isso excluiria documentos consagrados como obras de grande contribuição para o campo das letras como, por exemplo, os *Sermões* do Padre Antônio Vieira ou o *Diário de Anne Frank*, e incluiria toda sorte de contos e romances considerados por público e crítica como obras menores e de pouca relevância. Finalmente, Rosenfeld admite que “apenas o uso conjunto de ambos os critérios recortaria, dentro do próprio campo das belas letras, uma área de intersecção limitada àquelas obras que ao mesmo tempo tenham caráter ficcional e alcancem alto nível estético” (ROSENFELD, 1998, p.12). Esse é um dos fundamentos em que críticos das histórias em quadrinhos se baseiam para defender que essa mídia não teria lugar no campo das belas letras. Para estes críticos, tais histórias, por serem de

fácil assimilação, não passariam de material apropriado apenas para consumo infantil e para pessoas quase iletradas, sendo inadequadas para leitores maduros ou sofisticados. Nos anos 1930, época do surgimento da indústria dos quadrinhos, a noção destes como literatura sequer seria considerada, dado o preconceito que havia então de que seria impossível desenvolver corretamente temas “sérios” na nova mídia. Este preconceito, em boa medida, persiste até hoje.

Como qualquer outro julgamento valorativo baseado apenas em noções pré-concebidas sem verificação empírica, preconceitos de qualquer espécie contra histórias em quadrinhos não são válidos. É fato que grande parte da produção dessas histórias é constituída por obras triviais, mas isso também é verdadeiro para qualquer outra produção artística. Por outro lado, mesmo antes da gênese da indústria dos quadrinhos propriamente dita, esse meio produziu obras fascinantes, como o belíssimo *Little Nemo in Slumberland*, criação de Winsor Mccay publicada em tiras de jornais a partir de 1911, ou a magnífica saga do Príncipe Valente, obra prima de Hal Foster, de 1937. De fato, o que realmente distingue as histórias em quadrinhos da literatura não tem relação alguma com a qualidade das obras produzidas em ambos os meios, mas sim com as particularidades da linguagem dessa forma de leitura. É o que observa Will Eisner, em sua obra *Narrativas Gráficas*:

O processo de leitura dos quadrinhos é uma extensão do texto. No caso do texto, o ato de ler envolve uma conversão de palavras em imagens. Os quadrinhos aceleram esse processo fornecendo as imagens. Quando executados de maneira apropriada, eles vão além da conversão e da velocidade e tornam-se uma coisa só. Em todos os sentidos, essa forma de leitura recebe erroneamente o nome de literatura apenas porque as imagens são empregadas como linguagem. Existe uma relação facilmente reconhecível com a iconografia e os pictogramas da escrita oriental (EISNER, 2008a, p.09).

Assim, o leitor de quadrinhos tem de ler em dois níveis, assimilando a combinação das imagens sequenciadas com os textos presentes na página para compreender a narrativa. É, em suma, um meio singular demais para ser enquadrado como um ramo da literatura. Entretanto, embora quadrinhos e literatura sejam dois campos diferentes de uso da língua com linguagens bastante específicas, a relação entre esses meios é muito próxima. O diálogo entre quadrinhos e literatura tem se estreitado a partir de meados da década de 1960, quando a indústria dos quadrinhos passou a buscar temas literários e a abordar conteúdos mais “adultos”, como crítica social e política, fatos históricos, relacionamentos humanos e análises psicológicas das personagens. Quanto mais complexas as histórias em quadrinhos foram se tornando, maior a

diversidade dos efeitos de sentido que podiam ser verificados na discursividade destas histórias, e maior a possibilidade de posições-sujeito a serem ocupadas pelos personagens.

A grande maioria dos personagens criados nos primórdios das histórias em quadrinhos foi esquecida, embora muitos sejam conhecidos e celebrados até hoje, como o marinheiro Popeye, criado por E. C. Segar, em 1933, o herói espacial Flash Gordon, criação de Alex Raymond, de 1934, o Fantasma, aventureiro das selvas lançado por Lee Falk em 1936 e tantos outros. Muito poucos, entre eles, entretanto, se tornaram ícones cultuados por legiões de fãs em todo o planeta, e o Super-Homem é membro fundamental deste seletíssimo grupo de personagens. Conforme explicamos anteriormente, selecionamos as histórias do Super-Homem como *corpus* devido à longevidade deste personagem, à sua importância histórica e ao seu status de ícone cultural. Além de as histórias em quadrinhos do Super-Homem serem publicadas regularmente há mais de 70 anos, este herói foi também apresentado em romances, programas de rádio, televisão, cinema, enfim, praticamente em todas as mídias existentes.

1.3 As relações entre discurso e história

O Super-Homem é também o personagem fundador de um gênero de ficção surgido nos quadrinhos, mas que se difundiu também na prosa literária, no cinema e na televisão: as histórias de super-heróis. Estes personagens se tornaram extremamente populares não apenas nos Estados Unidos, mas em toda a cultura ocidental. Eles são assim definidos por Will Eisner:

O super-herói é um estereótipo dos quadrinhos inerente à cultura americana. Vestido com uma roupa derivada da clássica vestimenta dos homens fortes dos circos. Ele é adotado em histórias que enfocam vingança e perseguição. Esse tipo de herói geralmente tem poderes sobre-humanos que limitam as possibilidades do roteiro. Como um ícone, **ele satisfaz a atração popular nacional pelo herói que vence mais por sua força do que pela malícia.** (EISNER, 2008a, p.78, grifo nosso).

Eisner nos dá algumas informações importantes referentes às características básicas desta classe de personagem. A primeira é de que eles são estereótipos inerentes à cultura americana, e a segunda é que, em geral, os super-heróis vencem os obstáculos através do uso da força, o que satisfaz ao público americano. Verificamos sub-reptício no texto de Eisner o discurso de que o povo dos Estados Unidos valoriza o uso da força como ferramenta para atingir seus objetivos, portanto, é natural que os heróis produzidos pela cultura popular deste

país sejam fortes. Uma análise superficial da história dos Estados Unidos corrobora essa visão.

Os Estados Unidos emergem como nação depois de uma brutal guerra de independência (KARNAL, 2010a). A seguir, ampliam seu território em uma marcha extremamente agressiva para o oeste, dizimando populações nativas inteiras no que é hoje considerado o mais sistemático e violento massacre indígena ocorrido na história do continente americano, e anexando territórios através de disputas sangrentas com o México e outros países. Ao movimento de expansão territorial, se seguiu uma avassaladora guerra civil que deixou um saldo de mais de 620 mil mortos e um sem número de feridos, e toda essa barbárie ocorreu apenas nos cem primeiros anos da história desse país. Essa história brutal é, no entanto, glorificada pela cultura americana e inspirou muitas de suas conquistas como nação. Cada uma das (muitas) guerras travadas pelos Estados Unidos desde sua fundação só fez crescer, em cada nova geração de americanos, o orgulho por sua força, instigando este povo a buscar o crescimento do seu potencial bélico, o que eventualmente os levou ao seu status atual de superpotência militar. Essa mesma história propiciou as condições para que um personagem fictício como o Super-Homem emergisse nos Estados Unidos, e não em qualquer outro país. Vejamos como.

Uma das principais proposições da AD é a de que história, cultura e ideologia são partes constitutivas dos sentidos dos enunciados que circulam em uma sociedade. A AD busca os enunciados deixados para a posteridade através de documentos como livros, registros de instituições, textos técnicos, jurídicos ou religiosos e um sem número de outros para analisar a relação entre estes enunciados e sua temporalidade. Todos os enunciados gerados em certo espaço de tempo a partir de uma mesma prática discursiva estão ligados pelo que Foucault chama de *positividade*, ou seja, o sistema de formação dos discursos que circularam em um contexto sócio-histórico específico (FOUCAULT, 2000).

A positividade relaciona o paradigma intelectual e cultural vigentes em dados lugar e época com os saberes que são produzidos neste contexto específico, regendo a emergência, permanência e extinção de enunciados. Foucault entende que uma positividade é uma unidade que vai além das obras individuais, dos livros e dos textos e que, se não revela quem, no contexto observado, estava com a verdade, ao menos mostra como todos os enunciados que emergiram nesta conjuntura falavam da mesma coisa. A positividade entre os enunciados desempenha o papel do que o filósofo denomina de *priori histórico*, “as condições de emergência dos enunciados, a lei de sua coexistência com outros, a forma específica de seu

modo de ser, os princípios segundo os quais subsistem, se transformam e desaparecem. O *a priori* histórico é, enfim, o conjunto de regras que caracterizam uma prática discursiva em certo espaço e tempo” (FOUCAULT, 2000, p. 144).

Os conceitos de prática discursiva, positividade e *a priori* histórico são mutuamente complementares. Eles colocam em evidência uma regularidade de sentidos entre enunciados dispersos e formações discursivas manifestas em um contexto determinado no tempo e espaço. Esta regularidade obedece a uma série de regras que determinam como e porque tais materialidades discursivas se manifestam neste tempo e espaço, ao invés de outras. Este é o ponto em que todas as noções foucaultianas até aqui examinadas (enunciados, formação discursiva, discurso, prática discursiva, positividade e *a priori* histórico) convergem para o mais amplo conceito do método arqueológico de Michel Foucault, o *arquivo*:

O domínio dos enunciados, assim articulados por *a priori* históricos, assim caracterizado por diferentes tipos de positividade e escandido por formações discursivas distintas (...) é um volume complexo em que se diferenciam regiões heterogêneas e em que se desenrolam, segundo regras específicas, práticas que não podem se sobrepor (...) as práticas discursivas são sistemas que instauram os enunciados como acontecimento (...) são todos esses sistemas que proponho chamar de arquivo. Não entendo por esse termo a soma de todos os textos que uma cultura guardou em seu poder, como documentos de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida; não entendo, tampouco, as instituições que, em determinada sociedade, permitem registrar e conservar os discursos que se quer ter lembrança e manter a livre disposição. Trata-se antes, e ao contrário, do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias (...), O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. (FOUCAULT, 2000, p.146-147).

O arquivo é o conjunto de regras e sistemas de formação que regem a emergência de discursos e formações discursivas em um contexto específico. Ele permite ao analista examinar o aparecimento de discursos em virtude de sua relação com outros domínios, como as instituições, acontecimentos políticos, fatos históricos, práticas culturais e econômicas que têm lugar em uma dada sociedade. Recorrendo ao arquivo para relacionar a produção discursiva gerada pela cultura norte-americana com a história desta nação, forjada através da força, compreendemos o surgimento de toda uma gama de enunciados que enaltecem como valores o uso da força para se atingir objetivos, a busca pela aventura, o anseio pela conquista e a valorização do herói individualista, do “salvador da pátria” que supera todos os obstáculos por mérito próprio ao invés de se apoiar no esforço coletivo de sua comunidade. Não é surpresa, nesse contexto, que entre os maiores ícones da ficção norte-americana estejam

homens fortes como os *cowboys*, pistoleiros que desbravaram o território dos Estados Unidos sempre com armas em punho; os soldados, guerreiros patrióticos capazes de qualquer sacrifício pelo “bem” de seu país; os gângsteres, que ignoravam as leis e enfrentaram as vicissitudes da era da Grande Depressão estadunidense, se valendo da violência, e os seres dotados de força muito superior aos meros mortais, os super-heróis.

1.4 O Contexto sócio-histórico da criação do Super-Homem

O Super-Homem foi criado em 1934, por Jerry Siegel e Joe Shuster, jovens judeus de famílias humildes que vivenciavam a maior crise econômica que os Estados Unidos haviam atravessado até então, após a quebra da bolsa de valores em 1929. Para analisarmos as histórias do personagem do nosso recorte, buscamos os *enunciados* verbais e não-verbais que as constituem. Conforme já explicamos, uma materialização de elementos linguísticos ou um conjunto qualquer de signos que emergem no tempo e no espaço só será enunciado se estiver em função enunciativa, sendo produzido por um sujeito que fala de um lugar institucional específico, inserido em uma conjuntura sócio-histórica que possibilita e determina este enunciado, lhe conferindo efeitos de sentido.

De que lugar institucional os sujeitos autores Jerry Siegel e Joe Shuster, criadores do Super-Homem, falavam? Que regras sócio-históricas definiram a produção de seus enunciados? Em seu livro *Comic book nation: the transformation of youth culture in America* (2003), o escritor Bradford W. Wright traça o histórico dos criadores do Super-Homem e das condições de produção em que eles desenvolveram as suas histórias. Para entender como essas condições se refletem nos discursos que atravessam as histórias iniciais do Super-Homem, vamos definir a primeira publicação do personagem como o que Foucault (2000) chama de *acontecimento discursivo*, isto é, uma materialidade discursiva passível de ser estudada em sua irrupção de acontecimento, a fim de compreender as condições que possibilitaram sua emergência em um dado momento histórico. O momento, no caso, foi o advento da crise provocada pela quebra da bolsa de valores de Nova York em 1929, ou simplesmente a Grande Depressão, que levou o povo estadunidense a enfrentar as piores condições de subsistência da história daquele país, no século XX.

Milhões de americanos perderam seus empregos praticamente de um momento para outro, em 1929, ficando completamente sem condições de sustentar a si próprios ou às suas famílias pelos quase dez anos em que a depressão perdurou. Para piorar, a maior parte da

população das classes médias e baixas dos Estados Unidos vivia na época em residências alugadas ou que estavam sendo pagas através de prestações. Todo esse contingente populacional, não tendo como manter suas casas, acabou sendo expulso delas, indo se abrigar em cortiços que proliferavam pelo país. A subnutrição se tornou um problema endêmico, ceifando a vida de milhares, e mesmo os que conseguiram manter seus empregos tiveram de lidar com cortes substanciais em seus salários. A situação era ainda pior para os afro-americanos que, devido à discriminação racial aberta que sofriam, não tinham qualquer chance de competir por trabalho com a maioria branca.

Outros grupos fortemente discriminados eram os imigrantes, vistos pelos americanos “nativos” como seus competidores na busca por empregos, e os judeus, notoriamente perseguidos nas décadas de 1920 e 1940. A AD compreende que o sujeito de um enunciado é historicamente determinado, ou seja, para produzir enunciados, este sujeito deve ocupar um lugar social de onde enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. Respondendo a questão sobre de que lugar social falavam Jerry Siegel e Joe Shuster, sujeitos autores das histórias do Super-Homem, sabemos que ambos eram pobres, filhos de imigrantes e judeus. Além disso, Jerry Siegel foi ainda vítima da criminalidade, pois seu pai foi morto em um assalto quando o escritor ainda era criança. Como vemos, os dois criadores do personagem estiveram submetidos aos piores sintomas da Grande Depressão, e este é um fator que está presente em seu trabalho. Seus discursos foram modelados pelo conjunto de valores ideológicos e culturais advindos de sua vivência e posição social específica, e podem ser identificados nas revistas que são nosso objeto de estudo, como veremos a seguir.

Os criadores do Super-Homem se conheceram na adolescência em Cleveland, Ohio, e se tornaram grandes amigos desde então, dividindo as mesmas angústias e inquietações. Eles desenvolveram a primeira versão do Super-Homem em 1934, e a partir daí foram seis anos tentando, sem sucesso, encontrar quem publicasse seu personagem. A oportunidade finalmente surgiu quando lhes foi oferecida a chance de lançar o Super-Homem em uma nova revista em quadrinhos da editora National Allied Publications, atualmente conhecida como DC Comics. A primeira publicação do personagem se deu em junho de 1938, na revista Action Comics nº 1. Ele é apresentado como um alienígena vindo do planeta Krypton, que fora destruído em uma explosão cataclísmica. Temos já aí atravessando a história o discurso da ciência, que nos fala desde tempos remotos da possibilidade de haver vida em outros

planetas, e de que estas formas de vida sejam mais evoluídas do que nós mesmos. Antes da catástrofe, os pais do herói enviam seu filho, ainda bebê, para a Terra em um foguete. Uma vez em nosso planeta, a criança é encontrada por um casal de bondosos fazendeiros que a adotam.

Quando cresce, o jovem Clark Kent descobre que, devido a sua origem alienígena, possui enormes poderes como super-força, invulnerabilidade e super-velocidade, entre outros. Ele decide então colocar esses poderes, que o tornam tão superior aos seres humanos, a serviço do cidadão comum, lutando pela “verdade e pela justiça”, e torna-se assim o Super-Homem. Observamos aqui mais um discurso presente nesta história, pois, tendo vindo de outro mundo para a América e se dedicado a proteger seu novo lar, o herói se torna uma representação da figura do imigrante que contribui para o bem de seu novo país, imigrantes estes que, como destacado anteriormente, estavam vivenciando dias difíceis nos Estados Unidos da época devido à discriminação social exacerbada pelos efeitos da depressão econômica. Em sua identidade heróica, o Super-Homem veste um traje vermelho e azul, portanto, à primeira vista, poderíamos considerar que, desde a criação do personagem, suas histórias estariam inseridas em uma formação discursiva patriótica. Esta noção, entretanto, é errônea. Vermelho e azul foram escolhidas para as cores do uniforme do herói porque se destacavam melhor na impressão de baixa qualidade das revistas em quadrinhos da época. É fato que o Super-Homem acabou se tornando um símbolo do discurso patriótico norte-americano, mas isso só veio a acontecer em anos posteriores.

A AD chama de *posição-sujeito* os lugares que o sujeito do discurso pode ocupar na estrutura de uma formação social. Não há, em qualquer produção discursiva, um sujeito único, mas diversas posições-sujeito a serem ocupadas pelos enunciadores do texto, a partir da maneira como estes se identificam com as formações discursivas que delimitam e determinam seus dizeres. Em um romance, por exemplo, cada personagem pode e deve ocupar uma posição-sujeito específica, que não necessariamente coincidirá com a posição do sujeito autor da obra. Em suas aventuras, o personagem Super-Homem ocupa a posição-sujeito de herói. Sendo um sujeito heróico, sua missão é defender os necessitados, mas defendê-los de quê? Devemos então nos perguntar qual exatamente é a missão do Super-Homem neste contexto. Afinal de contas, que ameaças pairavam sobre os cidadãos excluídos na sociedade dos Estados Unidos da década de 1930?

Além da miséria crônica, outros problemas que afligiam o cidadão americano desprivilegiado durante a Grande Depressão eram a corrupção impune das autoridades constituídas e a exploração, por parte da elite econômica, da mão de obra barata fornecida pela massa humana desesperada por qualquer remuneração. Além disso, os níveis de criminalidade foram alçados na época a uma escala sem precedentes, enquanto a força policial, que deveria prover segurança a este cidadão, servia mais como um instrumento de repressão em prol de empresários e autoridades governamentais cada vez mais comprometidos a manter os próprios privilégios. Como fica evidenciado, havia naquele quadro sócio-político econômico relações de poder entre duas forças antagônicas: os capitalistas poderosos e autoridades políticas e policiais em total descaso para com aqueles que as elegeram, e o povo nas ruas, esmagado pelas terríveis condições sociais vivenciadas durante a Grande Depressão. Estas duas forças se defrontavam no terreno das relações de comunicação através de produção discursiva.

A elite empresarial controlava as mídias de massa da época, como o rádio e os grandes jornais, capitaneados por magnatas da imprensa, como Willian Randolph Hearst, que dispersavam, por meio destes veículos, discursos que afirmavam seu poder. A população carente contava principalmente com veículos de comunicação de menor alcance, como jornais menores, de posicionamento político-ideológico de esquerda, além de mídias marginais como a recém surgida indústria dos quadrinhos. Os sujeitos Siegel e Shuster, inseridos nesse quadro como estavam, idealizaram um campeão para este povo, um símbolo de esperança para os socialmente excluídos na forma de um herói com super-poderes, capaz de assumir como posição-sujeito o papel de defensor dos oprimidos: um Super-Homem. Apresentamos no capítulo seguinte a inscrição do sujeito personagem Super-Homem em formações discursivas que circularam nos Estados Unidos em contextos sócio-históricos de crise econômica, de guerra e de paranóia política, que se sucederam ao longo de um período de vinte anos, a partir do final da década de 1930 até o início dos anos 1960.



CAPÍTULO 2

O SUPER-HOMEM ACORRENTADO: DE ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA À PORTA-VOZ DOS DISCURSOS DO PODER

O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar.

Michel Foucault

Recorrendo ao arquivo, associamos as condições de produção das revistas do Super-Homem com a memória, história e os discursos que circularam nos lugares em que o personagem se fez presente para enxergarmos os efeitos de sentido que emanam da discursivização destas histórias, tanto de textos quanto de imagens. Vejamos, por exemplo, a página a seguir, reproduzida de Action Comics nº 1, edição de estréia do herói publicada em 1938:



Figura 01 – O herói impede que uma mulher seja espancada pelo marido ([1938] 2008d, p.10).

Na página que selecionamos, vemos a princípio o Super-Homem disfarçado em sua identidade civil de Clark Kent, repórter de um grande jornal metropolitano. Nessa identidade, Clark vive como um homem do povo, que está nas ruas em contato com os dilemas e dificuldades do cidadão comum. Ele é um deles. Quando surge um problema, Clark Kent revela seu brilhante uniforme e se torna o grande herói. Neste momento, ele realiza as fantasias do cidadão comum e resolve todos os problemas contra os quais este cidadão está impotente. O apelo é imediato, pois quantos de nós nos revoltamos com a criminalidade, com o abuso dos poderosos e com a violência urbana todos os dias, mas nos encontramos impotentes para fazer qualquer coisa a respeito? Nos quadrinhos, o Super-Homem não está impotente. Ele pode agir contra os males da sociedade e é exatamente isso o que ele faz, sublimando assim a frustração cotidiana e o desejo de reparação do sujeito leitor que, ao menos na fantasia, pode ver a justiça sendo feita. Assume ele, portanto, uma função-sujeito no contexto dos quadrinhos.

Este é exatamente o caso da página de Action Comics destacada acima. Aqui, ao receber a informação de que uma dona de casa estaria sofrendo violência doméstica, Clark Kent rapidamente assume sua identidade heróica, mudando de função-sujeito jornalista para função-sujeito Super-Homem, e vai para o local. Uma vez lá, ele impede que a mulher seja espancada por seu marido, atacando brutalmente o agressor. Ao golpeá-lo, o herói brada para o marido violento que este não está mais enfrentando uma mulher. Analisando este quadro, observamos dois discursos específicos que atravessam o texto: um discurso de condenação à violência contra a mulher e outro, pertencente a uma FD ao mesmo tempo cavalheiresca e machista, que pressupõe que uma mulher seria naturalmente incapaz de se defender sozinha.

Ainda na mesma edição, verificamos ser mobilizado pelo personagem um discurso de confrontação ao poder das autoridades em benefício dos cidadãos vitimados por falhas no sistema legal. Na história, o herói procura impedir que um homem injustamente condenado por assassinato seja executado. Para tanto, o Super-Homem captura a verdadeira culpada pelo crime e a leva, junto com evidências que incriminam a moça, à residência do governador do Estado a fim apresentar a ele tais provas e suspender a execução. Chegando lá, entretanto, o herói tem de forçar sua entrada para ir até o governador, e faz isso com brutalidade, conforme vemos no fragmento a seguir:



Figura 02 – O Super-Homem invade a casa do governador. ([1938] 2008d, p.07).

Como vemos, desde sua primeira aparição, o Super-Homem já confronta o poder do Estado sem hesitar. Crimes como invasão de propriedade e agressão nada significam para ele em sua busca para fazer valer a justiça, de forma que, de acordo com o discurso da revista, os fins justificam os meios. Em outro momento da mesma história, o Homem de Aço, expressão pela qual o herói também é conhecido, desmascara um senador corrupto dos Estados Unidos,

que pretendia envolver o país em uma guerra a fim de beneficiar a indústria armamentista, conforme é enunciado pelo sujeito personagem senador no antepenúltimo quadrinho do fragmento destacado a seguir:



Figura 03 – O Super-Homem desmascara um senador corrupto. ([1938] 2008d, p.16).

Temos então, na primeira história do Super-Homem, o desenvolvimento de três temas distintos: falhas no sistema judiciário americano que levam à condenação de inocentes, violência doméstica e corrupção governamental. Desta forma, a história em questão traz em si um discurso de crítica social. Sabendo que o discurso é historicamente construído, nos perguntamos sobre o porquê da escolha desses assuntos em particular para serem explorados na história ou, como diria Foucault (2000), por que estes e não outros enunciados em seus lugares? Teriam sido escolhidos por mero acaso? Certamente não. Há um motivo para a emergência destes temas no discurso da história do Super-Homem, uma relação entre os efeitos de sentido de uma narrativa e suas instâncias produtoras. Sobre esta relação, Courtine afirma:

O discurso é pensado como uma relação de correspondência entre linguagem e as questões que lhe são exteriores, na situação de todo discurso concreto: quem fala? Qual é o sujeito do discurso, como sua emergência pode ser caracterizada? Sobre que o discurso fala, como se pode discernir a existência de temas distintos? Finalmente, quais são as condições de produção do discurso, mas também suas condições de interpretação? (COURTINE, 2006, p.64).

Procuremos responder a estas indagações. Os sujeitos autores da história em questão eram Jerry Siegel e Joe Shuster, constituídos como tal porque falavam, como destacado antes, do lugar ideológico da classe social submetida ao poder no contexto da sociedade americana de sua época. Eles abordaram estes temas porque eram vicissitudes que testemunhavam em seu dia a dia, que indignavam a estes sujeitos e aos seus semelhantes, ou seja, seu discurso é de protesto, de resistência e de denúncia. Ao contrário dos seus pares, sujeitos anônimos fadados ao silêncio, os jovens artistas tiveram a chance de denunciar, de levar seus discursos ao público, e eles a aproveitaram, criando histórias que abordavam o crime, a violência, a corrupção e a pobreza, e idealizando um herói capaz de combater todos esses problemas. Um campeão do cidadão comum contra os sintomas da Grande Depressão que incentiva as pessoas a perseverar, mesmo diante do pior que a sociedade possa oferecer.

2.1 Crítica social e discursos de resistência

A terceira edição de Action Comics, de 1938, dispersa um discurso de denúncia ao descaso da elite empresarial para com a classe operária e, em casos mais extremos, para com a vida humana. Na história, assistimos ao drama de um trabalhador vitimado não por elementos criminosos, mas sim por um grande capitalista sem qualquer consciência social. O Super-

Homem na trama vai ao resgate de um trabalhador preso no desmoronamento de uma mina. Vejamos o que se desenrola na trama a partir deste resgate:



Figura 04 – O Super-Homem se compadece com a péssima situação de um trabalhador. ([1938] 2008 d, p.37).



Figura 05 – O empresário mostra seu descaso para com o trabalhador. ([1938] 2008 d, p.38).

Ao apresentar na trama o Super-Homem na posição-sujeito de salvador que protege os cidadãos que estão oprimidos pelo poder das elites econômicas e políticas, o texto constrói uma identidade de “herói do povo” para este personagem, representando, assim, o discurso de resistência da classe trabalhadora e denunciando o poder dos opressores. Analisando os enunciados da página, quando o Super-Homem interroga o trabalhador que salvou, este personagem, mobilizado pelo autor como sujeito responsável pela enunciação, faz uma denúncia das péssimas condições de trabalho que eram uma realidade para grande parte da classe trabalhadora americana nos dias da Grande Depressão, e da exploração da mão de obra por parte da elite empresarial na época, obrigada a trabalhar por salários miseráveis em empregos insalubres, correndo muitas vezes riscos de vida, a fim de sustentar, ainda que precariamente, suas famílias.

Na AD, o texto não é tomado como um conjunto homogêneo de enunciados unificados por posições ideológicas não conflitantes, mas sim como um agrupamento de discursos divergentes que se relacionam uns com os outros. No fragmento analisado, quando o dono da mina afirma que não ajudaria o funcionário acidentado nem melhoraria a segurança da mina, pois “é um homem de negócios, não um humanitário”, o autor mobiliza, por meio do personagem empresário, um discurso em voga para grande parcela da elite empresarial de qualquer época, que coloca o trabalhador como nada mais do que uma ferramenta de produção a ser usada e descartada quando perde a utilidade. Os sujeitos autores Jerry Siegel e Joel Shuster, entretanto, não falam do lugar ideológico de representantes da elite. Sabemos que eles pertencem à classe trabalhadora e é para ela que se dirigem em suas histórias. O enunciado “sou um homem de negócios e não um humanitário” está, portanto, inscrito de fato em uma formação discursiva de crítica contundente a este discurso de desprezo do empresariado para com a classe operária, enunciado pelo empresário.

Na continuação da história, ao cair da noite, o Super-Homem vai à residência do empresário, onde ele dava uma festa para seus pares da alta sociedade, e captura todos os presentes, aprisionando-os na mina onde o trabalhador foi acidentado. Desesperado e sentindo na própria pele as agruras que seus funcionários vivenciavam diariamente, o dono da mina tenta recorrer aos equipamentos de segurança, mas estes não funcionam devido à falta de cuidados técnicos de que o mineiro acidentado havia se queixado. Finalmente, quando todos estão em pânico e o empresário lamenta seu comportamento desumano, o Super-Homem remove os entulhos que bloqueavam a saída libertando a todos. Dias mais tarde, Clark Kent mais uma vez entrevista o empresário, e este afirma que, após sua experiência, sua mina será a

mais segura do país e seus operários os mais bem tratados, conforme vemos no último quadrinho da história anterior ao anúncio, na página destacada a seguir:



Figura 06 – A mudança do discurso do empresário provocada pelas ações do herói. ([1938] 2008d, p.38).

Como observamos na discursividade da trama, as ações do Super-Homem se contrapõem ao discurso jurídico. Ele aprisionou em uma mina pessoas que não tinham cometido, em uma perspectiva legal, crime algum, arriscando a vida destas pessoas e as aterrorizando, apenas para que um único homem, o dono da mina, pudesse experimentar os mesmos riscos e sofrimento a que seus trabalhadores se submetiam diariamente. Os atos do herói, entretanto, acabam fazendo com que o sujeito-personagem empresário mude de atitude em benefício de seus trabalhadores. O empresário foi forçado pelo Super-Homem a sair de sua posição e assumir outro lugar, o do trabalhador explorado. Inserido nessa nova perspectiva, ele muda completamente o seu discurso.

Assim, através de uma ação de desafio aos discursos do poder jurídico e sócio-econômico, o Super-Homem conseguiu beneficiar representantes da classe oprimida por estes mesmos poderes. Vemos, portanto, o personagem Super-Homem ser objetivado pela narrativa como um herói que ataca diretamente o poder em defesa daqueles que estão submetidos ao poder, e é isso que confere às revistas deste personagem seu caráter de crítica social e estratégia de resistência.

É importante observar que o público leitor das revistas do herói na época era constituído primariamente por jovens e crianças, e os discursos dispersos nas histórias do Super-Homem os alcançava de várias maneiras. No final da página que destacamos, por exemplo, há um anúncio publicitário conclamando os leitores a se tornarem membros dos “Super-Homens” da América, um clube em que as crianças, ao se associarem, ganhavam diversos brindes do herói, como *bottons* e certificados que difundiam os valores defendidos pelo personagem. Ao mesmo tempo, as mensagens do herói estavam presentes em brinquedos, artigos escolares, vestuário e inúmeros outros produtos. Os autores das revistas do Super-Homem costumavam receber cartas enviadas pelos pais dos leitores, nas quais estes pais agradeciam ao Super-Homem por servir de bom exemplo para seus filhos, levando-os a se alimentarem bem, a praticarem exercícios e, sobretudo, a se afastarem da influência de elementos criminosos que circulavam em seus bairros. Desta forma, as histórias deste personagem, com seus discursos de crítica social, rejeição ao crime e denúncia ao poder, levavam seus jovens leitores a pensar sobre os males da sociedade em que viviam e a se posicionarem como sujeitos socialmente conscientes, que um dia seriam cidadãos ativos e capazes de operar mudanças neste quadro social.

2.2 Impondo a paz por meio da força

Nas suas primeiras histórias, o Super-Homem era apresentado como um defensor incondicional da paz, conforme vemos enunciado no título da página reproduzida abaixo:

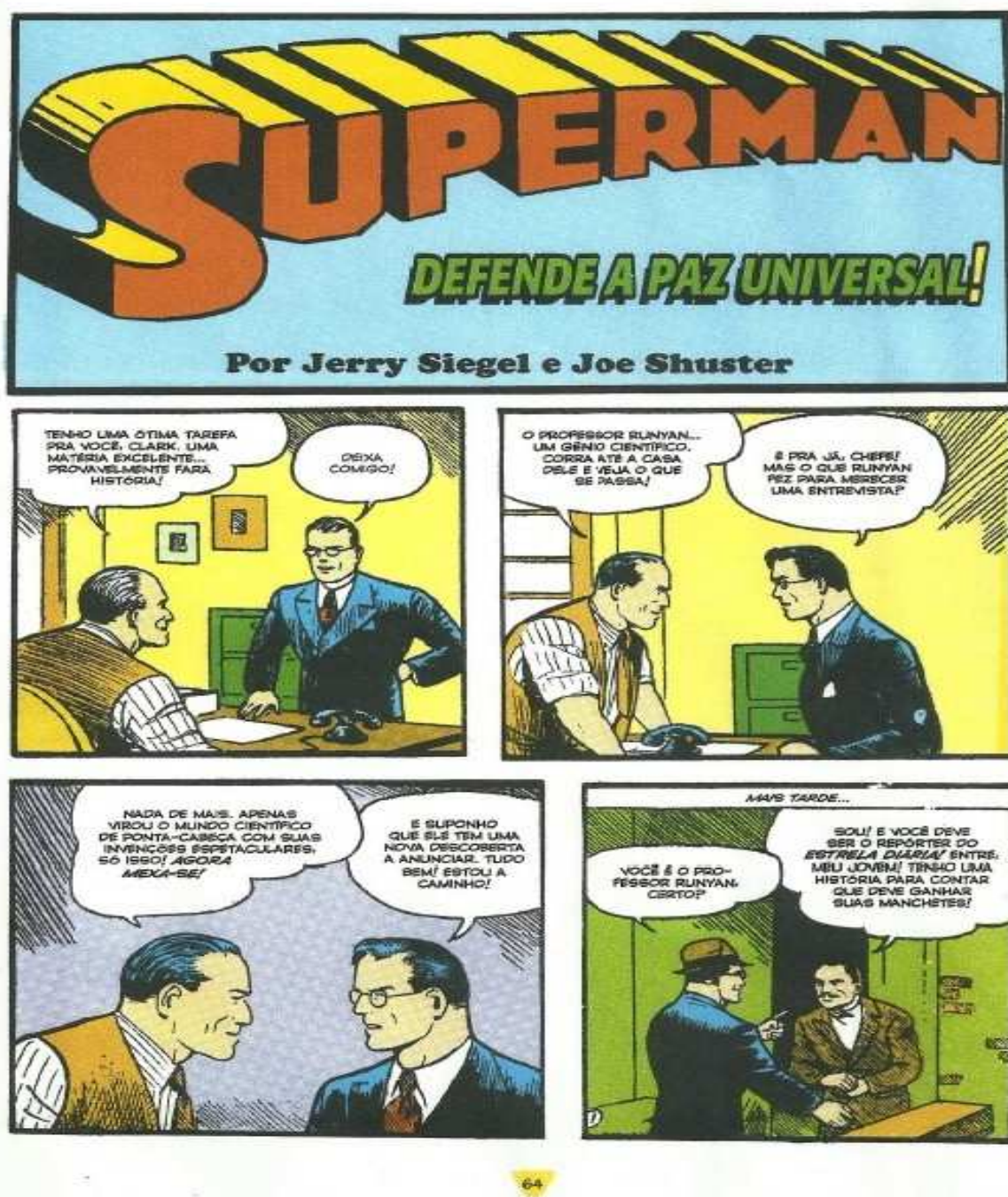


Figura 07 – O Super-Homem dito “defensor da paz universal”. ([1939] 2008d, p.64).

Era o final da década de 1930, e os horrores e perdas da I Guerra Mundial ainda estavam bastante vivos na memória americana. Esta memória gera uma formação discursiva pacifista que observamos atravessar diversas revistas do personagem publicadas entre 1938 e 1939. Nessas revistas, o Super-Homem constantemente impedia planos para envolver os Estados Unidos em guerras, mesmo que estes conflitos fossem de interesse do governo americano. Em uma história publicada na segunda edição da revista Superman, de 1939, o herói resgata uma terrível arma química que havia sido roubada de um cientista norte-americano por espiões estrangeiros. Ao invés de entregá-la aos militares americanos, o Super-Homem a destrói para que ela não possa ser usada por país algum, nem mesmo pelos Estados Unidos. As histórias do Super-Homem da época estão, portanto, inseridas em uma formação discursiva de cunho pacifista que se opõe até mesmo ao poderio bélico norte-americano. Todo texto, entretanto, é constituído por enunciados que representam posições ideológicas conflitantes, nunca apresentando um único discurso, mas sim discursos que interagem, se opõem e se complementam no corpo da materialidade discursiva. Assim, além do discurso pacifista, há outro discurso, de natureza autoritária, presente nas mesmas histórias.

É o que vemos na segunda edição da revista Action Comics, publicada em 1938. Na trama, o Super-Homem descobre um plano de um poderoso fabricante de armas para envolver os Estados Unidos em um conflito no exterior. O vilão da história, mais uma vez, não era um criminoso no sentido lato da palavra, mas sim um rico empresário intocável pela lei e com total desdém pela vida humana. Temos, portanto, um discurso de crítica à elite empresarial estadunidense, como o que havíamos evidenciado na história do trabalhador acidentado que analisamos anteriormente. Ao confrontar o vilão, o Super-Homem não tem recursos para detê-lo legalmente, pois ele, *a priori*, não havia cometido nenhum crime. O herói, entretanto, mais uma vez age ignorando o discurso da lei e sequestra o “mercador da morte”, enunciado que retomaremos à frente, levando-o até o país em guerra. Uma vez lá, ele veste o empresário e a si mesmo como soldados, e leva o capitalista inescrupuloso à força até o campo de batalha, para que ele sinta na própria pele como é estar em meio a uma guerra. Vejamos, no fragmento a seguir extraído da história, como a narrativa se desenrola a partir desse ponto:



Figura 08: O Super-Homem coloca um vendedor de armas em um campo de batalha. ([1938] 2008d, p.25).

Como vemos no fragmento acima, já a caminho da batalha, o Super-Homem pergunta ao empresário por que ele fabrica munições quando isso representa a morte de milhões de pessoas. Cinicamente, o vilão responde: “Homens são baratos, munições, caras”. Este enunciado é bastante revelador. O discurso aqui presente afirma que a classe dominante da sociedade norte-americana não se importa em nada com a perda de vidas decorrente das muitas guerras travadas ou financiadas pelos Estados Unidos, desde que continue lucrando com esses conflitos. O fabricante de armas, contudo, acaba tendo de rever suas verdades quando as bombas começam a explodir ao seu redor. Aterrorizado em meio aos tiros e explosões, ele é coagido pelo Super-Homem a abandonar seus planos e parar de fabricar armas, ou será deixado ali para morrer. Sem alternativas, o vilão concorda. O que o Super-Homem faz na história é o mesmo que todas as pessoas que já sofreram os horrores da guerra gostariam de poder fazer: ele tira o fabricante de armas de sua posição de poder e o coloca no

lugar do soldado. Como resultado, o vilão aterrorizado é forçado a mudar seu discurso. Assim, ao agir de maneira legalmente condenável, o Super-Homem consegue beneficiar inúmeras pessoas que seriam ameaçadas por uma guerra que só servia aos interesses da elite política e econômica dos Estados Unidos. O discurso contra o poder, disperso na narrativa pelos autores Siegel e Shuster, se faz mais uma vez evidente.

Não satisfeito, o Super-Homem vai até os quartéis gerais dos dois comandantes dos exércitos em guerra, sequestra ambos e os coloca frente a frente, e é aí que verificamos o discurso autoritário que já mencionamos. O herói exige que os dois generais lutem entre si para resolver o conflito ali mesmo sem mais derramamento de sangue inocente, ou acabará com ambos. Aterrorizados, os generais admitem sequer saber mais o porquê de estarem guerreando e pedem para que o Super-Homem não os obrigue a lutar. Ele então explica que os únicos a ganhar com aquela guerra inútil eram os fabricantes de armas, e os dois líderes apertam as mãos, encerrando o conflito definitivamente, como vemos no fragmento da revista reproduzido a seguir:

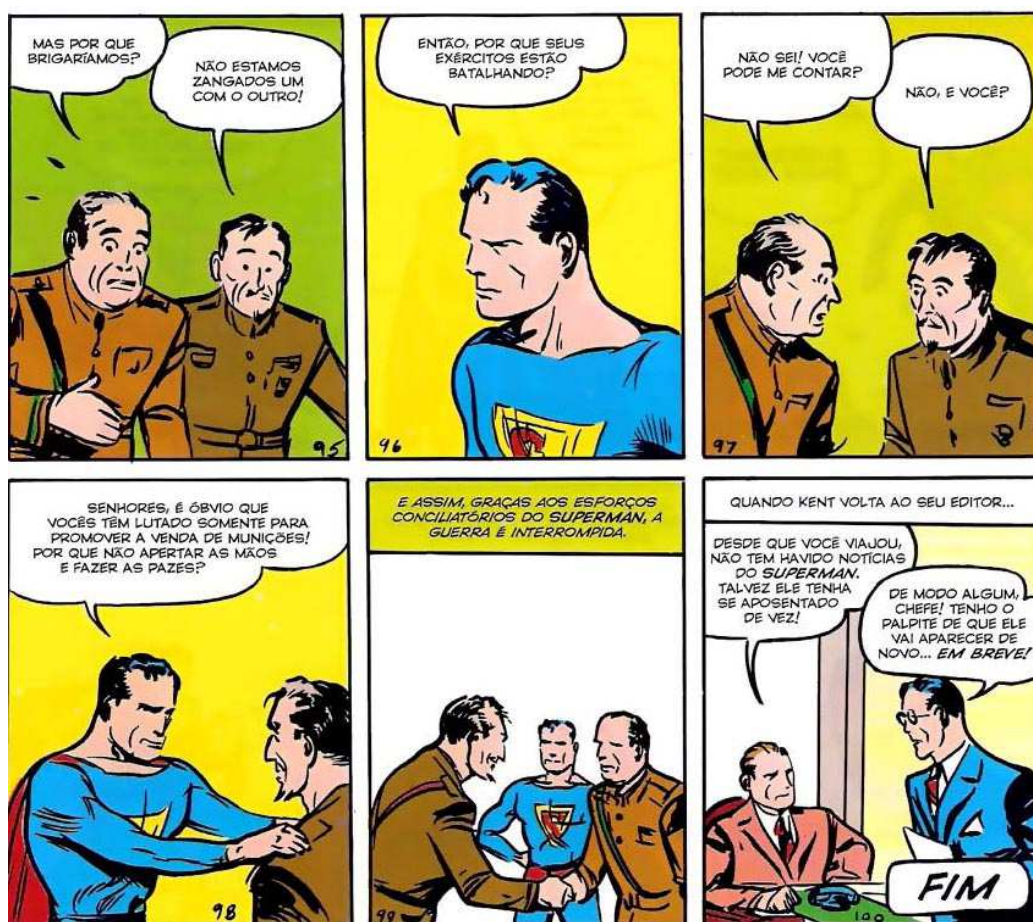


Figura 09 – O Super-Homem força dois generais a encerrarem uma guerra. ([1938] 2008d, p.32).

No enunciado que lemos no antepenúltimo quadrinho da página, o Super-Homem afirma que o único objetivo da guerra travada entre os dois estadistas é promover a venda de munições. O discurso mobilizado pelo sujeito-personagem Super-Homem na história acusa assim a indústria bélica, apontada pelo herói como a única vencedora em um conflito que gera enorme perda de vidas humanas, mas que também produz para esta indústria vastos lucros. Foucault (2000) nos diz que um enunciado nunca existe independente de outros, tem sempre as margens povoadas por outros enunciados. Estes enunciados retomados no novo acontecimento constituem o que Pêcheux (2002) chama de *interdiscurso*, ou seja, dizeres de outros sujeitos enunciados em outro tempo e lugar que são atualizados em cada novo discurso que proferimos. Para analisarmos o discurso presente nesta história, precisamos identificar que interdiscursos a perpassam.

Em 1934, foi estabelecido no Senado dos Estados Unidos o Comitê Especial de Investigação da Indústria de Munições, também conhecido como Comitê Nye, por ter sido presidido pelo senador Gerald Nye. O objetivo deste comitê era estudar as causas do envolvimento norte-americano na I Guerra Mundial, pois havia uma grande desconfiança da população estadunidense a respeito dos reais interesses que levaram o país a tomar parte naquele conflito, e sobre quem realmente tinha lucrado com a guerra à custa de mais de 53 mil vidas americanas perdidas em combate. Ao final do inquérito, ficou evidenciado que os únicos reais vitoriosos foram os fabricantes de armas, que entre 1915 e 1917, haviam lucrado centenas de milhões de dólares fornecendo armamentos primeiro aos países aliados dos Estados Unidos no conflito europeu, e então ao próprio exército dos EUA, quando o país, por sua vez, declarou guerra à Alemanha e seus aliados. Além disso, havia provas de que lobistas da indústria armamentista teriam conspirado para influenciar elementos-chaves do governo americano em sua decisão de tomar parte na guerra.

Os resultados obtidos pelo Comitê Nye (FERRARO, 2010, tradução nossa) foram amplamente divulgados, gerando protestos contra o governo dos Estados Unidos por ter envolvido a nação em uma guerra que não era do interesse do povo americano, mas que ainda assim causara a perda de milhares de vidas inocentes, e deram origem a um movimento popular não-intervencionista, que clamava que apenas a indústria bélica se beneficiava com a participação americana em guerras em solo estrangeiro. Este movimento, chamado isolacionista, resultou em uma série de atos legislativos a partir de 1935 até 1939, chamados *Neutrality Acts*, que restringiam a intervenção dos Estados Unidos em conflitos fora de seu território. No final dos anos 1930, enquanto aconteciam na Europa os primeiros embates que

resultariam na II Guerra Mundial, o discurso do movimento isolacionista era de que o povo americano deveria a todo custo impedir que seu governo e os “mercadores da morte” lançassem sua nação em outra guerra, e são justamente os enunciados desse movimento, que se contrapõem ao discurso belicista do Estado americano, que encontramos atualizados como interdiscursos em Action Comics nº 2. No momento em que o Super-Homem, na página acima destacada, enuncia “Senhores, é óbvio que vocês têm lutado apenas para promover a venda de munições”, ele está recuperando, como materialidade discursiva, os discursos do movimento não intervencionista, e propagando estes discursos para o público leitor de suas histórias mensais que, neste momento, era superior a um milhão de leitores, enquanto outros títulos populares no mercado de quadrinhos da época vendiam de 200 a 400 mil cópias, no máximo. Este número expressivo de leitores atesta a identificação do público americano com o personagem e com os discursos que atravessavam suas histórias.

Na história do Super-Homem publicada na revista Superman nº 02, de 1939, observamos mais uma vez dois discursos que se contrapõem e se complementam. O primeiro, mais evidente, é o discurso pacifista que busca a eliminação dos conflitos entre os povos. Este discurso é mais enfatizado nas histórias do personagem exatamente porque o Super-Homem ocupa a posição-sujeito de herói, portanto, suas atitudes devem ser vistas como benéficas. Já o outro discurso, menos destacado, porém discernível aos olhos do analista, é bastante característico da cultura norte-americana que, conforme destacamos, privilegia o uso da força como meio para resolver os problemas e impor a vontade. Este segundo discurso é autoritário e intimidante.

Na aventura em questão, ao chegar a um país tomado por uma guerra civil, o herói vai até um prédio onde os representantes das facções em conflito estão reunidos. Os estadistas estão em impasse, não aceitam os termos propostos uns pelos outros e não veem maneira algum de chegarem a uma solução para resolver seus dilemas, a não ser por meio do conflito armado. Quando decidem abandonar as conversações de paz e continuar com a guerra, a parede do salão onde eles se encontram é feita em pedaços, demolida por um golpe do Super-Homem, que invade o recinto e declara categoricamente que nenhum deles deixará o prédio até chegarem a um acordo de paz. Vejamos o que se segue à invasão do Super-Homem nos fragmentos reproduzidos da revista, apresentados a seguir:



Figura 10 – O Super-Homem ameaça a vida de estadistas a fim de impor a paz. ([1939] 2008d, p.84).



Figura 11 – As ações do Super-Homem são justificadas pelo clamor popular. ([1939] 2008d, p.85).

Como vemos, o Super-Homem ameaça as vidas dos líderes de Estado para coagi-los a chegar a um acordo de paz. Sem qualquer alternativa, estes se submetem às ordens do herói e, declarada a paz, a população do país comemora exultante, o que justifica perante os olhos do leitor os atos do Super-Homem, apesar do personagem ter ameaçado vidas inocentes e interferido violentamente nas questões de uma nação soberana. Observamos que a solução que a revista propõe para o conflito, além de violenta e autoritária, é simplória, pois a guerra é simplesmente encerrada pelo Super-Homem sem maiores consequências, como se as razões para que ela ocorresse não passassem de mero capricho dos líderes de Estado. É evidente que guerras são em geral ocasionadas por questões complexas de ordem política, econômica, étnica, religiosa, territorial entre muitas outras, mas isto é simplificado na história de forma a facilitar a assimilação dos discursos da revista por seus sujeitos leitores.

2.3 O Enfrentamento às autoridades

A prática de enfrentar abertamente as autoridades constituídas era uma constante nas primeiras histórias do herói, que não tinha o menor problema em quebrar a lei e desafiar os detentores do poder legal e político a serviço do povo. Nem grandes empresários, nem autoridades políticas ou policiais escapavam de sua visão de justiça. Nessas histórias, o Super-Homem age como um campeão social, um Robin Hood que desafia os senhores da lei para ajudar aos necessitados. Se um personagem como o Super-Homem, para ocupar a posição-sujeito de herói, deve obedecer ao discurso legal, então o Super-Homem é, em suas aventuras iniciais, na verdade objetivado no campo discursivo das suas primeiras histórias como um anti-herói, pois suas ações constantemente se opõem ao poder das leis do Estado. O heroísmo do personagem, entretanto, se confirma, pois ele não enfrenta as autoridades a fim de obter benefício próprio, mas sim para ajudar as pessoas que o sistema legal e político falha em proteger. A polícia, por exemplo, é confrontada pelo Homem de Aço em diversas ocasiões, como podemos observar na história que analisamos a seguir, publicada em 1938 na edição nº 8 da revista Action Comics, cuja primeira página está aqui reproduzida:

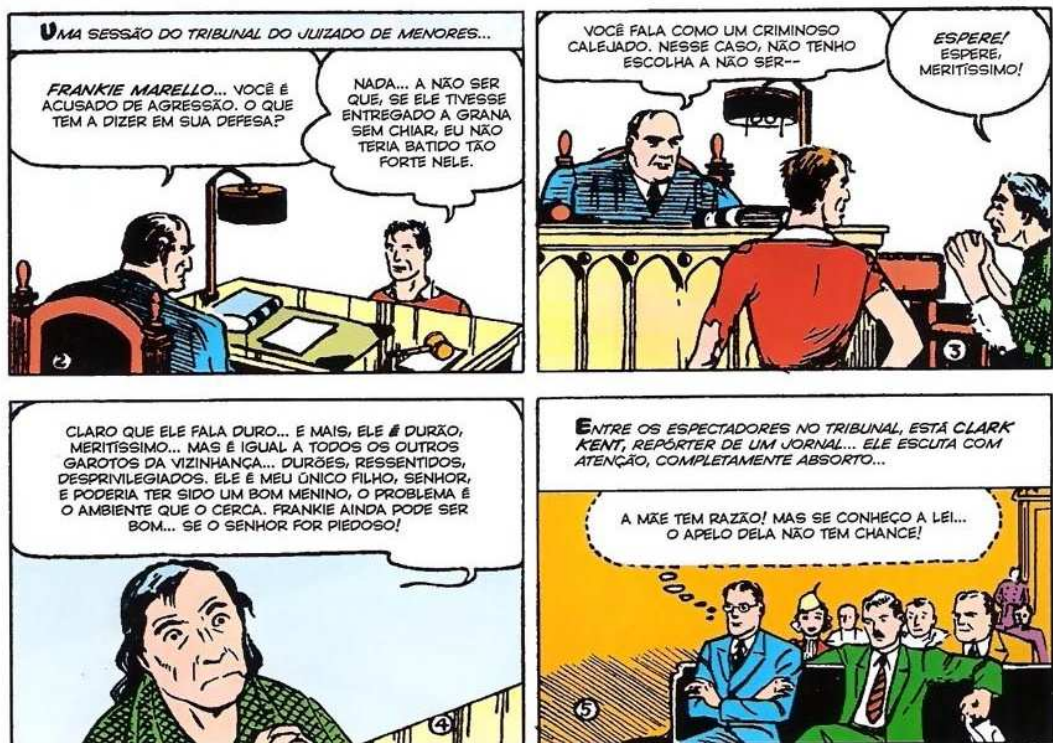
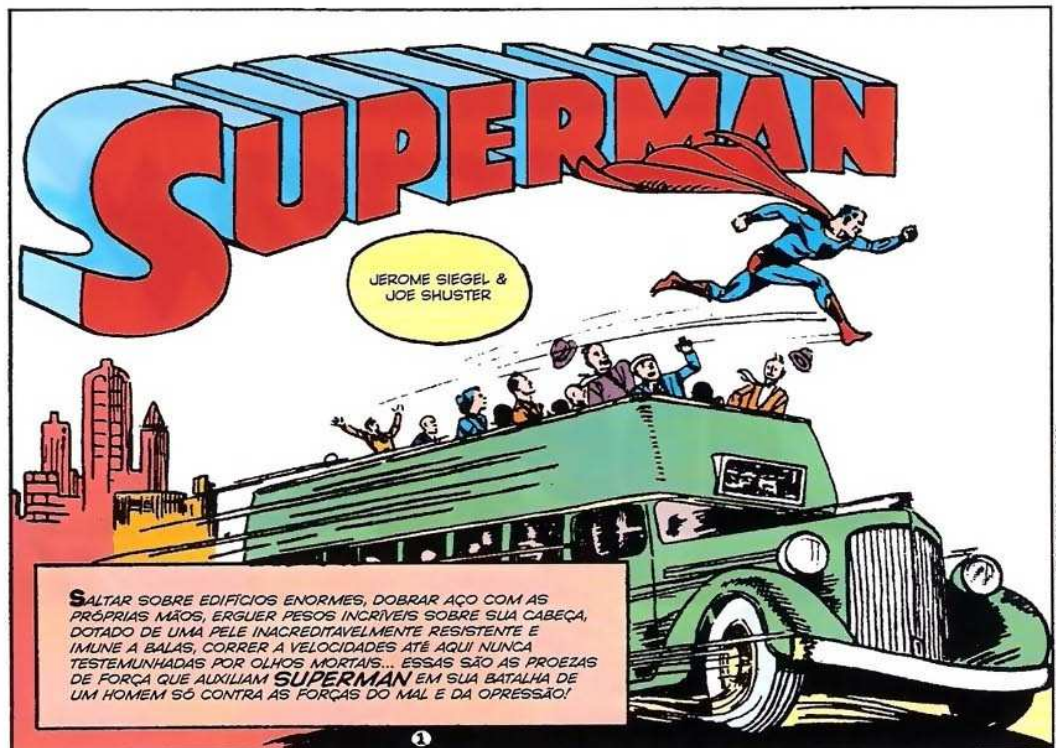


Figura 12 – Mãe de rapaz preso pede ao juiz por clemência. ([1938] 2008d, p.105).

Na história o Super-Homem, em seu disfarce de Clark Kent, assiste ao julgamento de um jovem condenado por assalto. No primeiro quadrinho da página, o narrador em terceira pessoa enuncia que o Super-Homem trava uma “batalha de um homem só contra as forças do mal e da opressão”. Se este é o caso, quem, no campo discursivo destas histórias, representa o mal? Quem oprime e quem são os oprimidos? No julgamento, o rapaz está para ser condenado pelo juiz, representante do discurso da lei, mas a mãe do garoto implora por piedade, dizendo que o menino foi levado ao crime pelas más companhias e pelas condições de extrema miséria do ambiente em que vivia. Este enunciado atualiza como interdiscurso a doutrina do *Determinismo* de Hipolyte Taine, que prega que o homem é um produto do meio (social ou natural), do momento e da raça em que vive.

O sujeito personagem Clark Kent, no último quadrinho da mesma página, pensa que “a mãe tem razão”, concordando, portanto, com os enunciados desta personagem e julgando assim que é culpa da sociedade que o rapaz tenha se voltado para o crime. Kent, no mesmo quadrinho, conjectura que “se conhece a lei, o rapaz não tem chance”, criticando, portanto, abertamente o discurso jurídico. Não importa para o Super-Homem que o garoto tenha sido condenado e sentenciado pela lei. Para ele, a lei foi injusta neste caso, e não deve ser aceita passivamente. Desta forma, de acordo com o discurso de crítica social dos autores da revista mobilizado pelo personagem Super-Homem, é a sociedade a culpada pelo rapaz da história ter se tornado um criminoso. É dever do Estado, ainda de acordo com este discurso, propiciar condições dignas à população para que os jovens não tenham de recorrer ao crime como meio de vida. Assim, o sujeito-autor mobiliza um discurso socialista para denunciar que o Estado falha em suas obrigações, negligenciando os cidadãos mais pobres e permitindo que suas comunidades se transformem em favelas entregues ao domínio de elementos criminosos.

Jerry Siegel e Joe Shuster retratam muito bem este quadro social. Eles o vivenciam e, se na vida real encontram-se tão impossibilitados de provocar mudanças sociais efetivas quanto qualquer cidadão, na revista que produzem estes autores constroem um personagem que é capaz de tomar as atitudes que todos os cidadãos que se acham oprimidos pelo poder gostariam de tomar. Seu personagem é capaz de manifestar sua indignação e fazer valer sua vontade de mudança através do uso da força. Na continuação da história, O Super-Homem decide ajudar o rapaz marginalizado e enfrenta abertamente à polícia para libertar não apenas este garoto, mas também outros jovens que se encontravam na mesma situação, conforme observamos no fragmento a seguir reproduzido da mesma revista:



Figura 13 – O Super-Homem enfrenta a polícia para ajudar jovens marginalizados ([1938] 2008d, p.105).

Mais adiante na história, o Super-Homem acaba com a quadrilha de marginais que fomentava o crime na vizinhança. Isto, entretanto, não é o bastante para ele. As razões que

originam a criminalidade ainda precisam ser combatidas e, para tanto, o herói decide agir de forma radical. Ele pede a todos os moradores do cortiço que deixem suas casas e então começa a destruir com as próprias mãos a favela inteira, como vemos nos fragmentos destacados a seguir:



Figura 14 – O Super-Homem destrói uma favela. ([1938] 2008d, p.111).



Figura 15 – O ataque do Super-Homem beneficia à população. ([1938] 2008d, p.112).

O objetivo do Super-Homem é forçar o governo a tratar o cortiço como área de catástrofe, e assim construir moradias dignas para a população no lugar das que haviam sido destruídas. Conforme vemos nos fragmentos acima, a guarda nacional e a força aérea, braços armados do Estado, são convocados para detê-lo, mas falham. Missão cumprida, o herói deixa o cenário devastado e, poucos dias depois, o governo retira todos os entulhos e começa a erguer modernos condomínios que servirão de moradia à população desabrigada, coisa que não teria feito se o Super-Homem não tivesse agido. Assim, na história analisada, através da luta contra aparelhos de segurança do Estado e da destruição de patrimônio público, o sujeito

herói coage o Estado, retratado aqui mais uma vez como adversário, a promover benfeitorias para os cidadãos. O discurso dos autores Siegel e Shuster, mobilizado através do sujeito personagem Super-Homem faz, portanto, apologia ao uso da força contra as instituições do poder legal e político a fim de forçar estas instituições a agir em benefício dos desprivilegiados. É um discurso de extrema esquerda que beira à subversão, o que faz bastante sentido se considerarmos o contexto histórico-social em que história foi produzida, na época da Grande Depressão de 1929, quando a população carente dos Estados Unidos se viu completamente negligenciada por seus governantes.

De acordo com o enunciado que lemos no primeiro quadrinho da história, o Super-Homem luta contra “o mal e a opressão”, mas nesta história, nós o vemos lutando contra a polícia e contra o exército, ou seja, contra os representantes armados do poder e da segurança do Estado. Serão então os policiais os maus e opressores? Serão malignas as forças armadas? Ou será tirânico o Estado que lançou a polícia e depois o exército contra o Super-Homem? Para Foucault, esta visão seria errônea. Segundo ele:

O Estado não deve ser considerado como “uma entidade que se desenvolveu acima dos indivíduos, ignorando o que eles são e até mesmo sua própria existência, mas, ao contrário, como uma estrutura muito sofisticada, na qual os indivíduos podem ser integrados sob uma condição: a que a esta individualidade se atribuisse uma nova forma, submetendo-a a um conjunto de modelos muito específicos” (FOUCAULT, 1995, p. 237).

Assim, o Estado por si só é apenas uma instituição que existe para submeter uma comunidade de indivíduos a uma ordem social, não sendo inerentemente “bom” nem “mau”. Contudo, um governo que não oferece condições de cidadania ao seu povo pode ser visto sim como tirânico e opressor. É neste contexto que o Estado se torna uma entidade a ser combatida, justificando o discurso de desobediência às leis e contestação ao poder disseminado pelas histórias do Super-Homem.

Já a polícia é um instrumento coercitivo do Estado que, através de vigilância e punição dos infratores, garante que suas leis sejam cumpridas. Embora nessa revista o Estado seja caracterizado como opressor, a polícia não é retratada como vilã pelo discurso da história. Isto é evidenciando quando, no último quadrinho da figura 14, o Super-Homem enuncia que os policiais são bem intencionados, e assim ele não deve perder a cabeça e ferí-los. Os policiais são mostrados na narrativa como defensores da ordem social que enfrentam o Super-Homem porque ele, independente do motivo, confronta o poder jurídico, enquanto a polícia

tem o dever de proteger a lei. Este é o lugar social dos policiais enquanto agentes do Estado. Eles, porém, enquanto indivíduos integrantes do corpo social beneficiado pelas ações ilegais do Super-Homem, aprovam a conduta do herói.

Comprovamos isto no último quadrinho da história, quando o chefe de polícia da cidade, entrevistado por Clark Kent, diz que o repórter pode colocar em seu jornal que a polícia não poupará esforços para prender o Super-Homem por seus crimes, mas que extra-oficialmente acha que o Super-Homem fez uma coisa esplêndida, e que gostaria de cumprimentá-lo. O chefe de polícia ocupa aqui duas posições-sujeito, cada uma com seu próprio discurso. Na primeira posição, ele é o agente da lei e representante do Estado, que afirma que não poupará esforços para prender o Super-Homem por seus atos de desobediência civil. Este é seu discurso oficial, que pode ser publicado no jornal. Já na segunda posição, o personagem fala do lugar social de cidadão que aplaude as ações do Super-Homem, pois julga que elas trouxeram benefícios à sociedade. Esta problemática revela que os autores da história respeitam o trabalho da polícia como força de repressão ao crime, mas condenam o Estado que ela serve. Eles procuram, através do discurso da revista, mostrar a seus sujeitos leitores os problemas sociais e a negligência do governo em solucioná-los, porém não querem voltar este público contra os indivíduos cujo trabalho é proteger a população.

O Super-Homem age na narrativa como uma força independente, exterior ao sistema e que, exatamente por isso, não se sujeita ao poder político. Ele é, na ótica dos sujeitos autores, um agente revolucionário, um “Che Guevara de capa”, um rebelde que usa seu próprio poder violentamente contra as forças da elite governante a fim de proteger a população. Foucault explica que há três tipos de lutas sociais contra o exercício do poder:

Contra as formas de dominação (étnica, social e religiosa); contra as formas de exploração que separam os indivíduos daquilo que eles produzem; ou contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo aos outros (lutas contra a sujeição, contra as formas de subjetivação e submissão) (FOUCAULT, 1995, p.235).

O Super-Homem na história luta contra a exploração, porém, ele próprio utiliza seus poderes para atacar outras pessoas, a fim de forçá-las a mudar sua conduta. Nesse contexto, o personagem também se torna um opressor, o que ratifica a perspectiva de Foucault de que o poder só existe enquanto ato e que não pode ser “possuído”, estando sempre em trânsito.

Outra história que traz no bojo de seu discurso uma crítica à ineficiência das autoridades em garantir o bem-estar da sociedade foi publicada em Action Comics nº 12, de

1939. Na trama, Clark Kent testemunha a morte de um cidadão provocada por um motorista imprudente, conforme vemos no fragmento a seguir:



Figura 16 – O Super-Homem se indigna com a ineficiência das autoridades. ([1938] 2008d, p.156).

No primeiro quadrinho, o narrador em terceira pessoa enuncia as marcas identitárias do Super-Homem. Segundo o texto, o herói pode “saltar prédios altíssimos, erguer pesos incríveis, resistir a tiros, e correr a velocidades nunca antes testemunhadas por olhos mortais”. Estes enunciados constroem o personagem, caracterizando-o como alguém incrivelmente poderoso, dotado de habilidades muito além das dos seres humanos. A seguir, este mesmo narrador apresenta o caráter do Super-Homem, enunciando que ele usa seus poderes para travar “uma batalha solitária contra as forças do mal e da opressão”, o que coloca o personagem na posição-sujeito de herói. Precisamos questionar então quais são os efeitos de sentido que os termos “forças do mal e da opressão” têm na discursividade da revista.

Na história, o Super-Homem se indigna com as péssimas condições do trânsito de veículos na cidade, que causam a perda de vidas inocentes. Estas condições refletem um problema real das grandes metrópoles, que é abordado na revista como a crise a ser enfrentada pelo herói. Na perspectiva dos sujeitos autores, este é um problema social que deveria ser resolvido pelas autoridades, então eles fazem na narrativa com que o personagem Clark Kent, que é um repórter, pergunte ao prefeito do município o porquê de sua cidade ter uma das piores condições de trânsito do país. O prefeito então afirma ter consciência da situação, mas diz que nada pode fazer. Este enunciado denuncia a negligência do poder público, pois a autoridade máxima da cidade, quer seja por falta de recursos ou por pura incompetência, se nega a tentar resolver o problema. O Super-Homem não aceita isso e irá então utilizar seus grandes poderes para resolver o problema por conta própria e forçar as autoridades negligentes a cumprirem seu papel, conforme vemos no seguinte fragmento:



Figura 17 – O Super-Homem confronta um policial que aceita suborno. ([1938] 2008d, p.165).

A formação discursiva de crítica às autoridades constituídas a que esta história pertence é aqui enfatizada. As figuras de autoridade são apresentadas em geral como lentas, ineficientes e, por vezes, corruptas. Podemos constatar isso na leitura dos quatro primeiros quadrinhos do fragmento acima, em que o Super-Homem flagra um policial prestes a aceitar suborno para fazer vista grossa a uma infração de trânsito. Na mesma página, ao ver um aviso de “curva perigosa” em uma estrada, o Homem de Aço cava com as próprias mãos uma nova estrada, evitando assim que motoristas sofram acidentes futuros.

O discurso mobilizado pelos sujeitos autores da história se mostra, mais uma vez, bastante direto: não é obrigação de um herói fictício consertar uma estrada perigosa, mas sim do Estado. O povo paga impostos para que o governo execute tais obras, e ainda assim este governo falha continuamente em suas obrigações. Quando o Super-Homem é colocado para resolver situações que deveriam ser solucionadas pelo poder público, ele denuncia a ineficiência constante das autoridades em cumprir seu papel.

No decurso da narrativa, o herói detém diversos motoristas que dirigiam perigosamente ou sob efeito de bebidas alcoólicas. Depois, vai a uma fábrica de automóveis que produz carros com condições precárias de segurança, e então destrói completamente a empresa. Em seguida, ele invade o depósito municipal onde estão detidos veículos de motoristas que se envolveram em acidentes, esmagando com as próprias mãos todos os carros que lá se encontram. Em cada um desses momentos, o personagem age com violência para atingir seus objetivos. O uso da força, a propósito, sempre foi privilegiado como meio para resolução de conflitos na ficção heróica norte-americana, e as histórias do Homem de Aço seguem este discurso à risca. Desta forma, o Super-Homem usa sua imensa força para tomar o poder daqueles que o exercem mal, porém, nesse processo, acaba ele próprio se tornando aquele a exercer o poder.

Na passagem mais contundente da trama, o Super-Homem testemunha uma séria infração de trânsito cometida impunemente pela autoridade máxima da cidade, o prefeito. Aqui, o discurso da revista de crítica ao poder governamental atinge um novo patamar, pois uma figura de autoridade não apenas é apresentada abusando de seu poder, como também transgredindo as mesmas leis que deveria proteger. Vejamos como o Homem de Aço reage a isso nos fragmentos da história apresentados a seguir:



Figura 18 – O Super-Homem pressiona as autoridades em defesa dos cidadãos ([1939] 2008d, p.166).



Figura 19 – O Super-Homem mostra ao prefeito as conseqüências de sua negligência. ([1939] 2008d, p.167).

Quando o prefeito, ao ser raptado pelo Super-Homem, enuncia que o herói está infringindo a lei, o Homem de Aço não lhe dá ouvidos e prossegue em seu intento, o que revela mais uma vez o discurso de desafio às autoridades mobilizado pelos autores da história por meio do personagem Super-Homem. Este discurso, anárquico, afirma que é válido atacar representantes do Estado e infringir as leis se isso levar ao benefício dos cidadãos. É o que acaba acontecendo na narrativa, pois, ao levar o prefeito à força até um necrotério onde ficavam as vítimas de acidentes automobilísticos, e forçá-lo a encarar sua responsabilidade naquelas mortes por não garantir que as leis de trânsito fossem estritamente cumpridas, o Super-Homem consegue fazer com que o político mude seu discurso. Na conclusão da história, o prefeito promete que a partir de então fará todo o possível para garantir que as leis de trânsito sejam rigorosamente cumpridas pela polícia. É importante observar que o discurso evidenciado nessa revista não é propriamente de crítica ao poder legal, pois o Super-Homem quer que as leis do trânsito sejam cumpridas. Atacar o poder por si só não é resposta, uma vez que este não é uma entidade material a ser confrontada, ou, como diz Foucault:

Não existe algo como “o poder” ou do “poder” que existiria globalmente, maciçamente ou em estado difuso, concentrado ou distribuído. Só há um poder exercido por “uns” sobre os “outros”; o poder só existe em ato, mesmo que, é claro, se inscreva num campo de possibilidade esparso que se apóie sobre estruturas permanentes. (FOUCAULT, 1995, p. 242).

O Super-Homem enfrenta o poder atacando aqueles que exercem o poder, os maus representantes do poder do Estado. Assim, vamos agora à resposta da pergunta que fizemos no início desta análise. Quais os efeitos de sentido do enunciado “o Super-Homem trava uma luta solitária contra o mal e a opressão”, destacado no primeiro quadrinho? Que mal o Super-Homem combateu aqui, e quem eram os opressores? O “mal”, conforme interpretamos com base na formação discursiva de crítica social em que todas as histórias do Super-Homem até aqui analisadas estão inseridas, reside no fato de que todos os problemas combatidos pelo Super-Homem, que ocupa a posição-sujeito de herói do povo, deveriam ser erradicados por aqueles que exercem o poder público, escolhidos e pagos pelo povo por meio de seus impostos para agir em nome deles, mas estes representantes, conforme os efeitos de sentido no campo discursivo das histórias produzidas pelos sujeitos autores Jerry Siegel e Joe Shuster, são coniventes ou incompetentes para desempenhar o trabalho para o qual foram eleitos. Os “opressores”, então, de acordo com o posicionamento ideológico destes sujeitos autores, são as

autoridades que se corrompem e usam do poder que exercem para agir contra os interesses do povo que deveriam representar, ao invés de atuarem a seu serviço.

Em cada uma das histórias analisadas, o herói sempre se posiciona ao lado dos desprivilegiados e contra o *status quo*. Fica claro, nesse contexto, que as histórias do Super-Homem se configuram como uma estratégia de resistência ao poder por parte dos sujeitos autores das revistas, sujeitos estes que ocupam o lugar social de representantes da classe proletária no âmbito da sociedade norte-americana dos anos 1930. Quando seu personagem, o Super-Homem, enfrenta a ganância dos poderosos, o crime, a violência e a corrupção das autoridades em suas histórias, ele está mobilizando um discurso de crítica social e denúncia a esses problemas, que realmente existiam naquele contexto sociopolítico. O discurso presente nas aventuras do herói é o discurso dos despossuídos e oprimidos, conforme evidenciamos nos enunciados do trabalhador acidentado em Action Comics nº3, da mãe do jovem marginalizado em Action Comics nº 8 e na primeira edição desta mesma revista, na qual vimos o salvamento da dona de casa que era espancada pelo marido.

Este discurso de denúncia nas histórias do Super-Homem falava diretamente àqueles que enfrentavam os anos duros da depressão. Aquelas pessoas mal tinham dinheiro para comprar pão, mas ainda assim, as vendas das revistas e jornais em que aparecia o Super-Homem chegavam aos milhões de exemplares. Em *Comic book nation: the transformation of youth culture in America*, Bradford W. Wright nos conta que “as histórias do Super-Homem de Siegel e Shuster levavam os jovens, marginalizados e despossuídos “Clark Kents” a se reafirmarem como parte da sociedade, a se empenharem em tomar parte de uma cultura nacional inclusiva. Os criadores do Super-Homem idealizaram seu herói como um “campeão dos oprimidos”, devotado a ajudar aqueles que necessitam” (2001, p. 11, tradução nossa). A exemplo das histórias até aqui analisadas, cada nova edição de Action Comics, e posteriormente da própria revista Superman, continuava a mostrar o herói enfrentando, além de elementos criminosos, autoridades policiais e políticas abusivas ou corruptas, e representantes da elite econômica dispostos a explorar a miséria da população.

Podemos compreender que as aventuras do Super-Homem difundiam valores morais simples, mas poderosos. De acordo com o discurso destas histórias, a justiça sempre prevalece no final, o crime jamais é solução para nada e os maus, por mais poderosos que sejam, serão sempre punidos. Esses valores contribuem para construir a subjetividade dos indivíduos que leem tais histórias, em sua maioria, nesse caso, jovens e crianças, e constituem esses

indivíduos em *sujeitos morais*, ou seja, imbuídos dos valores e comportamentos que uma dada sociedade elege como “morais” em um determinado contexto sócio-histórico. Seria um sujeito moral na idade média, por exemplo, aquele que considerasse os dogmas da igreja católica como verdades incontestáveis, incluindo aí a condenação à morte na fogueira de mulheres acusadas por bruxaria. Nos anos 1950, um sujeito tido como “moral” defenderia além de valores que nos acompanham até nossos dias, como a honestidade e a caridade, outros já em xeque em tempos mais recentes, como a condenação ao sexo antes do casamento. Uma vez que as revistas do Super-Homem atuam como difusoras do discurso moral que regia a América dos anos 1940, ou seja, do conjunto de regras, valores, comportamentos e leis em voga neste corpo social, estas revistas estão inseridas no universo das *técnicas de si*, assim definidas por Foucault:

Os procedimentos, que sem dúvida, existem em toda civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos pra fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças às relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si (FOUCAULT, 1997, p.109).

As *técnicas de si* são práticas de caráter prescritivo que propõem ao indivíduo determinado conjunto de valores e normas de conduta, que constituem o que Foucault chama de “código moral”. Estas técnicas vão desde os ensinamentos bíblicos e práticas educativas até a ficção, na medida em que ela sirva de disseminadora dos discursos tidos como “morais” em um dado contexto sócio-histórico. Todas as histórias do Super-Homem que analisamos em nosso estudo são imbuídas de discursos de caráter moral, tendo assim a faculdade de modelar a identidade dos indivíduos que as leem, em sua maioria, crianças e adolescentes. Como observamos, estes discursos morais foram associados, nas primeiras histórias do personagem, a discursos de crítica social e contestação ao poder, mas isso logo mudaria.

Nas camadas superiores da sociedade americana, o sucesso e o alcance das histórias do Super-Homem não passaram despercebidos. O personagem conquistara os corações e mentes de milhões e, se utilizado da maneira correta, poderia difundir qualquer discurso que interessasse àqueles que exerciam o poder. O processo de assimilação do Super-Homem começou ainda em 1938, quando Siegel e Shuster venderam por um preço módico os direitos de sua criação para a editora DC Comics, mas os primeiros sinais de que a carga político-ideológica das histórias do herói estava sendo invertida só surgiram em 1940. Antes desse momento, como já expusemos, o Super-Homem exercia uma postura de desafio às autoridades constituídas em prol dos oprimidos. Suas histórias, conforme demonstramos, até

então difundiam o discurso da classe submetida ao poder em resposta àqueles que o exerciam, além de um discurso pacifista que condenava a participação dos Estados Unidos em conflitos fora de seu território, conforme verificamos nas análises das primeiras edições das revistas Action Comics e Superman.

Como vimos anteriormente, os sistemas de formação das práticas discursivas que têm lugar em um contexto sócio-histórico específico se comunicam sob a forma do que Foucault denomina positivities. Estas positivities regem o aparecimento, permanência e extinção dos enunciados que circulam em um dado tempo e lugar. Antes de 1940, é possível identificar como positividade entre os enunciados que circularam na sociedade norte-americana da época uma predominância de discursos anti-guerra e não-intervencionistas. As positivities, entretanto, mudam. A arqueologia de Foucault procura compreender as condições que levam ao término de uma positividade e ao início de outra, analisando como os fatos discursivos anteriores a um acontecimento ao mesmo tempo determinam e explicam este acontecimento. Neste caso, para entender o porquê dos discursos inscritos em formações discursivas que se opunham ao envolvimento norte-americano em conflitos estrangeiros terem sido descontinuados e substituídos pelo discurso de apoio à participação dos Estados Unidos na II Guerra Mundial, precisamos conhecer os fatores que levaram a América à guerra contra as forças do Eixo.

Em 1940, as expansões territorialistas de Hitler na Europa e as conquistas que a Alemanha e seus aliados, a Itália e o Japão, empreendiam na África, na Ásia e no Oceano Pacífico, geravam uma forte inquietação no Estado americano, que via seus interesses políticos e econômicos nestes territórios serem ameaçados. Para agravar este quadro, a Inglaterra e a França, aliados históricos dos Estados Unidos na Europa, estavam sob ataque nazista, sendo que a França foi dominada naquele mesmo ano. O temor e a indignação também cresciam entre a população dos EUA, que receava um eventual ataque das forças do Eixo aos Estados Unidos caso Hitler não fosse detido. Vários segmentos políticos passaram a tentar convencer a sociedade americana a apoiar a intervenção dos EUA no conflito na Europa. O então presidente Franklin Delano Roosevelt, tendo feito uso eficiente dos meios de comunicação para difundir sua política durante os anos da Depressão, compreendia bem o poder da mídia moderna em influenciar as atitudes do público. Assim, as agências governamentais de informação fizeram contato com empresas produtoras de entretenimento para, atendendo ao presidente, fazer o possível para que seus produtos gerassem apoio público contra a causa do Nazismo.

A DC Comics, editora proprietária dos direitos sobre o Super-Homem, foi uma das muitas organizações a participar deste esforço de propaganda. A nova diretriz da empresa estava em conformidade com a visão da grande maioria de seus criadores de quadrinhos, judeus e liberais que condenavam abertamente o Nazismo, e que estavam desejosos de expressar sua ideologia em seu trabalho. Entre estes estavam Jerry Siegel e Joe Shuster, os criadores do Super-Homem. Como vimos anteriormente, o Homem de Aço lutou na história publicada em Action Comics nº 2, de 1938, para impedir que os Estados Unidos se envolvessem em uma guerra em outro país. O herói ainda impediu guerras em diversas outras edições de suas revistas e foi declarado nestas mesmas histórias “defensor da paz universal”. Suas histórias estavam, portanto, inseridas em uma formação discursiva pacifista, vigente na época, que se opunha à intervenção americana em conflitos estrangeiros.

Os *jogos de verdade* em 1940, entretanto, eram outros, e a filosofia pacifista dos que apregoavam a neutralidade não era mais válida em um momento em que se tentava convencer toda uma nação da necessidade de se ir à guerra contra as forças do Eixo. É neste momento que as positivities mudam. O discurso anti-belicista dá lugar a outro que exige que os Estados Unidos tomem parte ativamente do conflito. Assim, para instigar a nação, o Super-Homem foi lutar na II Guerra Mundial antes mesmo que os Estados Unidos o fizessem. É o que vemos nos fragmentos a seguir:



Figura 21 – O Super-Homem captura Hitler e Stalin. ([1940] 2008c, p.15).

Esta história foi publicada na revista *Look Magazine*, em fevereiro de 1940, quase dois anos antes do ataque japonês à base americana de Pearl Harbor em sete de dezembro de 1941, e cerca de sete anos antes do início da Guerra Fria. Como vemos, o herói invade a Alemanha nazista sozinho e derrota os exércitos do Führer, capturando o próprio Hitler, e depois parte para a Rússia comunista, onde captura o líder do país, Josef Stalin. Curiosamente, Stalin não estava entre os aliados de Hitler na guerra, mas o Super-Homem na história vai ao ataque contra o ditador russo assim mesmo, pois os Estados Unidos já reconhecem então na União

Soviética o inimigo que iriam enfrentar anos depois na Guerra Fria. O que observamos nessa história é, mascarado na figura do personagem Super-Homem, o discurso da América enquanto potência belicista para se lançar em combate não apenas contra as forças de Hitler, mas também contra a crescente influência do comunismo em território europeu, que já era uma ameaça para os EUA na década de 1940 e se tornaria um perigo constante anos depois, quando se deu a Guerra Fria.

Quando os Estados Unidos entraram oficialmente na II Guerra Mundial em 1941, após o ataque japonês à Pearl Harbor, o Super-Homem já estava em todos os lugares, dispersando em suas revistas um discurso que conclamava o povo americano a lutar contra as forças do Eixo formado pela Alemanha, Itália e Japão, conforme observamos nas capas apresentadas a seguir, recortadas de revistas publicadas no início da II Guerra.

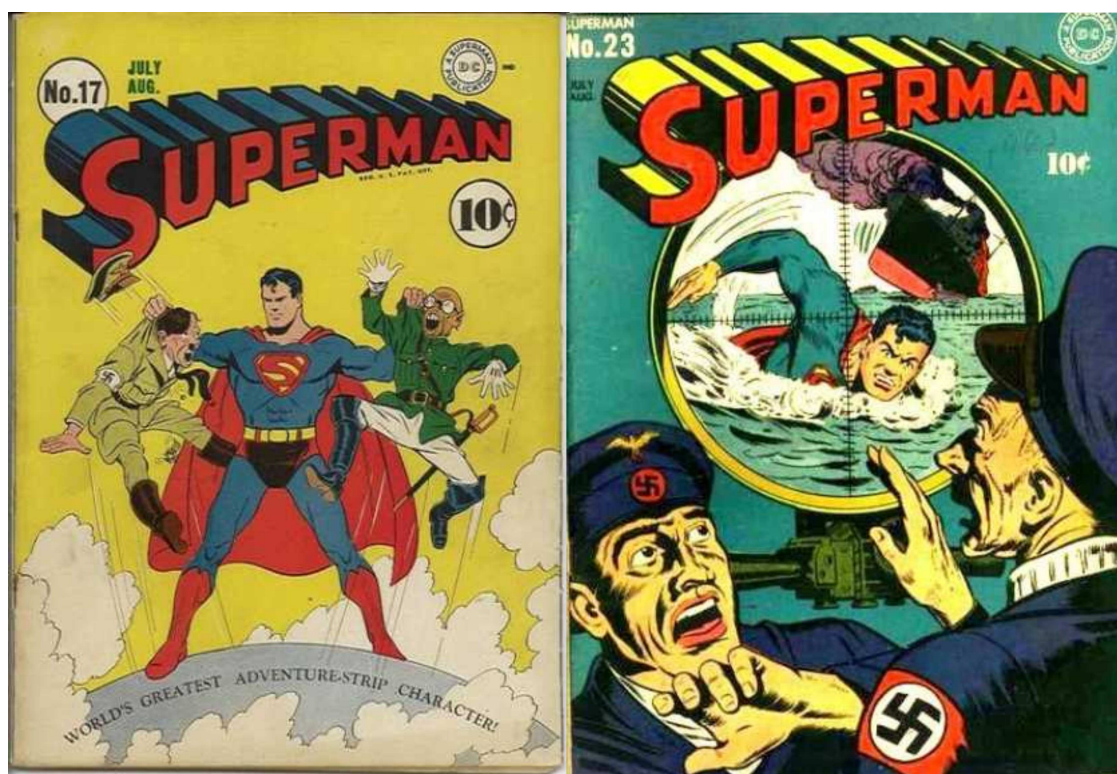


Figura 22 – O Super-Homem confronta as nações do Eixo (1941).

Havia anúncios com o Homem de Aço nos jornais pedindo ao povo americano para comprar bônus de guerra, que eram títulos de capital produzidos pelo governo para ajudar a financiar as forças armadas. As capas das edições de suas revistas publicadas no período da guerra eram pura propaganda. Nelas, o herói, trajando seu uniforme com as cores da bandeira dos Estados Unidos, enfrentava nazistas e japoneses, sempre retratados com aspecto malévolo

ou idiotizados. O herói americano chegou a dizer aos seus leitores em certa capa que, se eles e seus pais comprassem bônus de guerra, estariam “esbofeteando um japonês”, difundindo assim um discurso de intolerância contra os povos das nações adversárias dos Estados Unidos na guerra. Em outras capas, ele andava de braços dados com as forças armadas americanas, em um discurso explicitamente pró-belicista. Em cada uma dessas revistas, não era na verdade o Super-Homem que enfrentava os inimigos da América, mas sim a máquina de guerra americana camuflada em sua figura. Nos pacotes de suprimentos que eram enviados aos soldados americanos na frente de batalha, havia revistas do herói desfilando de braços dados com representantes das forças armadas, em um discurso de apoio à América, representada na figura do sujeito-herói Super-Homem, aos seus soldados na frente de batalha, incentivando estes homens a lutar com afinco. É o que observamos nos enunciados imagéticos apresentados a seguir, recortados das capas de revistas da época:



Figura 23 – O Super-Homem apoiando as forças armadas dos Estados Unidos (1943).

Essas revistas eram consumidas também nos países europeus, e não eram desconhecidas nem mesmo pelas crianças alemãs que, ao conseguirem adquirir tais revistas, inocentemente entravam em contato com o discurso dos inimigos de sua própria pátria. Sabe-se que o ministro de propaganda de Hitler, Josef Gobbels, se irritava com as revistas do Super-Homem, pois discernia nelas o discurso de confrontação aos ideais do Nazismo e sabia que, por meio destas histórias, este discurso chegava aos jovens de seu país.

2.4 A reversão do discurso

Após a II Guerra, os Estados Unidos entraram em um período de prosperidade econômica e estabilidade social. Neste período, contudo, a intolerância da elite econômica e política americana a qualquer discurso de contestação aos seus valores foi radicalmente intensificada. A defesa por parte do Estado às instituições legais, políticas e mesmo aos núcleos familiares foi exacerbada em todos os âmbitos da sociedade. Em tempos de Guerra Fria, qualquer simpatia por parte de cidadãos americanos ao discurso comunista era severamente repreendida pelo governo, como veremos mais adiante neste trabalho. A instituição da família patriarcal e harmoniosa era considerada sagrada pela sociedade da época, e essa imagem familiar era propagada pela produção cultural através da televisão, do cinema e da literatura. O discurso de defesa à família, entretanto, era alicerçado por uma visão ideologicamente reacionária do papel da mulher, relegada ao status de dona de casa e mãe sem possibilidade de desempenhar outros papéis na sociedade. O divórcio era repreendido e práticas homossexuais, severamente condenadas. O preconceito contra cidadãos americanos que não se encaixavam na imagem utópica da América dos anos 1950, como os mais pobres, os negros, os hispânicos, os imigrantes e outras minorias, era praticamente institucionalizado.

Nesse contexto, não interessava à elite governante dos Estados Unidos um personagem extremamente popular que se opusesse aos seus valores e ao capitalismo, principalmente em um mundo onde o comunismo era uma ameaça. A editora DC Comics, por sua vez, precisava vender revistas e não estava disposta a ser uma nota dissonante no coro de aceitação ao discurso do poder. Jerry Siegel e Joe Shuster já não tinham controle criativo sobre seu personagem há uma década, e os novos escritores seguiam as políticas da editora. Assim, a assimilação do Super-Homem pelos discursos da classe social americana dominante se completou. Se em 1938 o Homem de Aço lutava pela paz, como mostramos, dos anos 1950 em diante ele foi porta-voz do discurso belicista americano. Se, em sua gênese, o personagem se opunha ao Estado quando este oprimia os cidadãos carentes e marginalizados, como também evidenciamos, no contexto histórico social do pós-guerra, ele se tornou defensor incondicional do *status quo*, um herói do sistema, e não do povo, como um dia havia sido. O Super-Homem, a partir daí, não mais desafiava empresários corruptos ou as autoridades constituídas. O lema do personagem passa a ser “defender a verdade, a justiça e o modo de vida americano”. O herói se torna praticamente uma figura de autoridade, sempre aliado às forças policiais e políticas, conforme vemos nas edições de suas revistas publicadas no final da década de 1940 e início dos anos 1950:



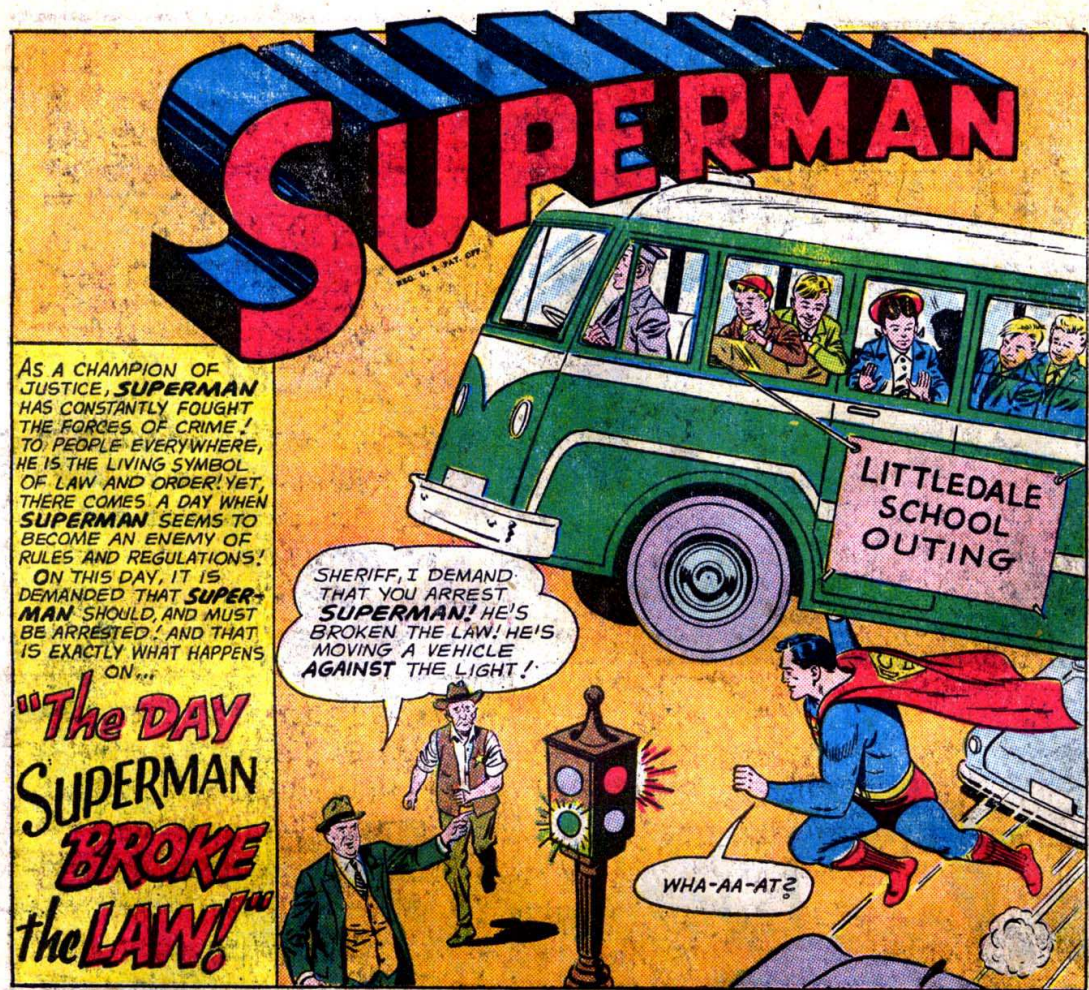
Figura 24 – O Super-Homem ao lado das autoridades (1948).

A postura de rebeldia, na perspectiva do Estado, que o personagem tinha em sua gênese é posta de lado, e o Super-Homem assume o papel de figura paternal para os jovens. Ele é, nas histórias publicadas a partir dos anos 1950, um defensor do núcleo familiar patriarcal, e prega para as crianças aceitação e obediência. Obediência aos pais, aos professores, às leis e a todos os poderes que se ocultam por trás dessas instituições. Nas novas histórias do Super-Homem, a lei jamais é questionada. As razões sociais que dão origem à criminalidade nunca são abordadas. Não há mais crítica social. Temas como a violência urbana e a miséria na sociedade são trocados por aventuras infantis em que o herói enfrenta alienígenas, monstros e cientistas loucos. Quando temas políticos são apresentados nas revistas, como o comunismo, qualquer personagem que se oponha ao discurso do capitalismo americano é retratado como vilão. O Homem de Aço, outrora um contestador do poder, passa a representar as várias facetas do poder da elite governista. Ele personifica os discursos do poder político, do poder jurídico, do poder militar e até mesmo do pátrio poder, se considerarmos que a influência do Estado se estende às instituições familiares. É o símbolo do Estado enquanto guardião zeloso de seus cidadãos.

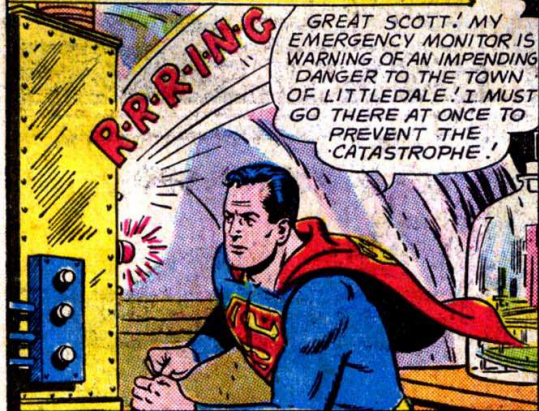


Figura 25 – O Super-Homem objetivado como uma figura paternal (1950).

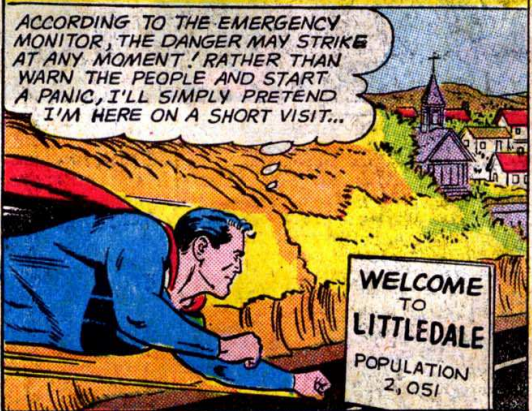
Como mencionamos no primeiro capítulo, toda relação de poder implica uma contraposição, uma força de resistência, pois o poder só pode ser exercido sobre indivíduos que tenham a possibilidade de reagir, de dispersar discursos contra-ideológicos. O objetivo final destas forças de reação, contudo, é assumir uma posição em que estas possam conduzir à ação dos outros, estabelecendo uma nova ordem, um novo *status quo*. Assim, como diz Foucault, “toda estratégia de luta sonha em se tornar relação de poder” (FOUCAULT, 1995, p.248). A história que analisamos a seguir, publicada na edição nº 153 da revista Superman, de 1962, constitui uma materialidade discursiva que exemplifica perfeitamente esta proposição foucaultiana. Vejamos sua primeira página:



INSIDE HIS SECRET FORTRESS ONE DAY, AN EMERGENCY ALARM INSPECTION ALERTS **SUPERMAN**...



WITH SUPER-SPEED, THE **MAN OF STEEL** RACES TO THE SMALL TOWN IN THE PATH OF PERIL...



"This periodical may not be sold except by authorized dealers and is sold subject to the conditions that it shall not be sold or distributed with any part of its cover or markings removed, nor in a mutilated condition, nor affixed to, nor as part of any advertising, literary or pictorial matter whatsoever."

SUPERMAN, No. 153, May, 1962. Published monthly, with the exception of March, June, Sept. and Dec. by NATIONAL PERIODICAL PUBLICATIONS, INC., 2nd and Dickey Streets, SPARTA, ILL. Editorial Executive offices and Subscriptions, 575 LEXINGTON AVENUE, NEW YORK 22, N. Y. Mort Weisinger, Editor. SECOND CLASS POSTAGE PAID AT SPARTA, ILL. under the act of March 3, 1879. Yearly subscription in the U. S., \$1.15 including postage. Foreign, \$2.30 in American funds. For advertising rates address Richard A. Feldon

& Co., 205 East 42nd Street, New York 17, N. Y. © 1962 by National Periodical Publications, Inc. All rights reserved under International and Pan-American Copyright Conventions. Except for those who have authorized use of their names, the stories, characters and incidents mentioned in this periodical are entirely imaginary and fictitious, and no identification with actual persons, living or dead, is intended or should be inferred.

Printed in U.S.A.

Figura 26 – O Super-Homem objetivado como um “símbolo da lei e da ordem”. (1962, p. 01).

QUADRO 1:

Bloco de narração, à esquerda: Como um campeão da justiça, o Super-Homem constantemente enfrentou as forças do crime. Para as pessoas em todos os lugares, ele é o símbolo vivo da lei e da ordem. Entretanto, parece ter chegado o dia em que o Super-Homem aparentemente se torna o inimigo das leis e regulamentos. Neste dia, é exigido que o Super-Homem seja preso. E isso é exatamente o que acontece no **dia em que o Super-Homem quebrou a lei**.

Homem de verde: Xerife, eu ordeno que você prenda o Super-Homem. Ele quebrou a lei. Ele está movendo o veículo e desrespeitando o sinal vermelho!

Super-Homem: O- O quê?

QUADRO 2:

Bloco de narração: Certo dia, em sua fortaleza secreta, um alarme de emergência alerta o Super-Homem.

Super-Homem: Meu monitor de emergência está me avisando de um perigo iminente na cidade de Littledale. Eu devo rumar para lá imediatamente para impedir a catástrofe.

QUADRO 3:

Bloco de narração: Com sua super-velocidade, o Homem de Aço rumo para a cidade em perigo.

Super-Homem: De acordo com meu monitor de emergência, o perigo surgirá a qualquer momento. Para evitar causar pânico, é melhor eu não alertar o povo da cidade e fingir que estou aqui para uma visita.

No título da história em português, “O dia em que o Super-Homem quebrou a Lei,” o uso do artigo definido “O” já é, por si só, bastante revelador. Significa que, no contexto sócio-histórico em que a ela foi produzida, o Super-Homem desafiar a lei constituía um fato único, inédito, o que se contrapõe às histórias por nós analisadas anteriormente, em que o desafio do Super-Homem às autoridades constituídas era um tema recorrente. A mudança do discurso pode ser também percebida logo no primeiro quadrinho da página da revista aqui reproduzida. Enquanto nas histórias do Super-Homem da década de 1930 ele era descrito como um “um herói que trava uma batalha de um homem só contra as forças do mal e da opressão”, nesta

história de 1962, é enunciado no bloco de narração à esquerda, no quadrinho que abre a página, que o Super-Homem “é um campeão da justiça que luta constantemente contra as forças do crime. Para pessoas de todo mundo, ele é um símbolo vivo da lei e da ordem.” (1962, p. 01, tradução nossa). Assim, o personagem que surgiu simbolizando um discurso de confrontação ao poder torna-se, neste momento, defensor das relações de poder. É, em suma, a materialização da perspectiva foucaultiana sobre poder e estratégias de resistência. Vejamos como isso é mostrado na discursividade da história.

Assim que chega à cidade, ele é saudado tanto pelo prefeito do município quanto pelo chefe de polícia, e bem recebido por toda a população local. A única pessoa preocupada com a chegada do herói é um certo advogado chamado Finch, que planejava roubar toda a verba que o governo federal havia destinado à cidade para a construção de um hospital, e via na presença do herói uma ameaça para a concretização de seus planos. Em meio aos aplausos, o Super-Homem vê um elefante em fuga do circo da cidade ameaçar esmagar uma criança em seu caminho. Ele então voa em super-velocidade para deter o animal, rompendo a barreira do som. Finch então elabora um ardil para forçar o Super-Homem a deixar a cidade, usando contra ele o discurso jurídico. É o que vemos nas páginas a seguir, também reproduzidas da revista Superman nº 153:



SUPERMAN



Figura 27 – O discurso jurídico sendo usado contra o Super-Homem. (1962, p. 03).

QUADRO 1:

Bloco de narração: Meio segundo depois...

QUADRO 2:

Super-Homem: Agora eu vou levar este elefante de volta para o circo.

Garota: Oh, Super-Homem, você é maravilhoso.

QUADRO 3:

Bloco de narração: Mas quando o Super-Homem retorna...

Finch: Quando o Super-Homem quebrou a barreira do som, ele criou um estrondo terrível! Obviamente, ele ignorou aquela placa que claramente afirma que esta é uma área onde é exigido silêncio. Eu exijo que ele seja preso por quebrar a lei.

Xerife: Huh! Mas ... Mas ele teve de ser rápido assim para poder salvar a vida da criança.

QUADRO 4:

Finch: Verdade, mas ele quebrou a lei assim mesmo. Xerife, cumpra seu dever.

Xerife: Eu... Eu sinto muito, Super-Homem.

QUADRO 5:

Bloco de narração: E assim, Super-Homem vai a julgamento.

Juiz: Super-Homem, eu temo que deva declará-lo culpado das acusações, mas uma vez que este é seu primeiro delito, felizmente posso suspender a sentença.

Super-Homem: Eu agradeço, meritíssimo.

QUADRO 6:

Bloco de narração: Pouco depois...

Finch: Super-Homem, eu espero que você entenda que a lei deve ser cumprida e...

Super-Homem: Um minuto, conselheiro. Aquela ponte está desabando, e há carros sobre ela.



SUPERMAN

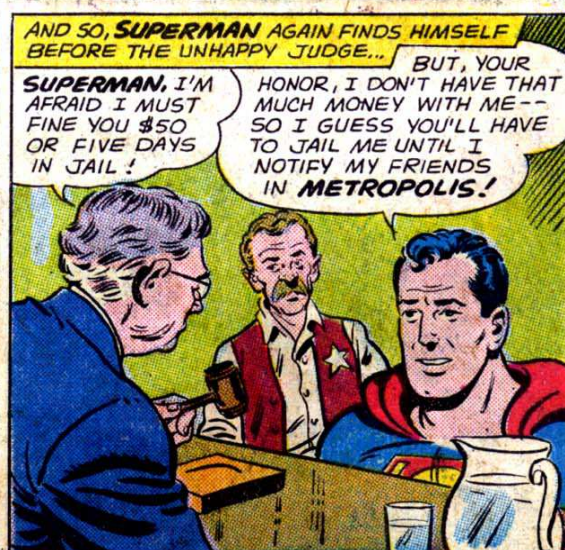
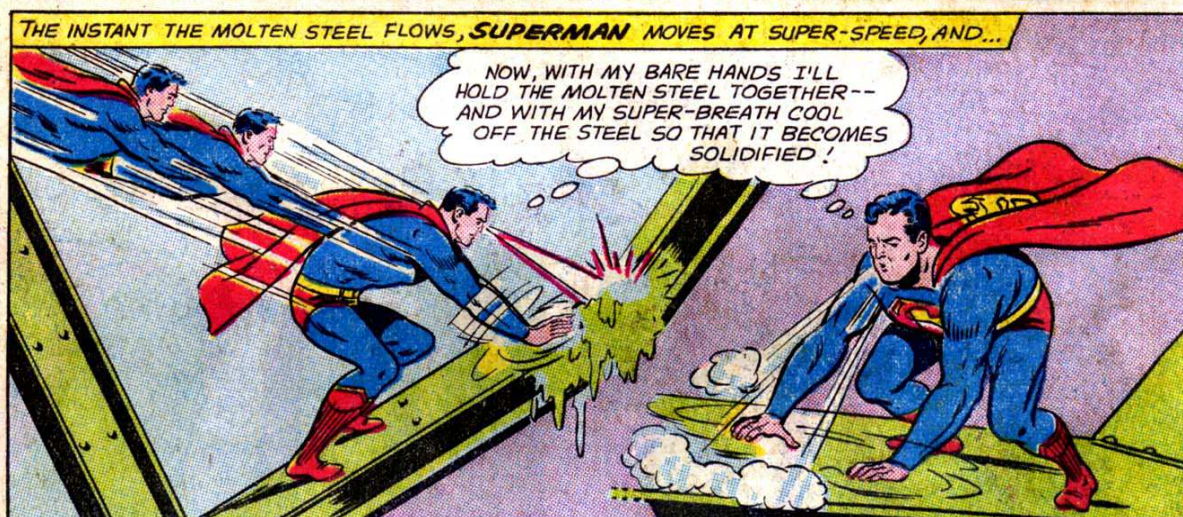
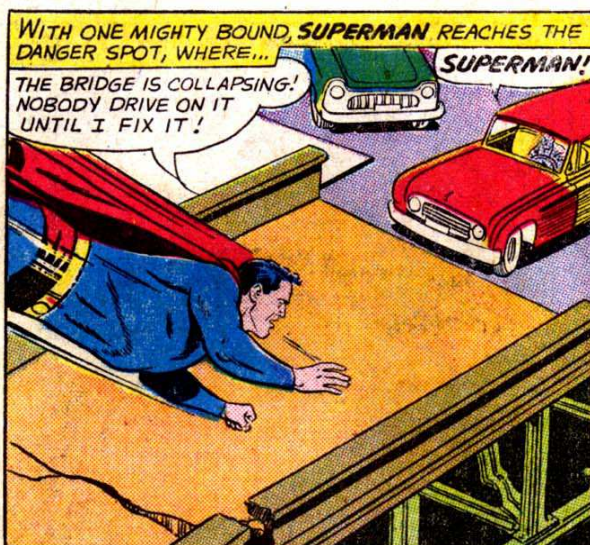


Figura 28 – O herói se sujeita ao poder do Estado, aceitando ser preso sem resistir. (1962, p. 04).

QUADRO 1:

Bloco de narração: Alçando vôo, Super-Homem chega rapidamente ao local do perigo, onde...

Super-Homem: A ponte está desabando. Ninguém deve passar sobre ela até eu consertá-la.

QUADRO 2:

Bloco de narração: Como um titã moderno, o Homem de Aço suspende a ponte em seus ombros.

Super-Homem: Agora, com minha visão de calor, eu derreterei o suporte que está rompendo.

QUADRO 3:

Bloco de narração: No momento em que o metal é derretido, Super-Homem se move em super-velocidade e...

Super-Homem: Agora, com minhas mãos, eu moldarei o aço derretido e, com meu super-sopro, eu o resfriarei deixando o suporte sólido e firme.

QUADRO 4:

Bloco de narração: Depois que o Super-Homem libera a passagem para os motoristas...

Finch: Xerife, embora Super-Homem tenha evitado o perigo, ainda assim ele **quebrou a lei** que declara que apenas um funcionário público pode deter o tráfico. Eu exijo que o senhor o prenda por bloquear o tráfico.

Xerife: O que? Oh, não. Não de novo!

QUADRO 5:

Bloco de narração: E assim, Super-Homem mais uma vez vai a julgamento.

Juiz: Super-Homem, eu lamento, mas devo condená-lo a pagar uma multa de 50 dólares ou permanecer cinco dias na cadeia.

Super-Homem: Mas, meritíssimo, eu não tenho esse dinheiro comigo. Assim, não tenho escolha a não ser ficar preso até que consiga pedir ajuda a meus amigos em Metrópolis.

Após a prisão do Super-Homem, todo o povo da cidade, inclusive as crianças, faz uma cota para reunir o dinheiro da fiança, e com isso liberta o herói da prisão. Enquanto agradece aos cidadãos pelo empréstimo, o Homem de Aço assina autógrafos para diversas crianças e, acidentalmente, deixa cair um pedaço de papel no chão. Finch não perde tempo e dessa vez acusa o herói de sujar a rua, o que é considerado um delito grave naquela cidade. Assim, o Super-Homem é levado à justiça mais uma vez, porém dessa vez é preso, enquanto os comparsas de Finch executam o roubo. Felizmente, valendo-se de sua autoridade, o xerife liberta o Super-Homem sob sua custódia para ir ao encalço dos criminosos. Finch, entretanto, consegue ultrapassar o limite estadual antes que os defensores da lei o alcancem. Como o Super-Homem estava sob custódia do xerife municipal, e este não tinha jurisdição no estado vizinho, o vilão se viu a salvo, apesar de estar a poucos metros de distância de seus perseguidores cujas mãos estavam atadas pela lei. No último momento, contudo, o Homem de Aço consegue iludir Finch para que este dispare sua arma contra o homem da lei, o que é considerado um crime federal. Imediatamente o Super-Homem ultrapassa a divisa estadual e prende o vilão que lhe causou tantos problemas, concluindo a história.

Será possível que esse é o mesmo Super-Homem que, em suas primeiras aventuras, não se detinha diante de nada na defesa do cidadão comum, desafiando abertamente as autoridades e transgredindo as leis para fazer valer a justiça? O herói das revistas publicadas na década de 1930, que invadia mansões de governadores, lutava contra a polícia, confrontava o exército, ameaçava prefeitos e destruía propriedades jamais teria aceitado ir passivamente pra cadeia apenas para atender regulamentos burocráticos. Os jogos de verdade materializados nessa história em quadrinhos são claros: ninguém, por qualquer motivo que seja, pode ir contra lei, e todas as autoridades merecem respeito máximo. É considerado “verdadeiro” na discursividade da história que não é permitido a nenhum indivíduo, nem mesmo ao Super-Homem, desafiar o poder constituído ou ir contra o sistema, sob nenhuma justificativa, e é este discurso de submissão ao poder do Estado que é disperso para todos os sujeitos leitores que acompanham avidamente suas aventuras.

Sobre vários aspectos, as revistas do herói neste contexto sócio-histórico desempenham o papel de “manuais de obediência civil”. As aventuras do Super-Homem passam a veicular novos valores, não mais mobilizando discursos de contestação ao poder ou

justiça social, mas sim se identificando com o discurso do poder governamental por meio de enunciados disfarçados como pedagógicos. O Super-Homem passa a ser um novo herói, porta-voz da elite que “controla” as verdades sociais que manipulam o povo americano.

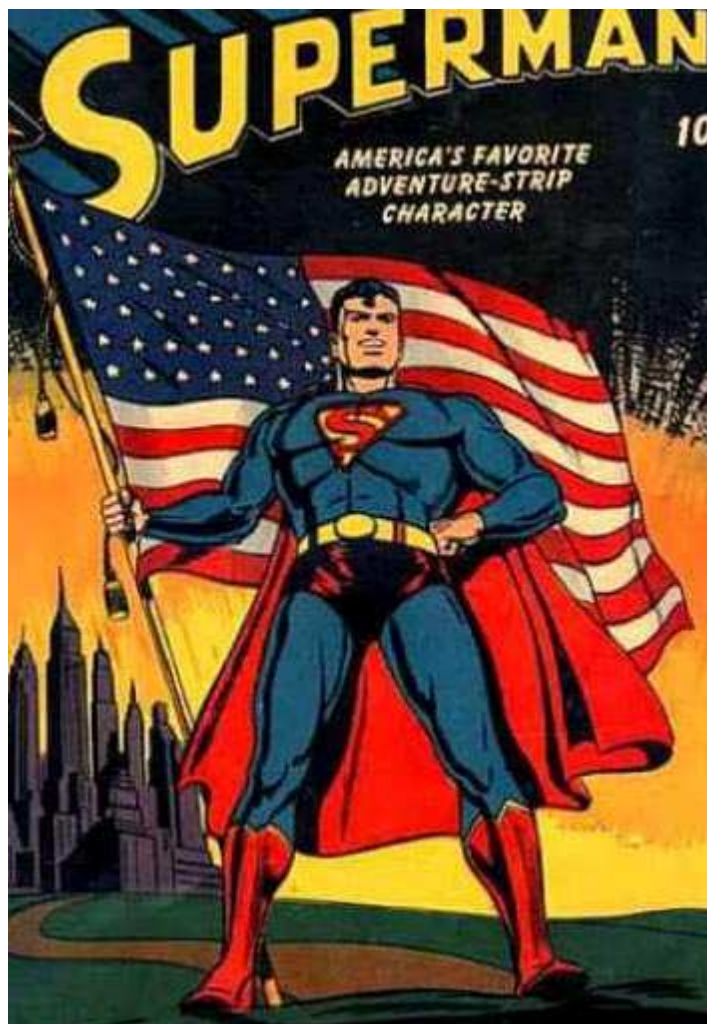


Figura 29 – O Super-Homem objetivado como símbolo dos discursos do governo americano.

A terceira história que analisamos nesse capítulo foi publicada em julho de 1964, na revista Superman nº 170. Na edição, o Super-Homem é convocado para uma reunião com o presidente John Fitzgerald Kennedy. Esta história havia sido programada para publicação na edição nº 168 da revista do Super-Homem, que fora lançada no ano anterior, mas foi adiada devido à morte de Kennedy em Novembro de 1963. De toda forma, nos fragmentos reproduzidos da revista que apresentaremos aqui, o presidente Kennedy convoca o Super-Homem e pede que ele realize uma importante missão. Novamente, traduziremos na íntegra os textos das páginas a seguir para a análise dos discursos da história:

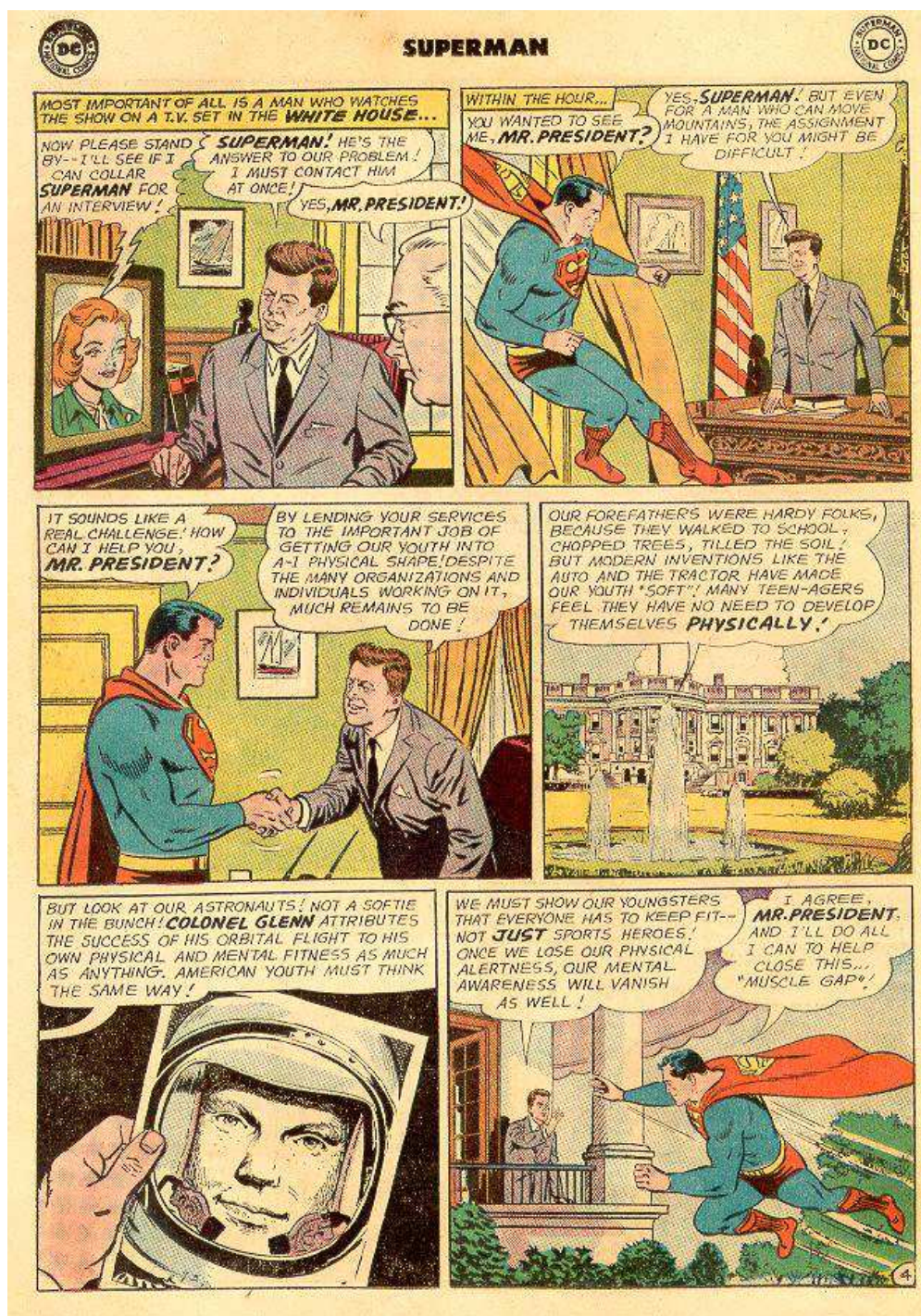


Figura 30 – O Presidente JFK pede ajuda ao Super-Homem (1963, p. 04, tradução nossa).

QUADRO 1:

Presidente Kennedy: O Super-Homem é a resposta para o nosso problema. Eu devo contatá-lo imediatamente.

Assessor: Sim, Sr. Presidente.

QUADRO 2:

Super-Homem: Queria me ver, Sr. Presidente?

Presidente Kennedy: Sim, Super-Homem. Mas mesmo para um homem que pode mover montanhas, a tarefa que tenho para você pode ser difícil.

QUADRO 3:

Super-Homem: Parece um desafio. Como posso ajudá-lo, Sr. Presidente?

Presidente Kennedy: Colocando seus serviços a dispor da importante campanha para deixar nossa juventude em boa forma física. A despeito das muitas organizações e indivíduos trabalhando nisso, há muito ainda para ser feito.

QUADRO 4:

Presidente Kennedy: Nossos ancestrais eram homens fortes porque eles caminhavam para a escola, cortavam árvores, aravam o solo. Entretanto, invenções modernas como o automóvel e o trator deixaram nossa juventude “mole”. Muitos adolescentes acham que não têm a necessidade de se desenvolverem fisicamente.

QUADRO 5:

Presidente Kennedy: Mas olhe para nossos astronautas. Não há nada de mole neles. O sucesso do coronel Glenn em seu voo orbital se deve em grande parte a sua excelente forma física e mental. Nossos jovens devem seguir seu exemplo.

QUADRO 6:

Presidente Kennedy: Nós devemos mostrar aos nossos jovens que todos precisam estar em boa forma, não apenas os esportistas. Uma vez que nós percamos nossa potência física, nossa potência mental também se extinguirá.

Super-Homem: Eu concordo, Sr. Presidente. E eu farei tudo ao meu alcance para ajudar a resolver esse problema.

Disposto a servir de porta-voz para o discurso do presidente, o Super-Homem vai às escolas e aos jornais para divulgar a campanha, e orienta as crianças e adolescentes do país sobre como devem se exercitar corretamente, conforme observamos na página a seguir:

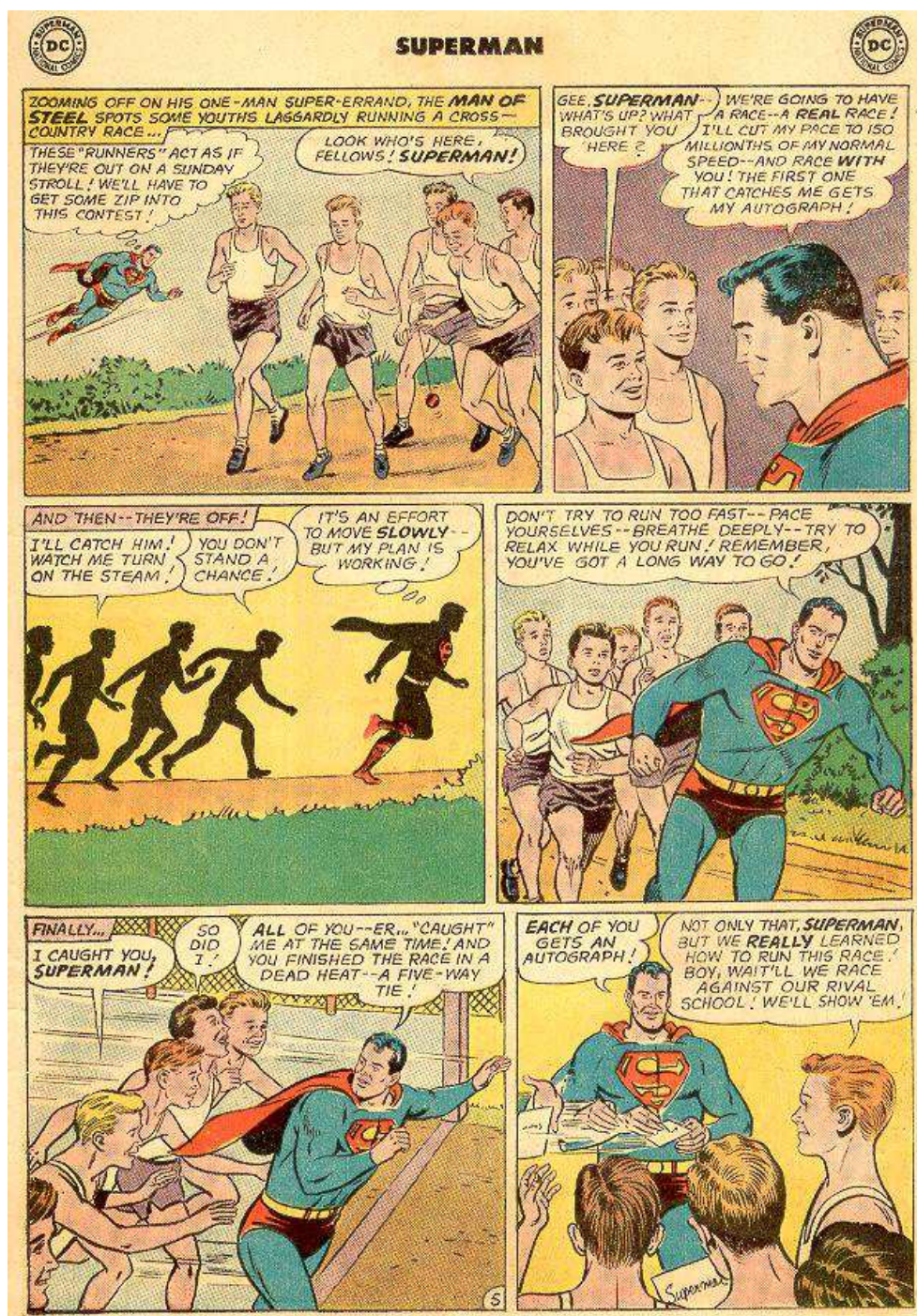


Figura 31 – Ensinando aos jovens a prática correta de exercícios físicos. (1963, p. 05, tradução nossa).

QUADRO 1:

Bloco de narração: Partindo para sua campanha de um homem só, o Homem de Aço vê alguns jovens correndo de forma preguiçosa e inadequada.

Super-Homem: Esses “corredores” parecem que estão de brincadeira. Vamos ver se eu consigo dar uma melhoria em sua corrida.

Corredor: Vejam quem está aqui, caras. É o Super-Homem!

QUADRO 2:

Corredor: Puxa, Super-Homem! O que traz você aqui?

Super-Homem: Nós vamos fazer uma corrida. Uma corrida verdadeira. Eu vou diminuir minha velocidade para um milionésimo do normal, e correr com vocês. O primeiro que me alcançar ganha um autógrafo.

QUADRO 3:

Bloco de narração: E então, eles dão a largada!

Corredor 1: Eu vou alcançá-lo. É só eu dar uma forçada.

Corredor 2: Você não tem chance.

Super-Homem: É um esforço me mover tão lentamente, mas meu plano está funcionando.

QUADRO 4:

Super-Homem: Não tentem correr rápido demais. Mantenham o ritmo. Respirem fundo. Tentem relaxar enquanto correm. Lembrem que vocês têm uma grande distância para percorrer.

QUADRO 5:

Bloco de narração: Finalmente...

Corredor 1: Te peguei, Super-Homem!

Corredor 2: Eu também.

Super-Homem: Todos vocês me pegaram ao mesmo tempo. E vocês terminaram a corrida empatados. Muito bem.

QUADRO 6:

Super-Homem: Cada um de vocês ganha um autógrafo.

Corredor: Não apenas isso, Super-Homem, mas nós realmente aprendemos como correr esta corrida. Caras, esperem até nós disputarmos corrida com nossa escola rival. Nós vamos mostrar pra eles!

O Super-Homem no fragmento acima procura ensinar aos adolescentes a prática correta e saudável de exercícios físicos, se dirigindo aos personagens e, por conseguinte, ao sujeito-leitor da revista, com enunciados circunscritos no discurso médico, como “não tentem correr rápido demais, mantenham o ritmo, respirem fundo, tentem relaxar enquanto correm” (1963, p.05, tradução nossa). No decorrer da história, o Super-Homem repete esse discurso para muitos jovens, incentivando-os a praticar exercícios físicos e cuidar da saúde. Como resultado das ações e do discurso do personagem, toda a América na história acaba aderindo à campanha, e a população fica em melhor forma física do que nunca. Na conclusão, o Super-Homem e Kennedy lideram um desfile nas ruas da cidade, em meio a fogos de artifício, bandeiras dos Estados Unidos e cartazes com enunciados de apoio ao programa de boa forma física do presidente, conforme vemos no fragmento apresentado a seguir:

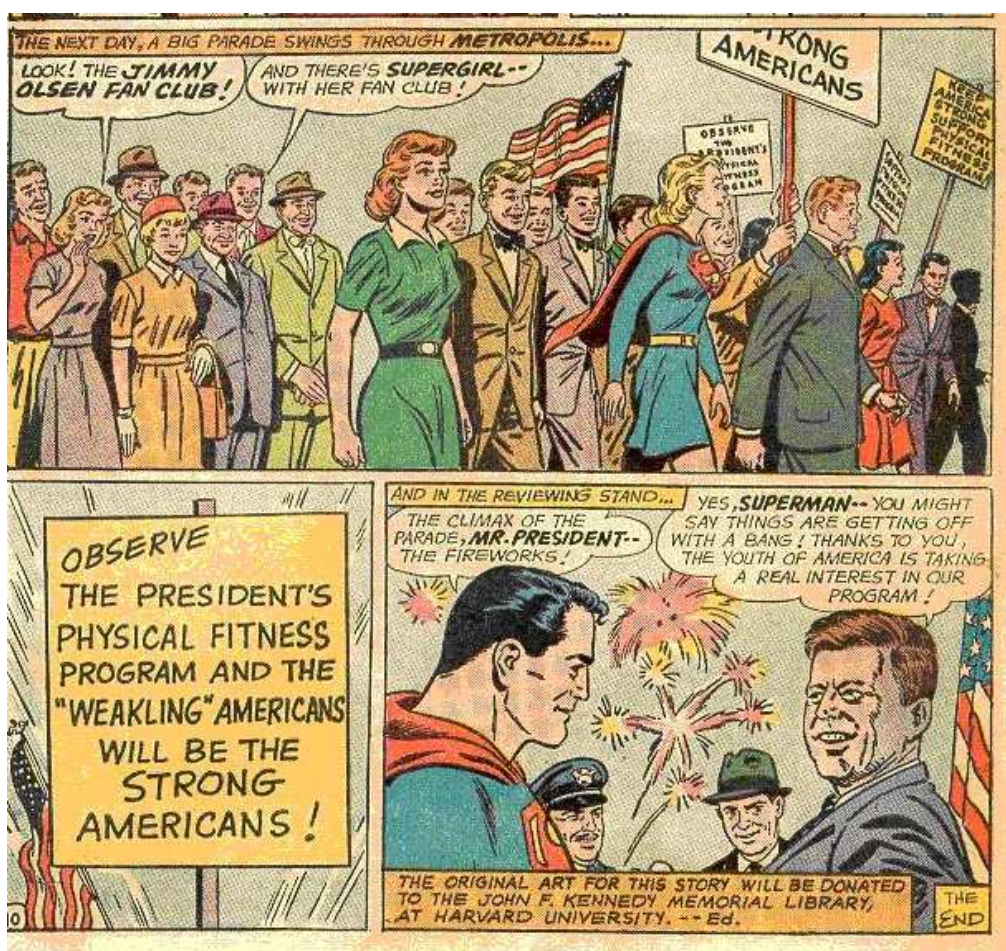


Figura 32 – Os americanos entram em forma graças à aliança do Super-Homem com JFK (1963, p.07).

QUADRO 1:

Bloco de narração: No dia seguinte, uma grande parada percorre as ruas de Metrópolis.

Moça à esquerda: Veja! O fã-clube de Jimmy Olsen.

Homem à direita: E lá está a Super-Moça com o fã clube dela.

Cartaz maior: Americanos fortes.

QUADRO 2:

Cartaz: Seguindo o programa de boa forma do presidente os “americanos fracos” se tornarão americanos fortes.

QUADRO 3:

Super-Homem: O clímax da parada, Sr. Presidente. Os fogos de artifício.

Presidente Kennedy: Sim, Super-Homem. Você pode dizer que as coisas estão um estouro! Graças a você, os jovens da América estão tendo um real interesse em nosso programa (de exercícios físicos para a juventude).

A primeira página da revista Superman 170, em que o Super-Homem atua lado a lado com o icônico Presidente Kennedy, trazia a estampa do selo oficial do governo dos estados Unidos. Sob o selo, havia uma mensagem dos editores da DC Comics dizendo o seguinte:

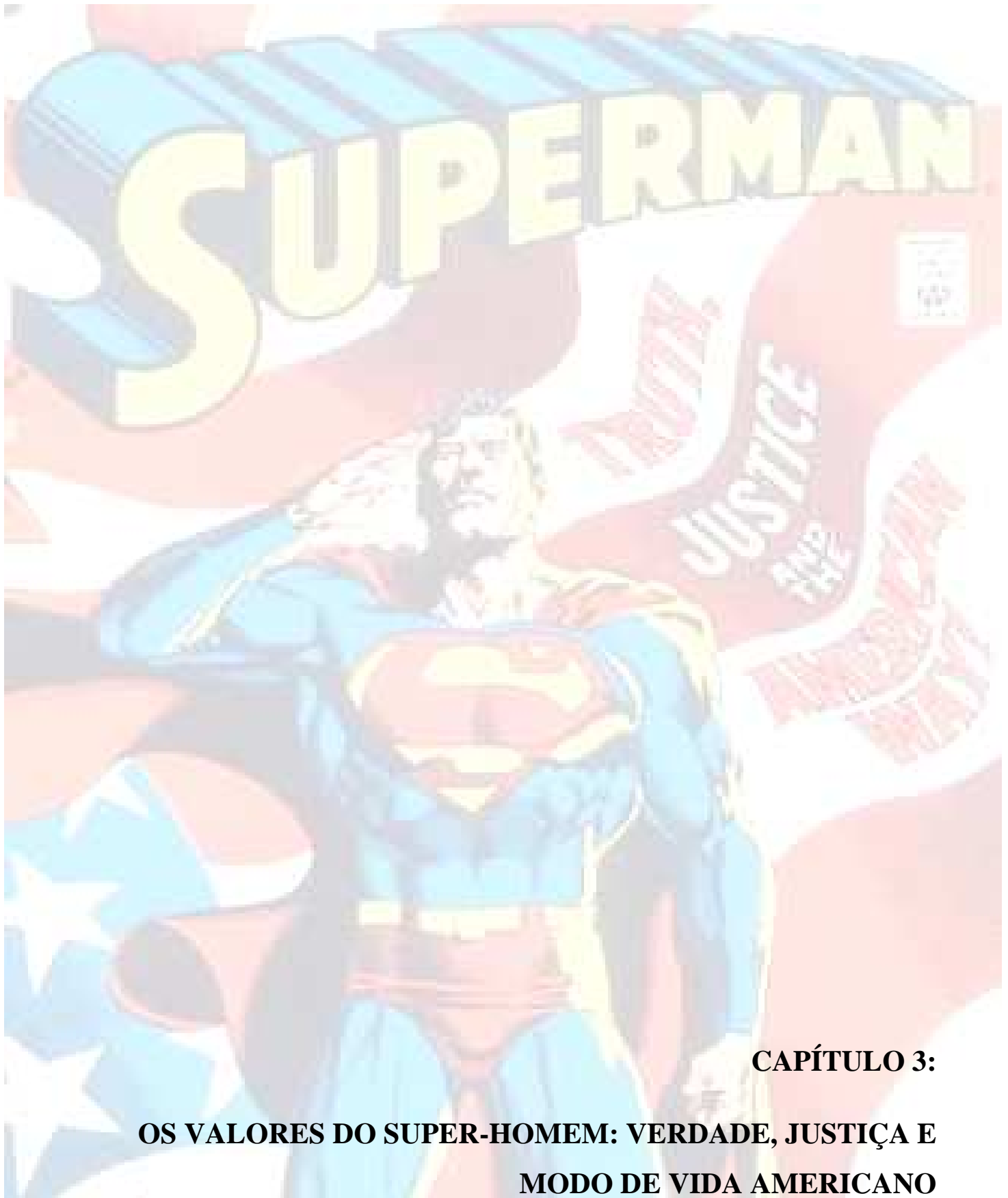
Esta história, elaborada em estreita cooperação com o finado Presidente Kennedy, foi agendada para publicação em Superman nº 168, antes que a notícia de seu trágico assassinato se abatesse sobre nós. Nós imediatamente paramos as prensas e a substituímos por outro material. Entretanto, a Casa Branca veio nos informar que o Presidente Lyndon Johnson solicitou sua publicação como um tributo ao seu grande predecessor. Então, nós dedicamos essa história à memória de nosso falecido e amado presidente, e divulgamos por meio dela sua campanha pela boa forma física dos cidadãos americanos, a qual ele foi inteiramente devotado durante sua vida (1964, p.03, tradução nossa).

Como vemos, os editores da revista afirmam explicitamente em carta aberta estar divulgando um determinado discurso através da história do Super-Homem, no caso, um discurso enunciado diretamente por ninguém menos que a autoridade máxima do país, o presidente dos Estados Unidos. E que discurso é esse? Entre tantos discursos possíveis, o

enunciador presidente busca aqui exercer poder sobre os corpos dos jovens americanos, utilizando sua boa imagem pública, associada à imagem heróica do Super-Homem, para fazer com que estes jovens cuidem bem dos seus corpos através da prática de exercícios físicos. Este discurso está, conforme mencionamos, inserido nas formações discursivas do discurso médico e do discurso patriótico, e nos remete também ao discurso das mensagens de cultura ao corpo, tão recorrentes nos dias atuais.

A própria imagética das histórias de super-heróis, a propósito, já constitui veículo para a dispersão de discursos de culto à boa forma física. Nas aventuras do Super-Homem, Batman, Mulher-Maravilha e demais personagens do universo heróico, todos os heróis apresentam corpos extremamente musculosos, enquanto as heroínas sempre têm seios volumosos e formas bem torneadas, nos remetendo aos mesmos enunciados imagéticos presentes em capas de revistas que apresentam modelos femininos ou masculinos de corpos belíssimos. Estas imagens representam um padrão de beleza física a ser admirado ou atingido pelos leitores. O cuidado com o corpo é, evidentemente, uma prática saudável e necessária. O problema, de acordo com o discurso médico, se dá quando, para alcançar padrões de beleza impostos por veículos dispersores de discursos como a mídia eletrônica ou impressa, os sujeitos ultrapassam seus próprios limites e impõem aos seus corpos exercícios físicos excessivos ou dietas desregradadas, ou simplesmente sucumbem à infelicidade por não terem a aparência tida como ideal.

Fica, portanto, evidenciado nesta história que o Super-Homem emprestou sua imagem para o discurso do governo, a fim de que este possa exercer o controle de suas “verdades” e produzir sujeitos dóceis ao seu regime de poder. Este poder age não apenas sobre as ações do indivíduo enquanto membro da sociedade, mas atua também em sua vida cotidiana e em sua própria identidade, imbuindo este indivíduo dos valores que o constituirão em sujeito e até mesmo ditando como deve ser sua aparência. Uma última questão permanece: qual é o interesse do governo norte-americano, representado pela figura do presidente John Kennedy associado à imagem de símbolo patriótico do Super-Homem, em dispersar através da história este discurso de culto à boa forma para os jovens americanos? A resposta mais simples é que, por meio deste discurso, o governo pretende formar para si uma imagem de entidade preocupada com a saúde e o bem-estar do povo que governa, o que o ajudará a se perpetuar no poder. Além disso, não devemos esquecer que jovens bem preparados fisicamente dão bons soldados, e este indubitavelmente também é um fator de interesse para o Estado procurar incentivar os jovens a cultivarem uma boa forma física.



CAPÍTULO 3:
OS VALORES DO SUPER-HOMEM: VERDADE, JUSTIÇA E
MODO DE VIDA AMERICANO

Toda estratégia de confronto sonha em tornar-se relação de poder; e toda relação de poder inclina-se, tanto ao seguir sua própria linha de desenvolvimento quanto ao se deparar com resistências frontais, a tornar-se estratégia vencedora.

Michel Foucault

Desde o advento da II Guerra Mundial até a atualidade, o papel do Super-Homem como símbolo do discurso político-ideológico norte-americano se manteve constante. No enunciado imagético da capa da revista Superman v.2 nº 43, reproduzida na página de abertura deste capítulo, vemos o herói em uma de suas representações mais comuns, saudando a bandeira americana. Na imagem, lemos três enunciados verbais que sintetizam o discurso do Super-Homem neste contexto político-social. O herói se propõe a defender “a verdade”, ou na perspectiva foucaultiana, a *vontade de verdade* imanente à sociedade norte-americana neste momento de sua história; a “justiça”, compreendida aqui como o discurso jurídico do Estado; e o “modo de vida americano”, ou seja, o conjunto de regras, valores, e normas de conduta consideradas “morais” nesta mesma sociedade. Cabe aqui uma comparação com as histórias publicadas em 1938, analisadas no segundo capítulo, em que o herói era sempre apresentado pelos enunciados textuais nas páginas de abertura simplesmente como alguém que luta contra “as forças do mal e da opressão”.

Conforme vimos no capítulo anterior, as primeiras histórias do Super-Homem pertenciam a uma FD que alinhava discursos de resistência ao poder das instituições no quadro interpretativo sócio-histórico da sociedade norte-americana dos anos 1930. Depois da II Guerra, entretanto, o personagem foi integrado a uma FD de suporte às instituições, passando a representar os posicionamentos políticos e ideológicos do Estado e se tornando um símbolo patriótico norte-americano. Neste capítulo, abordamos a princípio como, nas revistas do Super-Homem, os ideais de “verdade, justiça” defendidos pelo herói foram manifestos sob a forma de discursos referentes à política externa estadunidense, dentre os quais o discurso anticomunista, mobilizado pelos Estados Unidos durante o embate político-ideológico entre este país e a extinta União Soviética nos anos de Guerra Fria, e o discurso imperialista, por meio do qual os Estados Unidos buscam justificar o exercício de seu poder econômico, político e militar em outros países.

No mesmo capítulo, analisamos como as crises econômicas, sociais e políticas atravessadas pelos Estados Unidos a partir do início dos anos 2000 abalaram o “modo de vida americano”, e levaram à emergência de um discurso de insatisfação e desconfiança do povo deste país para com suas autoridades constituídas, discurso este que também foi materializado

nas revistas do Homem de Aço produzidas durante esse período. Nessas histórias, observamos que o herói deixa de se identificar com o discurso do poder norte-americano, passando por uma transição ideológica que reflete a instabilidade social vivida pela América neste momento histórico. Finalmente, ainda analisando as verdades representadas pelo Super-Homem, destacamos os discursos religiosos que atravessaram as histórias deste herói desde a sua origem, e verificamos como essas histórias, com o passar dos anos, foram se desvinculando de uma FD religiosa de orientação judaica e sendo integradas ao discurso do cristianismo. Vejamos, primeiramente, o papel do Super-Homem como porta-vez do discurso anticomunista, no contexto sócio histórico da Guerra Fria.

3.1 Combatendo o comunismo

Foucault afirma, em *A ordem do Discurso* (1999), que o ser humano nutre ao mesmo tempo um forte desejo e um medo terrível dos discursos, uma *logofobia*, que se traduz na criação de procedimentos para controlar sua proliferação. Estes procedimentos estão divididos em três grandes grupos, que são a *exclusão*, a *sujeição* e a *rarefação* dos discursos. No primeiro grupo estão as práticas denominadas por Foucault como *procedimentos externos*, que são a interdição, a vontade de verdade e a exclusão. A interdição implica que alguns discursos são simplesmente proibidos de serem proferidos em um determinado contexto, ou seja, ninguém tem o direito de dizer tudo, e não se pode falar de qualquer coisa em qualquer lugar ou em qualquer circunstância (FOUCAULT, 1999, p.09). Por vontade de verdade, Foucault entende os procedimentos pelos quais uma sociedade distingue os discursos que nela circulam, atribuindo a eles efeitos de sentido de verdadeiro ou falso, certo ou errado, normal ou patológico, racional ou irracional. Finalmente, pelo procedimento de exclusão, a sociedade rejeita e silencia os discursos que, por sua vontade de verdade, foram revestidos de conotação negativa.

Nos anos 1960, o conflito político-ideológico entre os EUA, a União Soviética e as nações aliadas a ambos os países, que chamamos de Guerra Fria, chegou a seu auge, com embates que colocavam em jogo o destino do mundo inteiro. Não eram apenas as armas atômicas dos soviéticos que atemorizavam as lideranças americanas, mas sim o discurso ideológico do comunismo, que conquistava um número crescente de adeptos entre o povo estadunidense. O medo do discurso comunista e de sua influência entre o povo americano foi tão exacerbado nos Estados Unidos dos anos 1950 e 1960 que as instituições daquele país buscaram a todo custo silenciá-lo. Os primeiros procedimentos ativados para combate ao

comunismo na América foram os de interdição e exclusão, apoiados nos aparelhos de segurança do Estado. O discurso comunista foi segregado em todos os setores da sociedade, de forma tal que uma mera acusação anônima de ser comunista podia levar alguém a perder o emprego, posição social, respeitabilidade e até mesmo a liberdade. Mesmo nas escolas, era comum apresentar o tema superficialmente e com uma conotação distorcida, de forma que os mais jovens sequer sabiam exatamente do que se tratava. Era simplesmente o “modo de vida dos inimigos da América”. Vem dessa época o infame enunciado *better dead than red* (melhor morto do que vermelho), que instilava a paranóia.

Entre 1950 e 1956, o senador americano Joseph McCarthy instaurou no país uma intensa perseguição política a qualquer suspeito de apoiar a ideologia comunista. Milhares de cidadãos americanos foram investigados, tendo seus direitos civis desrespeitados e suas vidas pessoais devassadas, sendo que, dentre estes, muitos foram presos, tiveram suas carreiras profissionais arruinadas e foram até mesmo levados ao suicídio. Ao mesmo tempo, toda a produção artística e cultural americana passava pelo escrutínio dos órgãos de censura do Estado, em busca de enunciados de natureza suspeita que seriam interditados. Mesmo com a queda de McCarthy em 1957 e o fim da perseguição, o ataque das instituições americanas ao comunismo não cessou, apenas adotou uma nova estratégia. Emergiu então uma *vontade de verdade* na sociedade estadunidense que conferia à produção de sentidos do discurso comunista status de ameaça à nação. O comunismo, de acordo com essa “verdade”, era maligno, uma ideologia de tiranos e traidores e tinha de ser combatido.

Para conferir suporte a esta vontade de verdade, toda uma produção discursiva de formação contrária ao discurso comunista foi gerada pela indústria do entretenimento nos anos em que perdurou a Guerra Fria. Inseridas nesta formação discursiva, há uma grande diversidade de obras em que os comunistas sempre são apresentados como vilões, espiões ou tiranos impiedosos. As duas histórias do Super-Homem que analisamos a seguir pertencem a esta FD. A primeira história foi publicada em julho de 1963 na revista Superman nº 162. Na narrativa, o herói decide eliminar de uma vez por todas todos os males do mundo. Para tanto, ele constrói uma máquina que o divide em dois seres, o Super-Homem Vermelho e o Super-Homem Azul, de forma a poder resolver todos os problemas mundiais duas vezes mais rápido.

Os dois Super-Homens então iniciam sua missão para resolver todos os problemas do mundo. Eles combatem invasões alienígenas, ajudam a criar uma fórmula que cura todas as

doenças e evitam desastres. A fantasia impera até que, em dado momento, o herói e sua duplicata criam um dispositivo que transformará todos os habitantes da Terra em pessoas “boas”, como vemos no fragmento da revista reproduzido a seguir:



Figura 33 – Os heróis criam uma máquina que torna as pessoas “boas” (1963, p.05).

QUADRO 1:

Super-Homem Azul: Nossa próxima tarefa é eliminar o crime e a maldade da Terra. Eu tenho pensado em um **raio anti-mal**. Vou fazer o projeto super-velozmente.

Super-Homem Vermelho: Sua fórmula matemática parece correta, Azul. Vou construir o projetor do raio a partir de seu projeto.

A seguir, os Super-Homens instalam o raio anti-mal em vários satélites na órbita terrestre:

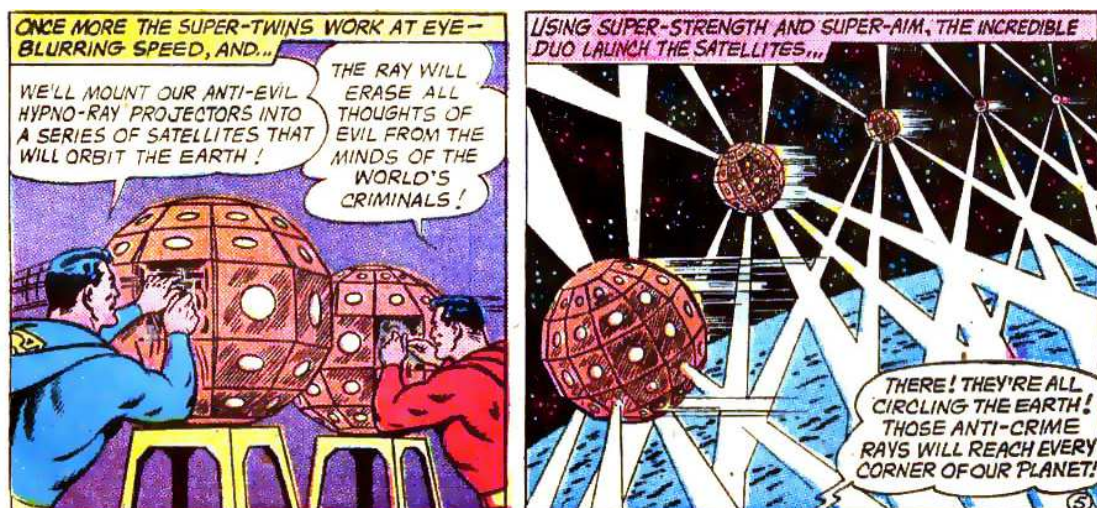


Figura 34 – Os Super-Homens fazem “lavagem cerebral” no mundo inteiro (1963, p.05).

QUADRO 1:

Bloco de narração: Uma vez mais os dois heróis trabalham em super-velocidade, e...

Super-Homem Azul: Nós montaremos nossos projetores de raios anti-mal em uma série de satélites que irão orbitar a Terra.

Super-Homem Vermelho: O raio irá apagar todos os pensamentos malignos das mentes dos criminosos do mundo.

QUADRO 6:

Bloco de narração: Usando super-força e super-mira, a incrível dupla lança os satélites...

Super-Homem: Veja. Eles estão circulando a Terra. Estes raios anti-crime irão chegar a cada canto do planeta.

O que vemos neste momento da narrativa é o Super-Homem impondo, por meio de seus poderes, sua vontade de verdade, que representa aqui a vontade de verdade do Estado norte-americano, a toda a população da Terra. Nos fragmentos da revista apresentados a seguir, ele simplesmente tira de cada indivíduo a faculdade de optar entre o “bem” e o “mal”, fazendo com que todos se adequem ao discurso do poder jurídico dos Estados Unidos. Além disso, nos dois últimos quadrinhos da página, se desvela um discurso político-ideológico inscrito em uma FD anticomunista, que é o nosso enfoque principal:



Figura 35 – O comunismo é um “mal a ser curado”, nesta história do Super-Homem (1963, p.06).

QUADRO 1:

Bloco de narração: Os raios anti-mal atingem toda a Terra, afetando estranhamente criminosos em todos os lugares.

Assaltante: Eu lamento pelo arrombamento, rapazes. Nós vamos ajudar vocês a colocar o dinheiro de volta no carro forte.

QUADRO 2:

Vendedor de jóias: Ela é “Lena mãos leves”, a famosa ladra de jóias. Ela quer pagar por todas as jóias que roubou.

QUADRO 3:

Fugitivo da prisão: Por favor, nós lamentamos termos escapado. Nós só queremos voltar pra cadeia para podermos terminar de cumprir nossas penas.

QUADRO 4:

Bloco de narração: E eventos ainda mais estranhos ocorrem em terras distantes...

Estadista russo Nikita Krushev: Você me ouviu. Jogue todos os nossos mísseis no mar. Notifique o presidente Kennedy que nós concordamos em nos desarmar completamente e aguardamos sua inspeção.

General russo: Agora mesmo, senhor secretário.

QUADRO 5:

Bloco de narração: E em uma ilha do Caribe...

Fidel Castro: Abra as prisões. Liberte todos os prisioneiros imediatamente.

Soldado cubano: Sim senhor, comandante.

Como vimos nos fragmentos destacados, assaltantes “curados da maldade” pelos raios dos Super-Homens devolvem o produto de seus saques. Ladrões regenerados pelos raios pedem para pagar por coisas que furtaram, enquanto criminosos fugitivos pedem aos guardas da prisão que os deixem entrar para terminar de cumprir suas sentenças. Nos dois últimos quadrinhos, entretanto, não são criminosos os convertidos pelos raios “anti-mal”, mas sim líderes políticos. Embora os personagens em questão não sejam nomeados, o leitor da história é capaz de reconhecê-los por meio de uma memória visual que, atrelada ao contexto sócio-histórico da trama, revela suas identidades. Esta memória visual, parte integrante do conceito de *intericonicidade*, proposto por Jean Jacques Courtine e por nós detalhado adiante neste capítulo, nos permite identificar no primeiro quadrinho à esquerda o então governante da União Soviética, Nikita Krushev. O estadista russo, no quadrinho, ordena a um de seus generais que jogue seus mísseis nucleares no mar e notifique o presidente Kennedy que a Rússia concorda com o desarmamento total. Já no quadrinho da direita, reconhecemos o dirigente da nação comunista de Cuba, Fidel Castro, que ordena que todos os prisioneiros sejam imediatamente libertados das prisões.

Ora, se a Rússia detinha um arsenal nuclear e se livrou dele após seus governantes serem “curados da maldade” pelos raios do Super-Homem, então, de acordo com os efeitos de sentido da história, eles possuíam tal arsenal porque eram “maus” antes da cura. Se Fidel Castro tinha prisioneiros antes de ser curado e, após se tornar “bom”, os libertou, isso implica que os homens que estavam presos não eram criminosos, mas sim pessoas boas que se opunham ao seu regime político. Logo, de acordo com a *vontade de verdade* evidenciada no discurso da revista, o comunismo é um mal a ser curado, tal qual o crime e a violência, e os dirigentes dos países comunistas são tiranos, que detêm arsenais de armas nucleares porque não têm amor à paz, e déspotas, que mantêm pessoas inocentes nas prisões porque estas ousaram enfrentá-los. “Felizmente”, na discursividade da trama, existe o Super-Homem que converte estes tiranos para o “bem”, leia-se, para os ideais dos Estados Unidos.

É importante lembrar as condições de produção desta história, publicada cerca de um ano depois da famosa *Crise dos Mísseis em Cuba*, que se deu em outubro de 1962. Na ocasião, jatos da força aérea americana fotografaram silos de mísseis nucleares que foram instalados na ilha caribenha pela União Soviética, em resposta às bases americanas de mísseis que estavam em operação na Turquia, próximo ao território russo. A situação gerou a mais grave tensão entre os países de todo o século XX, colocando o mundo inteiro sob a ameaça de uma guerra nuclear entre as superpotências. No último momento possível, quando a marinha russa já estava a caminho de Cuba e os americanos se preparavam para o bombardeio do país, os dirigentes de ambas as nações, John F. Kennedy e Nikita Krushev conseguiram chegar a uma solução diplomática, e o mundo pôde respirar aliviado. O medo e a intolerância entre os países, entretanto, perduraram por décadas após o evento. Em um contexto histórico como este, não é nenhuma surpresa que os líderes das nações comunistas que confrontaram diretamente o poderio dos Estados Unidos sejam retratados no campo discursivo da história por nós analisada como figuras malignas.

Na edição nº 216 de sua revista mensal, o personagem participa ativamente da Guerra do Vietnã. Neste conflito, os Estados Unidos enviaram em 1965 tropas para este país asiático a fim de auxiliar a República Democrática do Vietnã, ou Vietnã do Sul, contra o levante da Frente Nacional para a Libertação do Vietnã, uma facção rebelde de ideologia comunista taticamente apoiada pela União Soviética. Mesmo sendo inferiores em poderio bélico às tropas dos Estados Unidos, as forças do Vietnã do Norte, ou vietcongues, conseguiram impor pesadas baixas ao exército americano graças ao melhor conhecimento do terreno e ao uso de táticas de guerrilha, além do suporte de grande parte da população do país. Desta forma, ao

invés da “vitória rápida” esperada pelo exército dos Estados Unidos quando o conflito se iniciou, o que aconteceu foi uma guerra sangrenta que se estendeu por dez anos, custando as vidas de 54 mil soldados norte-americanos e cerca de dois milhões de vietnamitas, dos quais a imensa maioria foram vítimas inocentes da guerra.

A divulgação por parte da mídia de eventos do conflito, em especial as chacinas de crianças vietnamitas e a escalada das mortes de jovens soldados americanos, causou intensos protestos entre a sociedade estadunidense, principalmente entre estudantes universitários. Era necessário que os detentores do poder político angariassem apoio da população à presença americana naquele país, e é neste contexto que a história está inserida. Havia dois discursos fundamentais de apoio à participação americana no conflito do Vietnã. O primeiro, já observado na história anterior, era o que apregoava a necessidade de se combater a todo custo o avanço mundial do comunismo. O segundo era de que os Estados Unidos, enquanto “protetores da liberdade”, tinham a obrigação moral de defender o povo do Vietnã do Sul dos vietcongues, que visavam dominar o país e transformá-lo em uma ditadura comunista. Mais que isso, de acordo com este discurso, os sul-vietnamitas queriam a presença americana em seu território, para protegê-los da ameaça comunista, portanto, as forças armadas norte-americanas não poderiam lhes virar as costas. Vejamos a seguir como isso aparece no campo discursivo da história.

Na revista, publicada em 1969, O Super-Homem em seu disfarce de Clark Kent e a namorada do herói, Lois Lane, são enviados pelo jornal onde trabalham para o Vietnã a fim de cobrir a guerra. Ao mesmo tempo, os repórteres decidem ajudar na linha de frente, ele atuando como médico de campo e Lois como enfermeira. É o que vemos no fragmento da história apresentado a seguir:

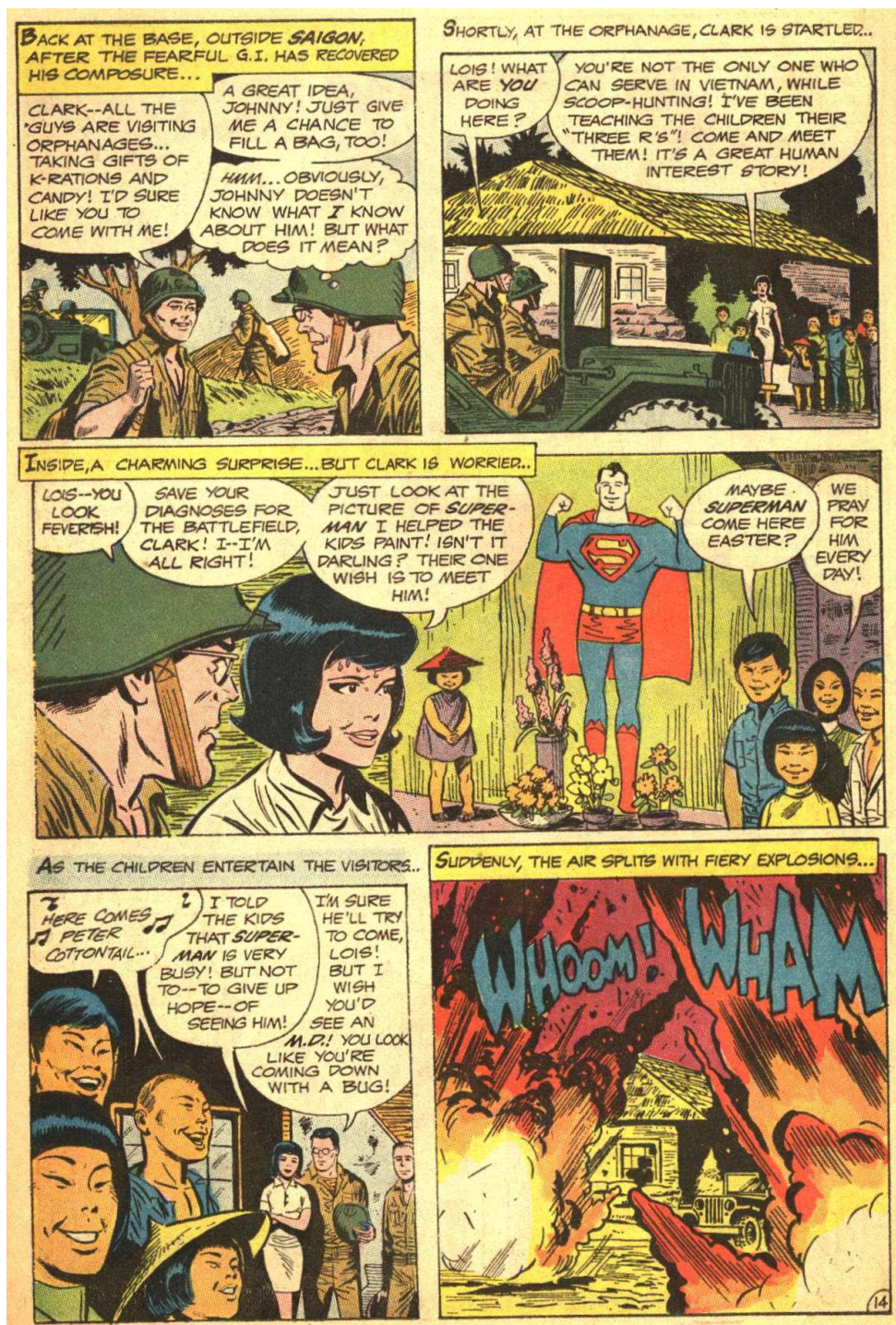


Figura 36 – Super-Homem é idolatrado por crianças vietnamitas (1969, p. 14).

QUADRO 1:

Bloco de narração: De volta a base, próximo a Saigon...

Soldado: Clark, todos os rapazes estão visitando orfanatos... Levando suprimentos de comida e doces. Eu gostaria que você viesse comigo.

Clark Kent: Grande idéia, Johnny. Apenas me dê um minuto para guardar minha mochila.

QUADRO 2:

Bloco de narração: logo, no orfanato, Clark fica surpreso...

Clark Kent: Lois, o que você está fazendo aqui?

Lois Lane: Você não é o único que pode servir no Vietnã enquanto está fazendo reportagens. Eu venho dando aulas para essas crianças. Venha conhecê-los. É uma grande história de interesse humano.

QUADRO 3:

Bloco de narração: Lá dentro, há uma encantadora surpresa, mas Clark está preocupado.

Clark Kent: Lois, você parece febril.

Lois Lane: Guarde seus diagnósticos para o campo de batalha, Clark. Eu... Eu estou bem. Veja esta pintura do Super-Homem que eu ajudei as crianças a fazerem. Não é lindo? O maior desejo deles é conhecê-lo.

Menino vietnamita: Será que o Super-Homem vem aqui para a páscoa?

Menina vietnamita: Nós rezamos por ele todo dia.

QUADRO 4:

Bloco de narração: Enquanto as crianças entretêm os visitantes...

Crianças cantando: “Lá vem Peter Cottontail...”

Lois Lane: Eu disse às crianças que o Super-Homem é muito ocupado, mas elas ainda têm esperança de vê-lo.

Clark Kent: Eu tenho certeza de que ele tentará vir, Lois, mas eu queria que você fosse ver um médico. Você parece doente.

Neste momento, o orfanato em que Lois trabalha é atacado por tropas do Vietnã do Norte, inimigas dos Estados Unidos. Clark Kent imediatamente assume sua identidade heróica e parte para o combate, como vemos na página seguinte:



Figura 37 – Super-Homem defendendo um orfanato do ataque vietcongue (1969, p. 14).

QUADRO 1:

Bloco de narração: Repentinamente, o ar é tomado por ferozes explosões.

Soldado em fuga: Tudo está em chamas. Eu não posso agüentar!

Super-Homem: O pobre Johnny está em pânico novamente, mas eu não posso ajudá-lo agora. Eu devo proteger as crianças.

QUADRO 2:

Bloco de narração: Então a delirante Lois Lane presencia uma visão assombrosa...

Lois Lane: Minha cabeça está pegando fogo, mas o que é aquilo? Clark está se vestindo como o Super-Homem! E... Ele é o Super-Homem!

QUADRO 3:

Bloco de narração: O Super-Homem bloqueia os mísseis com suas mãos nuas e, como um lançador, os atira de volta aos morteiros.

Soldado vietcongue 1: AAH! O demônio está do lado dos ianques!

Soldado vietcongue 2: Nós nunca seremos capazes de tomar o orfanato com o Super-Homem lá!

Nas páginas da revista que reproduzimos acima, observamos diversos enunciados cujos efeitos de sentido evidenciam o discurso de justificativa à presença das tropas norte-americanas no Vietnã. No primeiro quadrinho da página 14, à esquerda, um soldado americano avisa Clark Kent que “todos os soldados estão visitando orfanatos, levando suprimentos e doces” (1969, p. 14, tradução nossa), conferindo assim uma imagem simpática aos soldados americanos no espaço discursivo da narrativa. No quadro central da mesma página, vemos crianças vietnamitas no orfanato. Todas parecem bastante felizes por estarem ali, e expressam sua admiração ao Super-Homem desenhando em um mural a figura do herói. Aos pés da imagem, as crianças depositam flores como se ele fosse um ídolo religioso e, mais ainda, uma delas diz que todas rezam pelo herói americano todos os dias.

Nos dois últimos quadrinhos da página aqui reproduzida, vemos as crianças vietnamitas alegremente cantando uma música americana, até que o orfanato é atacado por tropas vietcongues, perigo do qual são salvas pelo Super-Homem no decurso da história. Na conclusão da história, o herói enfrenta diretamente o inimigo vietnamita em combate,

destruindo tanques de guerra que ameaçavam as tropas dos Estados Unidos. É o que vemos no fragmento a seguir:



Figura 38 – Super-Homem luta ao lado das tropas americanas na Guerra do Vietnã (1969, p.22).

QUADRO 1:

Bloco de narração: Como um tornado humano, o Super-Homem escava o solo ao redor dos tanques inimigos, fazendo-os desabar em um enorme fosso.

QUADRO 2:

Bloco de narração: Então saindo da selva, surge uma figura ofegante.

Soldado: Não me recordo de muita coisa... Apenas de ver meu pai, na linha de frente... Em perigo. Eu não posso deixar esses vietcongues matarem ele.

QUADRO 3:

Bloco de narração: Em desespero, o general apela para o Homem de Aço, mas...

General: Super-Homem! Ajude meu filho... Antes que os vietcongues o façam em pedaços com suas metralhadoras. Por favor!

Super-Homem: Não general! Dê a ele uma chance de combater seus próprios medos, ou ele será um covarde sempre. Ele não será ferido.

QUADRO 4:

Bloco de narração: A seguir, o Super-Homem se lança contra os inimigos, derrubando-os como bolas de boliche e se posiciona ao lado dos soldados americanos.

Soldado: Super-Homem, como você sabia que Johnny não seria ferido pelo fogo inimigo?

QUADRO 5:

Bloco de narração: Muito felizes, pai e filho são reunidos após a batalha.

No momento da batalha em que um general americano pede ao Super-Homem para que ele salve do ataque inimigo seu filho, um soldado que havia se perdido do pelotão, e o Super-Homem insiste que o rapaz deve ter a chance de lutar sozinho para combater seus próprios medos, o discurso da história está humanizando os soldados dos Estados Unidos, mostrando que, mesmo em face à guerra, seus valores familiares não são postos de lado. Isto, associado ao momento anterior da narrativa em que os militares estadunidenses distribuem donativos em orfanatos, constrói para estes militares uma imagem de pessoas boas, heróicas e

solidárias, o que servia perfeitamente ao esforço de propaganda do governo americano que buscava apoiar a participação dos Estados Unidos na guerra do Vietnã.

Como podemos observar, a história publicada em Superman nº 216 pertence a uma FD de apoio dos Estados Unidos, materializados na revista pela figura do sujeito-herói Super-Homem, aos soldados norte-americanos na frente de batalha. O Homem de Aço mais uma vez representa o discurso da América enquanto potência bélica, partindo para confrontar os “inimigos da liberdade”, leia-se, comunistas. Analisando os efeitos de sentido destes fragmentos, quando vemos o herói americano no orfanato ao lado das crianças vietnamitas, a leitura é que os Estados Unidos estão no Vietnã para ajudar o povo amante da liberdade daquele país, leia-se, a parcela da população que tinha o capitalismo como sistema econômico. Na passagem do ataque ao orfanato, quando um dos soldados vietcongues enuncia que nunca serão capazes de tomar o orfanato enquanto o Super-Homem estiver lá, isso significa de fato que os vietcongues jamais poderão dominar o Vietnã enquanto os Estados Unidos estiverem no país. Quando as crianças vietnamitas, pouco antes na história, demonstram seu carinho pelo Super-Homem, afirmando inclusive “rezar por ele”, temos a materialização do discurso americano de que o povo sul-vietnamita quer a presença americana em sua nação para ajudá-los contra os comunistas que almejam dominá-los, justificando assim o papel dos EUA na guerra. Finalmente, quando o herói defende o orfanato e luta ao lado das tropas americanas, rechaçando definitivamente o inimigo, o discurso manifesto é que os Estados Unidos defenderão o Vietnã do Sul, afastando de lá de uma vez por todas a influência comunista.

Observamos ainda que, ao ser tão abertamente identificado com a direita governista, e por representar uma figura de autoridade, a popularidade do herói caiu bastante durante a década de 1960. Na época, os jovens fãs de quadrinhos se identificavam mais com heróis recém surgidos que ostentavam uma postura claramente de esquerda, quase anarquista, como o Homem-Aranha que, embora fizesse o bem e combatesse o crime, era visto como um fora da lei devido ao mau uso do poder da imprensa norte-americana, sendo constantemente perseguido pela polícia, e os X-Men, jovens heróis que, em suas histórias, combatiam metaforicamente o intenso preconceito racial que sempre foi uma das mais vergonhosas marcas da sociedade dos Estados Unidos. Criados, respectivamente, em 1962 e 1963 pelo escritor Stan Lee e pelos artistas Jack Kirby e Steve Ditko, o Homem-Aranha e os X-men ironicamente apresentavam em suas histórias o mesmo discurso de contestação às autoridades constituídas que marcava as aventuras do Homem de Aço quando este fora criado. O Super-

Homem de 1938 teria se posicionado contra a guerra do Vietnã, conforme vimos nas histórias analisadas daquele período, enquanto o Super-Homem de 1969 a apoiava. O personagem abandonou definitivamente os discursos de seus criadores e passou a reproduzir outros regimes de verdade, como por exemplo, os valores ideológicos impregnados na imagem dos Estados Unidos de “superpotência imperialista”, conforme vemos a seguir.

3.2 O Discurso imperialista

Entende-se por imperialismo no mundo moderno as práticas pelas quais uma nação busca exercer poder sobre outras. Esse poder pode ser político, militar, econômico ou cultural, e tanto pode suscitar aceitação por parte dos países sobre os quais é exercido, como pode ser imposto por meio da força. Dentre os discursos próprios dos Estados Unidos no campo das relações internacionais, nenhum gera tanta polêmica quanto o seu discurso imperialista. Ao longo de sua história, este país arregimentou enorme poderio armamentista e a capacidade de influir em eventos em escala mundial, o que lhe caracteriza como uma superpotência. A partir desta posição, os Estados Unidos intervêm constantemente em questões de nações estrangeiras a fim de impor seus regimes de verdade, combater discursos políticos e ideológicos que lhes sejam antagônicos e proteger seus interesses econômicos e estratégicos nesses países.

Em geral, cada uma dessas intervenções em países estrangeiros vem acompanhada por um discurso de justificativa ao exercício do poder americano, que beneficiaria as nações que estão na sua zona de influência. Por exemplo, de acordo com este discurso, os Estados Unidos conquistaram territórios europeus na II Guerra Mundial para “combater a ameaça nazista”; ocuparam regiões na Coreia e no Vietnã, nos anos 1950 e 1960, a fim de “proteger os povos destes países, que estavam sendo ameaçados por inimigos da liberdade”; invadiram o Iraque e o Afeganistão, nos anos 1990, com o propósito de “combater terroristas” e procuraram exercer influência na Amazônia brasileira a fim de “proteger nossa floresta tropical da devastação”.

Para exemplificar como o discurso imperialista americano é materializado nas revistas do Super-Homem, selecionamos uma história publicada em abril de 1987, na revista *Adventures of Superman* nº 427, cerca de três anos antes da invasão do Kuwait pelo Iraque, e quase vinte anos antes da derrocada final de Saddam Hussein. Na narrativa, o herói enfrenta um ataque terrorista perpetrado contra os Estados Unidos por uma nação fictícia do Oriente

Médio chamada *Quirac*, uma alusão óbvia ao Iraque. A agressão terrorista provoca grande perda de vidas, levando o Homem de Aço a buscar retaliação contra os responsáveis, como vemos na página a seguir, reproduzida da revista:



Figura 39 – O Super-Homem invade o “Iraque” (1987, p. 03).

Vemos na história o Super-Homem mais uma vez assumindo uma posição-sujeito que representa sócio-historicamente os Estados Unidos, porém desta vez, os discursos dispersos através deste personagem não são de forma alguma louváveis. Ao fazer de uma nação do Oriente Médio a responsável pelo ataque, temos dois discursos evidenciados na história: o primeiro pertence a uma FD que agrega discursos de intolerância contra os muçulmanos, frequentemente retratados como terroristas pela produção discursiva americana, mesmo antes

dos ataques aos Estados Unidos, no 11 de setembro de 2001. O segundo é o discurso de intimidação, pois, como mostrado na página acima, o Super-Homem voa rapidamente para o Quirac e invade este país, destruindo completamente suas forças armadas. A seguir, o herói vence com facilidade as defesas do palácio do governo, ignorando os pesados ataques de artilharia desferidos contra ele. Tirando os soldados inimigos do caminho, o Super-Homem chega rapidamente ao ditador do país, desenhado com um semblante bastante semelhante ao seu correspondente no mundo real, Saddam Hussein, e o destrona, eliminando assim a liderança daquele país que “levava a violência para a América e para o mundo”, segundo o Super-Homem enuncia em outra página da revista. A mensagem é clara: os Estados Unidos são poderosos e, se desafiados, reagem duramente.

No primeiro quadro da história, o narrador enuncia que o que o Super-Homem tem de fazer (atacar o Quirac) violará seus princípios, ou seja, invadir uma nação soberana seria uma atitude que o Super-Homem, normalmente objetivado como um herói, não tomaria. Já o segundo quadro traz os seguintes enunciados: *ele tem a força para dominar o mundo, mas também a sabedoria para sequer pensar nisso. Ainda assim, ele invade o espaço aéreo do Quirac sabendo que será obrigado a usar seus poderes para provar que está com a razão* (1987, p.03). O primeiro enunciado, “ele tem a força para dominar o mundo”, materializa no personagem a representação de superpotência americana, enquanto o segundo enunciado, “mas também a sabedoria para nem sequer pensar nisso”, produz o sentido de que os Estados Unidos, enquanto superpotência representada na história pelo Super-Homem, utilizam sabiamente o grande poder que detêm. Já os enunciados “ainda assim, ele invade o espaço aéreo do Quirac sabendo que será obrigado a usar seus poderes para provar que está com a razão” tem efeito de sentido de uma *mea culpa* do personagem, que deixa de ser objetivado pela narrativa como um herói, que não atacaria outro país, e passa a ser porta-voz do discurso imperialista norte-americano. Por “usar seus poderes para mostrar que está com a razão”, entende-se “para impor os regimes de verdade dos Estados Unidos”.

O arquivo nos permite relacionar o discurso dessa revista com interdiscursos que circularam nos Estados Unidos em, pelo menos, três momentos distintos de sua história. Quando o Super-Homem afirma na história que está invadindo aquela nação apenas porque seu próprio país foi atacado, ele está atualizando, no novo acontecimento, o discurso com que os Estados Unidos justificaram sua participação na II Guerra Mundial, após o ataque japonês à base norte-americana de Pearl Harbor, e o envolvimento americano nos conflitos da Coreia, nos anos 1950, e no Vietnã, na década seguinte, quando os aliados da América nestes países

asiáticos foram ameaçados por facções hostis. A revista quer com isto colocar mais uma vez para o público leitor que os Estados Unidos não são um país que busca a guerra, mas que entra em conflitos apenas para se defender ou para proteger suas nações amigas.

Esse é exatamente o mesmo discurso que o então presidente norte-americano George Bush enunciaria em 2003 para justificar, perante a opinião pública, a invasão do Iraque, afirmando que aquela nação fornecia suporte à organização terrorista Al-Qaeda, responsável pelos atentados em 11 de Setembro, e que o Iraque possuía um estoque de armas de destruição em massa. As acusações de Bush jamais foram comprovadas e as tais armas nunca foram encontradas; contudo, os Estados Unidos ainda assim invadiram a nação islâmica naquele ano, derrubaram o regime que controlava o país e iniciaram uma ocupação que perdura até hoje, que já causou a morte de milhares de cidadãos iraquianos. Desta forma, o discurso da revista *Adventures of Superman* 427 antecipa em dezessete anos o discurso do presidente dos Estados Unidos em 2003.



Figura 40 – O Super-Homem derruba o ditador do país muçulmano (1987, p. 05).

É importante observar que este discurso de apoio ao poderio bélico dos Estados Unidos enquanto potência, materializado nas histórias do Super-Homem, não fica sem resposta. O mesmo discurso anti-americano que circula na comunidade internacional como

reação à política intervencionista dos Estados Unidos se estende ao personagem Super-Homem enquanto símbolo ideológico da América. No *DC Indymedia*, um website com orientação ideológica de esquerda inserido em uma formação discursiva de crítica ao imperialismo norte-americano, encontramos esta imagem, produzida em 2008 pelo cartunista brasileiro Carlos Latuff:

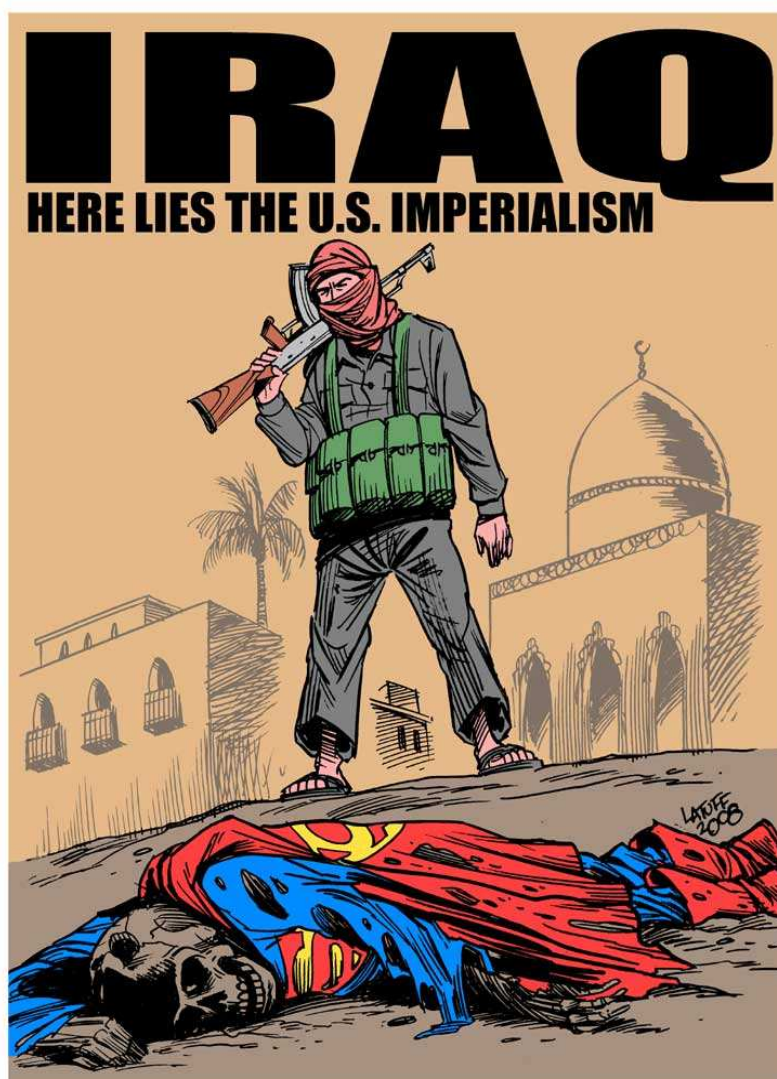


Figura 41 – Cadáver do Super-Homem aos pés de um soldado iraquiano (2008).

Na imagem, vemos o cadáver do Super-Homem aos pés de um soldado iraquiano, que veste o traje característico de guerreiro da *Jihad*, o movimento que conclama a “guerra santa” dos povos muçulmanos contra o ocidente. Lemos, ainda, no topo da página, os seguintes enunciados: “Iraque. Aqui jaz o imperialismo americano”. (2008, tradução nossa). Os efeitos de sentido são contundentes. O Super-Homem, que aqui representa o poderio dos Estados Unidos, ou ainda o exército americano, encontrará a morte em território iraquiano. É um

discurso especialmente corrosivo quando lembramos que, apesar da relativa vitória dos Estados Unidos na invasão ao Iraque em 2003, mais de 4 mil soldados americanos já foram mortos e outros 30 mil foram feridos por ataques de rebeldes iraquianos nestes sete anos em que dura a ocupação do país, ocupação esta que, a despeito dos pronunciamentos do atual presidente norte-americano, Barack Obama, parece ainda longe de terminar.

A política imperialista dos Estados Unidos, exacerbada durante o governo de George W. Bush, fez com que o país fosse mais hostilizado nos últimos anos pela comunidade internacional do que em qualquer outro momento de sua história, tornando necessária a amenização de seu discurso belicista. A ordem do dia é diplomacia, e este discurso também é materializado nas revistas do Super-Homem. Na história *Paz na Terra*, publicada em 1999, o herói decide que é sua missão enfrentar o problema da fome mundial. Ele então se dirige ao congresso americano e pede para levar os excedentes da produção de alimentos do país às nações vitimadas pela fome, de forma a conceder algum alívio a estes povos e, mais importante, dar exemplo para que outros países também se empenhem no combate a este grave problema. Obtendo o aval do congresso, o Homem de Aço coleta toneladas de comida e parte levando em gigantescos contêineres estes alimentos pelo mundo. A primeira nação visitada é o Brasil, onde o super-herói leva comida para as favelas do Rio de Janeiro.



Figura 42 – O Super-Homem leva comida às favelas do Rio de Janeiro. (1999, p. 25-26).

Há, na imagem apresentada na página acima, um diálogo de sentidos entre a figura do Super-Homem e a imagem do Cristo Redentor. Ambos pairam sobre a cidade, com os braços

abertos em um posicionamento semelhante. Sobre esta associação do Super-Homem a Cristo, entretanto, falaremos em outro momento deste trabalho. No decurso da história, em meio a uma favela carioca, o Super-Homem distribui alimentos para milhares de crianças carentes, que o recebem com espanto, admiração e agradecimentos entusiasmados. O mesmo se passa, mais a frente na narrativa, em uma nação africana em que o herói alimenta crianças vítimas de subnutrição:

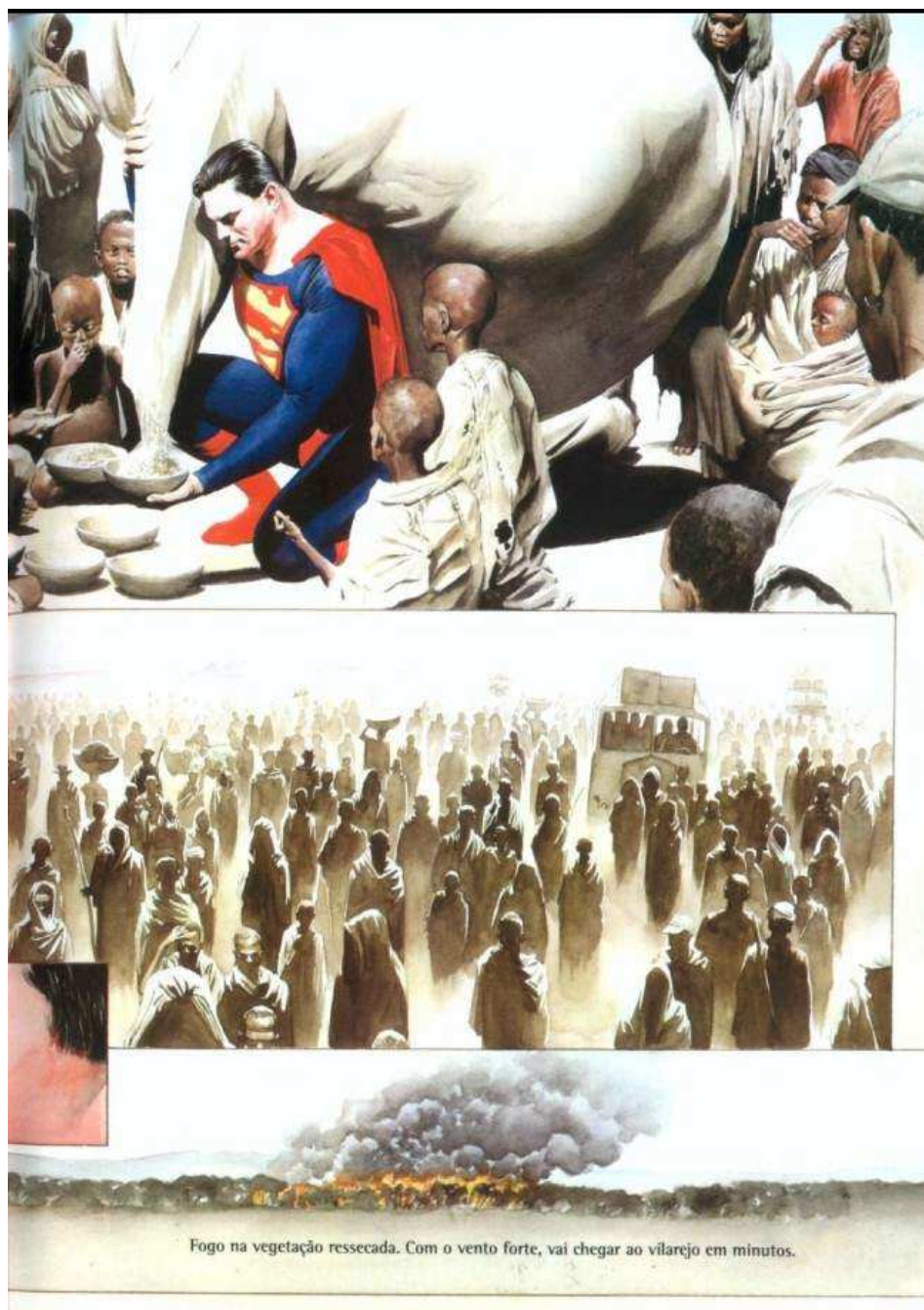


Figura 43 – O Super-Homem alimentando os famintos na África (1999, p.32).

Na figura 42, bem como no texto da revista, está materializado um discurso que identifica o Brasil como uma nação carente, que necessitaria da ajuda dos poderosos Estados Unidos, mais uma vez representados pelo sujeito-herói Super-Homem. O mesmo se passa na África, onde a imagem das crianças extremamente magras e de aspecto doentio nos remete à memória da grande fome que vitimou vários países africanos, em especial a Etiópia, nos anos 1980. É pertinente observar que, em 1985, as mesmas imagens de crianças famintas na África que são recuperadas em *Superman: Paz na Terra* originaram uma campanha contra a fome, cujo maior marco foi o lançamento do disco “*We are the world*”, reunindo vários nomes de sucesso da música popular americana em uma obra cujo lucro pelas vendas foi doado para programas de combate à fome no continente africano. *Superman: Paz na Terra* e a canção *We are the world* pertencem, portanto, a uma mesma formação discursiva, que caracteriza os Estados Unidos como um país do primeiro mundo que é solidário e está sempre disposto a ajudar as nações mais necessitadas.

Em outros países, entretanto, o herói é recebido com medo e desconfiança, pois estes temem a influência americana, representada na figura do Super-Homem, entre seus povos. Estes países, embora não identificados textualmente, são nações que historicamente se opõem aos discursos ideológicos dos Estados Unidos ou já tiveram confrontos contra o poderio bélico americano, como a Nicarágua ou o próprio Iraque. Em uma destas nações, arruinada pela guerra e vitimada pela fome, ele é acusado de ativista político e farsante, e apedrejado pelo próprio povo que tentava ajudar. “Não me querem, apesar do que trago” (DINI, 1990, p.49), lamenta o personagem. Em outra nação, esta latino-americana, o ditador do país diz estar honrado por seu povo ser um dos “agraciados pelo Super-Homem”, e pede que ele deixe a comida sob a guarda de seu exército, que a distribuiria depois para a população. O Super-Homem diz na história que sabe que aquele homem não passa de um tirano, e que ficaria com o alimento para si ou o venderia, lucrando assim com a fome de seu povo. Ele então pede respeitosamente ao ditador para distribuir a comida, mas o tirano então ordena aos seus soldados que apontem as armas para a população que, faminta, aguardava. Se o Super-Homem não deixasse o alimento e se retirasse, o vilão daria ordem ao exército para atirar contra seu próprio povo.

O Super-Homem confronta os militares, destruindo suas armas e salvando assim aquelas pessoas naquele momento, mas o ditador avisa ao herói de que ele não poderia ficar lá para sempre, e se não partisse naquele momento, aquelas pessoas seriam massacradas assim que ele desse as costas. Sem outra opção, o Super-Homem deixa a comida e vai embora.

Finalmente, ao chegar a um país do Oriente Médio, o Super-Homem é recebido pelo exército, que o ordena a partir imediatamente, ou sua presença ali será considerada uma invasão e um ato de guerra. O herói tenta argumentar, explicando o porquê de sua vinda, mas o comandante do exército responde que o bem-estar daquele povo não era de sua conta. Temerosos de uma influência externa, e determinados a manter seu povo dependente, os militares finalmente disparam um míssil contra o carregamento de comida, destruindo todo o alimento. Assim, apesar de seus grandes poderes, o Homem de Aço se vê incapaz de auxiliar nações cujos governos não desejam sua ajuda, e retorna aos Estados Unidos amargurado.

Analisando os efeitos de sentido de *Superman: paz na Terra*, evidenciamos discursos derivados de diferentes formações discursivas. Quando entendemos o Super-Homem como representação dos Estados Unidos, e vemos na história o herói distribuindo alimentos pelo mundo, identificamos, em um primeiro momento, dois discursos específicos: o discurso humanitário, conclamando o sujeito leitor a tomar uma posição contra o problema da fome mundial e outro, sub-reptício, justificando para este leitor a influência americana em nações estrangeiras. Há também um discurso evidente de crítica a governos que, buscando manter o controle sobre suas populações, mantêm estes povos na penúria. Estes governos são na história representados por ditadores autoritários que poderiam ser facilmente eliminados pelo Super-Homem, caso ele decidisse usar contra eles seu imenso poder. O herói, entretanto, não age, pois se o fizesse, suas ações representariam atos de guerra.

Este discurso nos provoca uma inquietação: se a guerra representasse a derrocada dos tiranos, então o ataque do Super-Homem a estes países a fim de libertar seus povos da opressão não seria justificado? Por esta leitura, a história *Superman: Paz na Terra* justificaria as notórias práticas de intervenção dos Estados Unidos que fazem com que este país seja conhecido mundialmente como “polícia global”. Em inúmeras ocasiões ao longo de sua história, algumas das quais inclusive destacamos aqui, os Estados Unidos intervieram em nações estrangeiras, sempre com o discurso de que seus atos visavam “libertar estes países da tirania” ou “ajudar estes povos em sua luta por liberdade” e, mais recentemente, “combater o terrorismo”. As forças americanas de ocupação que, neste exato momento dominam o Iraque e o Afeganistão, apesar da promessa do atual Presidente Barack Obama de retirá-las, invadiram estes países sob a égide de “libertadores”, porém, os mantêm sob extenso policiamento e minam a capacidade destas nações de governarem a si mesmas.

Inserimos anteriormente as histórias do Super-Homem no conceito foucaultiano de *técnicas de si*, procedimentos que modelam a identidade do indivíduo, imbuindo-o do conjunto de valores e comportamentos considerados “morais” no contexto sócio-cultural em que ele está inserido. Se este é o caso, será que estas histórias não perpetuam como valor nas crianças e adolescentes americanas o discurso imperialista dos Estados Unidos? E o que elas dizem às crianças e adolescentes de outras nacionalidades? Que devem aprovar a influência do “Grande Irmão” americano em suas nações, talvez? Foucault defende em *A Ordem do Discurso* (1999) que nossa civilização venera, porém, ao mesmo tempo, teme o discurso, buscando por isso criar sistemas de controle para dominar a sua proliferação. Evidenciamos neste trabalho que, mesmo discursos proliferados através do veículo aparentemente mais inocente, as histórias em quadrinhos de um super-herói, podem ter poderosas repercussões, influenciando as relações de poder não apenas entre as diferentes camadas de um mesmo corpo social, mas até mesmo as relações de poder entre países, na medida em que levam os leitores destas histórias à identificação ou à confrontação (por vezes violenta) com os discursos nelas disseminados. O temor ao discurso de que Foucault falava é, portanto, inteiramente justificado.

3.3 Reflexos nas histórias do Super-Homem das crises nos EUA

A história é cíclica. Eventos que causam grandes convulsões políticas e sociais ocasionam mudanças nas regras que regem a produção de saberes e aparecimento de discursos, levando à substituição de uma positividade por outra em uma dada sociedade. Uma crise econômica ocorrida nos Estados Unidos na década de 1930 levou à emergência de uma formação discursiva de crítica às instituições americanas. Já nos anos 1950, o país atravessou um período de prosperidade e fortalecimento das instituições. Com isso, os discursos de suporte ao poder ganharam força, enquanto dizeres que se opunham aos posicionamentos político-ideológicos da América capitalista foram interditados. Nos capítulos anteriores, vimos como essa descontinuidade dos discursos se refletiu nas histórias do personagem Super-Homem. Agora, verificamos como as crises sociais, políticas e econômicas sofridas pelos Estados Unidos na primeira década do século XXI provocaram uma nova mudança nos posicionamentos político-ideológicos do personagem, que passou mais uma vez a expressar, em suas histórias, o descontentamento popular do povo norte-americano com suas instituições e abandonou a posição-sujeito de representante dos discursos do Estado americano.

No campo econômico, uma recessão comparável a que vitimou os Estados Unidos na década de 1930 abalou o país nos anos 2000. Essa recessão continua, embora em menor medida, até o presente momento. Além disso, em 11 de setembro de 2001, o atentado cometido pela organização fundamentalista islâmica Al Qaeda às torres do World Trade Center teve como consequência um recrudescimento da política intervencionista americana, levando o país a travar seus maiores conflitos no exterior desde a guerra do Vietnã. O ataque terrorista deu início a uma reação de hostilidade ao povo muçulmano por parte da população estadunidense, e isso permitiu ao então presidente americano George W. Bush, que até aquele momento vinha realizando uma administração considerada como medíocre, alcançar altos índices de popularidade graças a seu discurso de incitação ao temor e intolerância ao Islã.

Com seu poder assegurado pela aceitação popular, o presidente Bush lançou os Estados Unidos em guerras contra duas nações do Oriente Médio, o Afeganistão e o Iraque, usando como justificativa o discurso de que estes países davam suporte a organizações terroristas e ocultavam armamentos de destruição em massa. Conforme mencionamos anteriormente, nunca houve qualquer comprovação das alegações de Bush, e há fortes indícios de que a verdadeira razão para a invasão ao Oriente Médio foi o interesse norte-americano pelas reservas petrolíferas da região. De uma forma ou de outra, o fato é que a guerra levou milhares de inocentes à morte, tanto no Iraque quanto no Afeganistão e, após estes países serem ocupados pelas forças militares estadunidenses, foram instalados neles governos leais aos interesses norte-americanos. Bush foi reeleito presidente em 2004, e continuou com sua política intervencionista na administração seguinte. Estes eventos fizeram emergir uma série de práticas sociais e discursivas que caracterizaram os Estados Unidos como uma superpotência prepotente e hostil ao mundo muçulmano, disposta a fomentar guerras sob falsos pretextos apenas para satisfazer seus interesses político-econômicos.

O conflito no Oriente Médio resultou na perda de milhares de vidas, tanto de militares estadunidenses quanto de cidadãos afegãos e iraquianos, e no gasto de bilhões de dólares em investimentos militares, o que agravou consideravelmente a crise econômica que vinha tendo lugar nos Estados Unidos desde o início da década. Além disso, a administração Bush a partir de 2001 instaurou os chamados *Patriotic Acts*, emendas na constituição americana que restringiam os direitos civis e liberdades individuais da população estadunidense. Como consequência, a opinião pública foi gradualmente se voltando contra George Bush que, em meados de sua segunda administração, já era considerado um dos presidentes mais detestados da história dos Estados Unidos.

Toda uma FD que alinhava discursos de crítica à Bush emergiu durante seus anos de governo. São materialidades discursivas pertencentes a esta FD os documentários do cineasta Michael Moore, que revelam os prejuízos econômicos e sociais acarretados pela administração Bush, o filme “W”, biografia cinematográfica realizada, em 2008, pelo diretor Oliver Stone, que focaliza a incompetência generalizada e desonestidade de Bush segundo a visão deste cineasta, e um sem número de livros e artigos em revistas e mídias digitais que destacam cada aspecto negativo do governo deste presidente, como, por exemplo, o artigo *The twenty lies of George W. Bush* (2003), de Patrick Martin, disponível no *World Socialist Web Site*.

Como não poderia deixar de ser, as revistas do Super-Homem produzidas durante a “Era Bush” trazem em si os discursos e jogos de verdade que circularam na sociedade americana naquele contexto histórico. Embora, como anteriormente destacamos, o Super-Homem tenha vestido desde a década de 1940 o manto de símbolo dos posicionamentos ideológicos da direita governista, no quadro interpretativo do discurso político norte-americano, a análise das aventuras do personagem produzidas entre 2000 e 2004 desvela efeitos de sentido que caracterizam as publicações do herói na época como inscritas em uma FD de crítica à administração do presidente George W. Bush. Este discurso, entretanto, não é explícito, mas sim manifesto sob forma de alegoria. A figura de Bush está mascarada nestas histórias sob a forma de um personagem do universo fictício das histórias do Super-Homem, o vilão Lex Luthor. No mesmo ano em que Bush foi eleito presidente dos Estados Unidos, após ter conseguido uma vitória possivelmente fraudulenta sobre seu candidato opositor, Al Gore, que perdeu apesar de ter obtido a maioria dos votos populares, Lex Luthor, maior inimigo do Super-Homem, foi eleito presidente dos Estados Unidos nas histórias em quadrinhos.

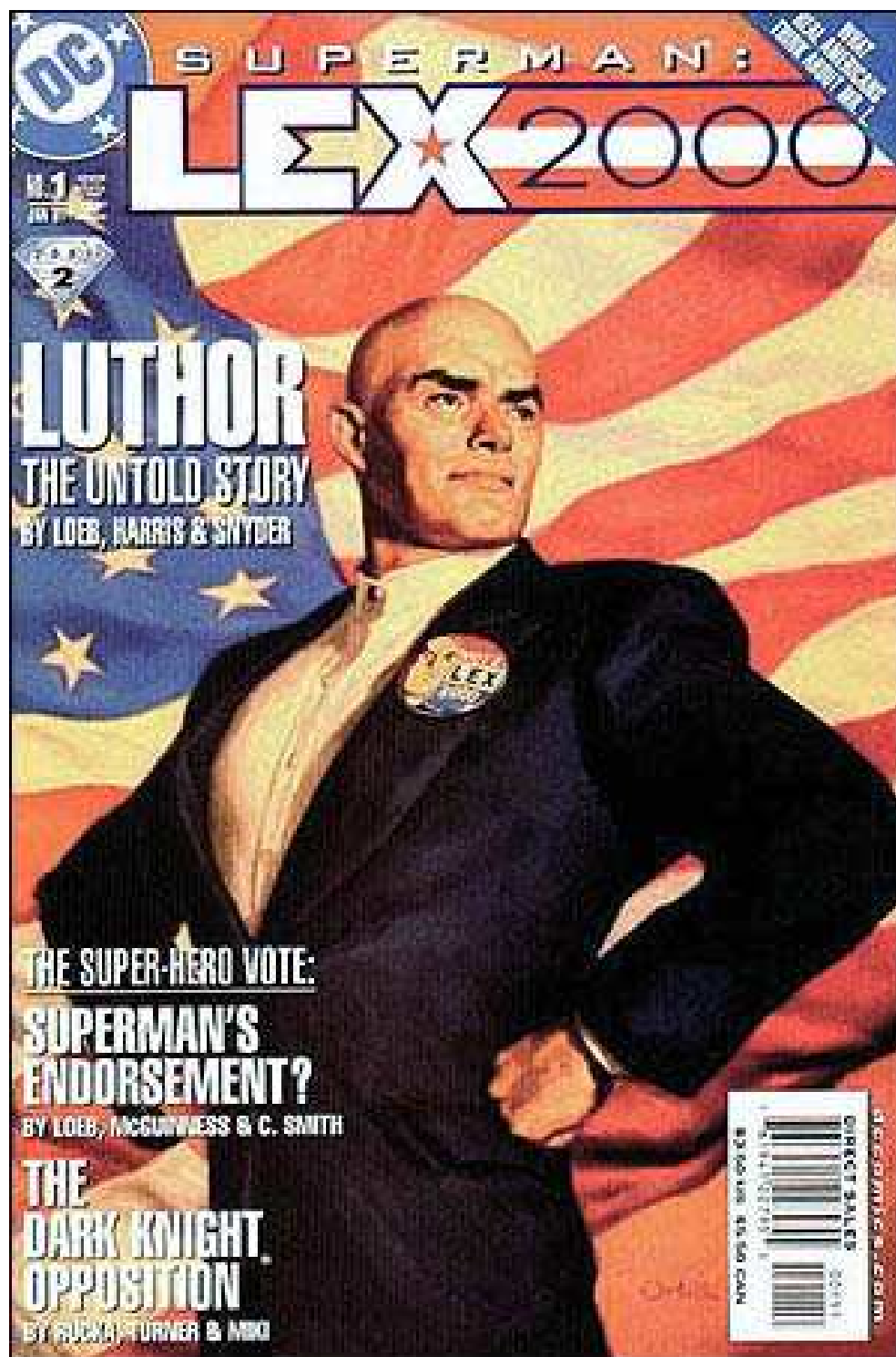


Figura 44 – Lex Luthor eleito presidente dos Estados Unidos (2000).

Quando se deu a publicação desta história, a DC Comics, editora responsável pelas revistas do Super-Homem, recebeu severas críticas por parte de muitos leitores e da imprensa por estar tachando o recém eleito presidente Bush de vilão. A editora se defendeu negando veementemente qualquer conexão entre Bush e Luthor, e alegando que tudo não passava de

licença poética. O fato, contudo, é que diversos discursos de denúncia às práticas políticas reais do presidente George Bush atravessaram, sob a forma de metáforas e alegorias, as histórias do Super-Homem co-protagonizadas pelo presidente Luthor.

Por exemplo, em 2003, o presidente Bush, em diversos pronunciamentos públicos, afirmou categoricamente que o regime do ditador iraquiano Saddam Hussein estava diretamente ligado aos ataques de 11 de setembro de 2001, e que este regime detinha em seu poder um arsenal de armas de destruição em massa. Por meio deste discurso, Bush buscava conseguir o apoio da opinião pública e do conselho de segurança da Organização das Nações Unidas à guerra que pretendia empreender contra esta nação islâmica. O presidente americano teve sucesso e, em 20 de março de 2003, foi iniciada a operação de ataque ao Iraque, ou, como foi denominada por Bush e seus assessores militares, “Operação liberdade iraquiana”, designação escolhida para conferir ao esforço de guerra americano uma conotação positiva.

Enquanto isso, nos quadrinhos, em agosto do mesmo ano, foi iniciada uma série de histórias na revista Superman/ Batman em que o presidente Lex Luthor, através de pronunciamentos, procura voltar à opinião pública contra o Super-Homem. Luthor acusa o herói de ser responsável por uma catástrofe iminente, e exige que ele se entregue ao governo federal para responder por crimes contra a humanidade. Desta forma, por meio do uso abusivo de sua posição de poder e de alegações falsas para justificar suas ações perante o mundo, o vilão pretende executar sua vendeta pessoal contra o Homem de Aço, conforme vemos no fragmento a seguir:

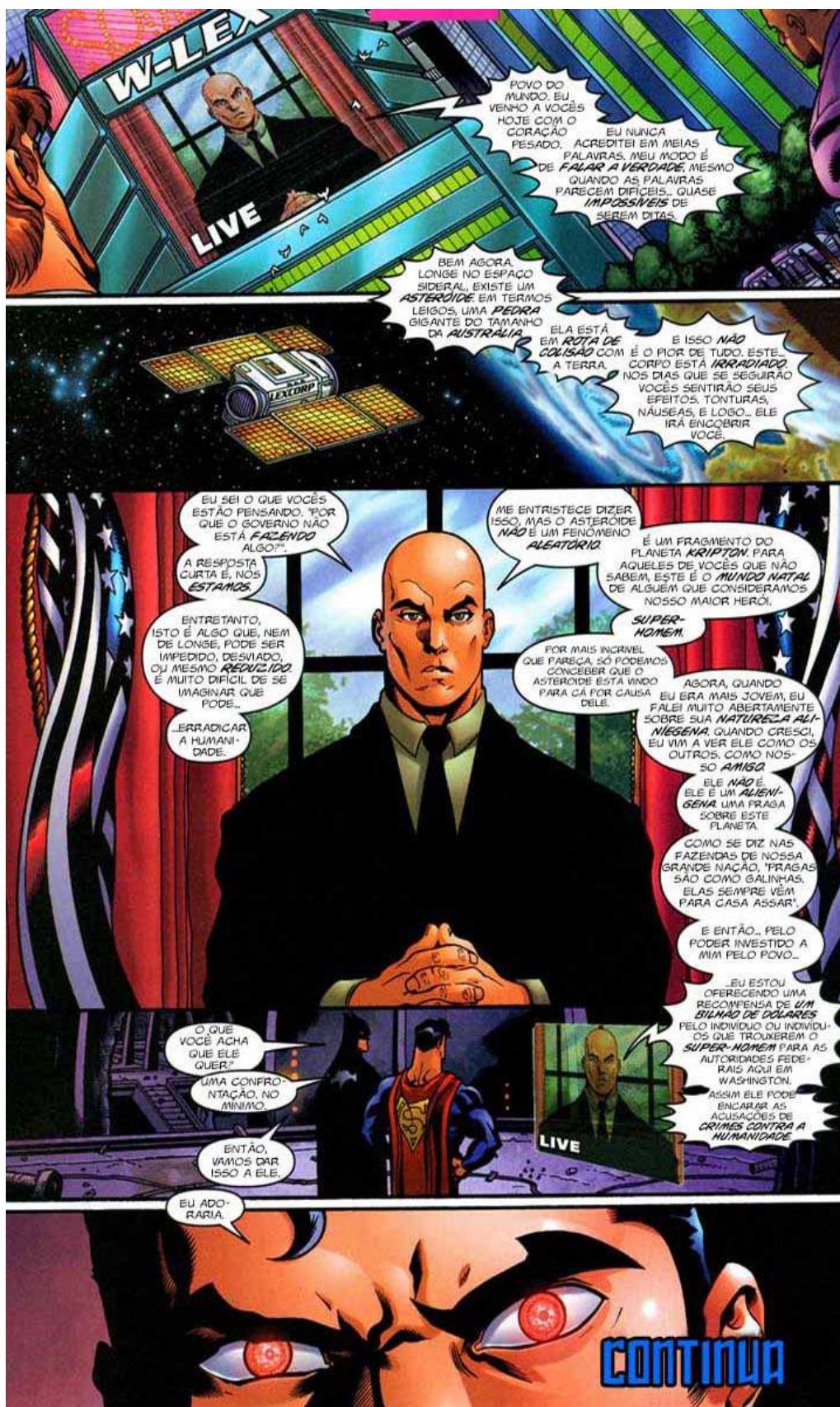


Figura 45 – O presidente Luthor incita o povo americano contra o Super-Homem (2003, p.32).

Não é, de forma alguma, coincidência que esta história tenha sido produzida poucos meses depois de o presidente Bush, no mundo real ter feito, na prática, a mesma coisa. O que interpretamos na discursividade da revista é uma analogia entre os atos do presidente real e do fictício, inserindo a revista, embora não explicitamente, em uma FD de denúncia aos atos de George W. Bush como presidente. É importante observar que, na história, a figura do presidente Luthor não é identificada com os Estados Unidos. Ele é um homem maligno e mesquinho que, através de manipulações e trapagens, conseguiu chegar à presidência, mas as pessoas que o servem não são más ou corruptas, apenas cumprem seu dever. Desta forma, de acordo com o discurso da revista, o problema não é o Estado americano, mas sim o atual presidente do país. No final da história, o Super-Homem vence e Luthor é deposto. Curiosamente, isso se passa no mesmo ano em que Bush terminaria seu primeiro mandato como presidente. Os efeitos de sentido da conclusão da série naquele contexto sócio-político são claros: Bush precisava deixar o poder, e a produção discursiva da revista podia construir sentidos que contribuíssem, em algum nível, para isso, conduzindo os sujeitos leitores das histórias a rejeitarem o então presidente.

Além das questões de ordem política, outro fator que fez emergir práticas discursivas que foram materializadas nas histórias do Super-Homem produzidas nos anos 2000 foi a crise econômica e social que acometeu os Estados Unidos nessa década. Esta recessão foi ocasionada por uma queda nas taxas de juros de empréstimos concedidos por instituições financeiras como o *Federal Reserve*, de modo a aquecer a economia. Mesmo clientes com baixa renda ou com histórico de maus pagadores, os chamados *subprime*, conseguiram facilidade para obter empréstimos, e começaram a investir esse capital no mercado imobiliário que, neste momento, passou a financiar imóveis a juros baixos a fim de aproveitar o bom momento na economia. Com tantas facilidades, a compra de imóveis passou a ser considerada pelos consumidores americanos um excelente investimento, e eles contraíram mais e mais empréstimos, inclusive hipotecando suas próprias casas como garantia, a fim de adquirir mais imóveis, esperando uma rápida valorização destes.

O problema começou quando a economia começou a se retrair e as instituições financeiras, a partir de 2004, encareceram os juros para os empréstimos que haviam concedido anteriormente. Os investidores passaram a ter dificuldades para quitar as dívidas que já tinham, precisando inclusive contrair novas dívidas para não perder seu investimento inicial nem as propriedades que haviam hipotecado. Muitos não conseguiram pagar seus débitos, e os bancos tiveram de diminuir o crédito para se proteger. O mercado imobiliário,

por sua vez, começou a quebrar, pois como os investidores se afastaram, a oferta superou a demanda e os preços dos imóveis caíram vertiginosamente. Devido à inadimplência no pagamento dos empréstimos, muitos bancos sofreram prejuízos de bilhões de dólares, e várias instituições financeiras faliram enquanto as que resistiram pararam de emprestar. Com menos dinheiro em circulação, os consumidores pararam de comprar e as empresas, por sua vez, deixaram de ter lucro e pararam de contratar, gerando níveis de desemprego sem precedentes desde os anos 1930. Mesmo tendo feito investimentos bilionários para restaurar a economia, o governo federal dos Estados Unidos não conseguiu reverter por completo a crise, que continua, embora com menos intensidade, até hoje.

Em uma história publicada em janeiro de 2011, em *Superman* nº 701, e que se estende pelas sete edições seguintes dessa revista, observamos os efeitos dessa crise atravessarem sob a forma de discurso as aventuras do Homem de Aço. Na narrativa, o herói procura recuperar sua conexão com o cidadão comum, e começa uma peregrinação a pé pelos Estados Unidos, observando os problemas das pessoas nas ruas e tentando ajudar quando possível. Ao longo de sua caminhada, o Super-Homem encontra pessoas que enfrentam o desemprego e a pobreza, cidadãos que perderam suas casas por não conseguirem quitar suas dívidas e bairros tomados pela criminalidade e pelo tráfico de drogas. Em suma, ele se defronta com os problemas que afligem a América do século XXI. Isto confere à revista seu caráter de crítica social e denúncia, e a insere em uma FD equivalente à das primeiras histórias do Super-Homem, em que o herói era um campeão social revolucionário.

Diferente do que acontecia nas histórias dos anos 1930, entretanto, o Super-Homem agora não é um revolucionário. Desde os anos 1950, como vimos no capítulo anterior, o personagem foi objetivado como um representante da lei e da ordem, um herói subserviente aos poderes constituídos. Ele só pode agir de acordo com a lei; portanto, apesar de toda a sua força, na maior parte das vezes o herói está tão impotente para defender “os fracos e oprimidos” quanto qualquer pessoa. Há ocasiões em que é possível contornar o sistema, como a que é mostrada nos fragmentos da revista reproduzidos a seguir, em que a população de um bairro pede ao herói para ajudá-los a livrar sua vizinhança de uma gangue de traficantes de entorpecentes, conforme vemos nos fragmentos reproduzidos da revista apresentados a seguir:



Figura 46 – O Super-Homem ajudando a livrar um bairro pobre do crime (2011c, p. 09).



Figura 47 – O Super-Homem detém traficantes, mas não pode prendê-los (2011c, p.10).

Apesar de seus crimes, os traficantes conhecem seus direitos e sabem que não podem ser presos pelo Super-Homem. Eles não o temem, e zombam do herói, que está de mãos atadas pela lei. No primeiro quadrinho da figura 46, um dos cidadãos do bairro informa ao Super-Homem que a polícia não os ajuda, enquanto no primeiro quadrinho da figura 47, um bandido diz ao herói que ele não pode prendê-lo, pois a lei o protege. O discurso de crítica ao poder legal é contundente nesses enunciados, e bastante familiar a nós, brasileiros. De acordo com este discurso, a lei não protege os inocentes, mas possibilita que os criminosos fiquem impunes. Como vimos, na história, o Super-Homem destruiu as drogas usando seus poderes, porém não pôde prender ninguém. Esses e outros problemas que o personagem enfrenta ao longo da série fazem com que ele passe a questionar os valores que dedicou sua vida a proteger, conforme lemos nos fragmentos a seguir, extraídos da revista Superman nº707, em que o Super-Homem conversa por telefone com sua esposa, Lois Lane:



Figura 48 – Super-Homem passa a duvidar dos valores que sempre defendeu (2011b, p.04).

O diálogo do Super-Homem com sua esposa, apresentado nos fragmentos acima, revela a perda de confiança por parte do personagem em seus próprios posicionamentos ideológicos. Ele, que dedicou a vida a lutar pela “verdade, justiça e modo de vida americano”, percebe que todos esses valores são efêmeros. A verdade, no campo discursivo da história, é ditada pelos interesses dos poderosos. A justiça não é, de fato, propiciada pela lei e o “modo

de vida americano”, ou seja, o discurso de que a América é o país das oportunidades, se revela falso para os socialmente excluídos, para quem as oportunidades de melhoria em suas condições de vida são virtualmente nulas. Os enunciados do Super-Homem atualizam já-ditos pessimistas, bastante comuns em um contexto de crise social, e refletem a perda de confiança generalizada do povo americano em suas lideranças e instituições. Neste momento, o personagem não mais representa o Estado, mas sim os cidadãos dos Estados Unidos que têm seus valores postos em xeque pela dura realidade que enfrentam.

Como já mencionamos neste trabalho, a histórica identificação do Super-Homem com os discursos constitutivos do Estado norte-americano levou o personagem a ser, em muitos momentos, rejeitado pelo público internacional. Neste momento de crise social que a América vem enfrentando, o próprio povo americano rejeita estes discursos e, como resultado, a popularidade do personagem caiu vertiginosamente em anos recentes. Se, em diversos momentos de sua publicação, as revistas do Super-Homem alcançavam a marca de 900 mil exemplares vendidos por mês, esse número atualmente mal chega a 50 mil. É importante observarmos que o personagem Super-Homem é um produto; portanto, é essencial para sua continuidade que ele venda bem. Assim, os autores das histórias atuais do personagem têm paulatinamente deslocado o Super-Homem do lugar ideológico de porta-voz dos discursos do poder americano, e o colocado na posição-sujeito de herói do povo e do mundo, como podemos verificar na história que analisamos a seguir, publicada na revista Action Comics nº 900, de maio de 2011.

Para entendermos a drástica mudança discursiva sofrida pelo Super-Homem na narrativa, precisamos, como de praxe, analisar a exterioridade do discurso, observando o contexto sócio-histórico em que a história em questão foi publicada. Em dezembro de 2010, um levante popular na Tunísia deu início a uma onda de revoluções que varreu o Oriente Médio e o Norte da África, alcançando o Egito, Barein, Líbia, Iêmein, Irã, Kuwait e Marrocos, e abalando ditaduras que governaram estes países por décadas. No Egito e na Tunísia, os regimes governantes foram derrubados pela população de forma relativamente pacífica em fevereiro de 2011. Na Líbia e no Irã, entretanto, os ditadores Muamar Kadafi e Mahmoud Ahmadinejad têm repreendido a população com violência a fim de se perpetuarem no poder.

Na revista Action Comics nº 900, os autores fazem o Super-Homem participar ativamente destes eventos históricos. Na história, o herói voa até o Irã para proteger uma

multidão de manifestantes do ataque das forças de repressão do governo, conforme vemos nestes fragmentos:

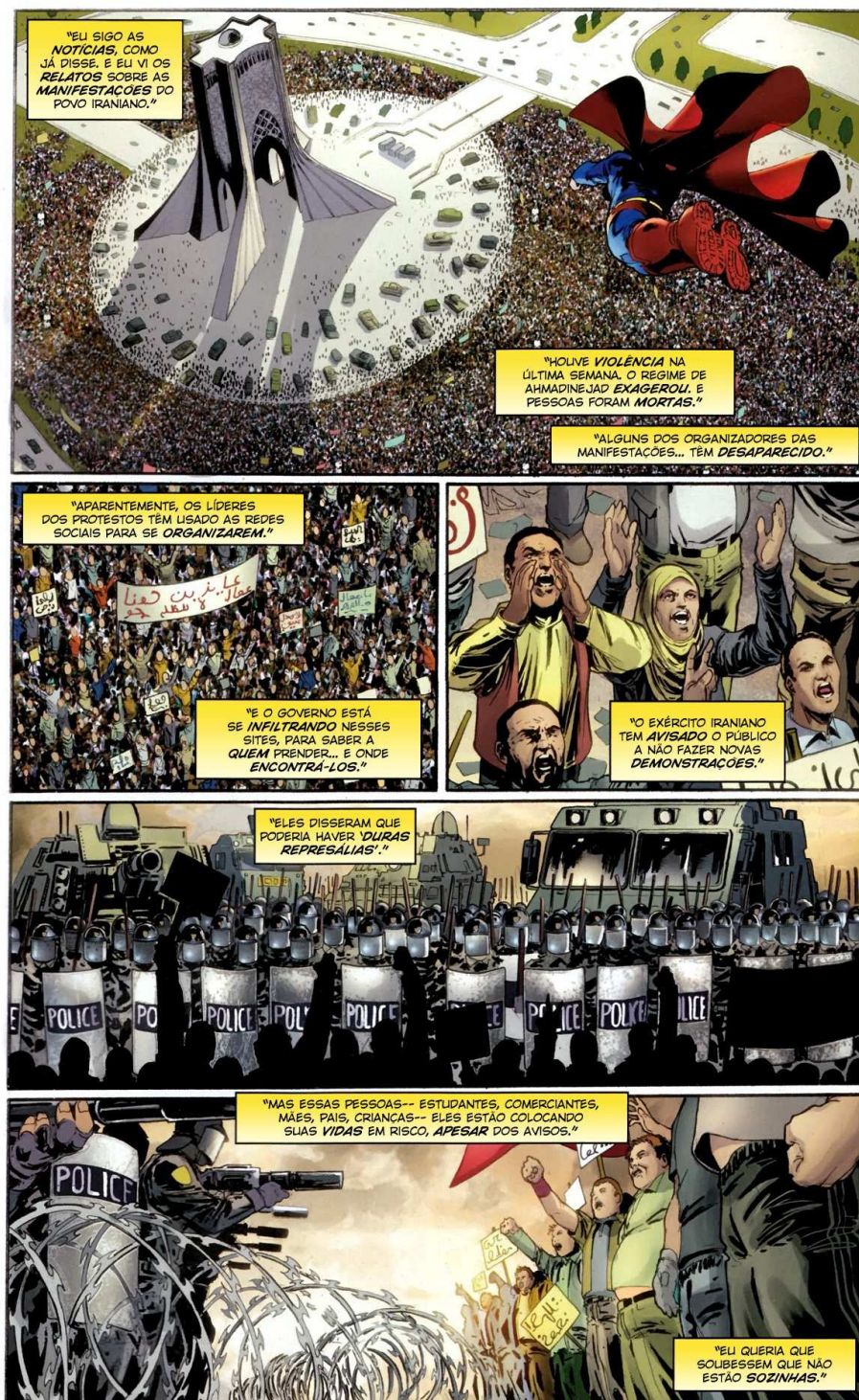


Figura 49 – Super-Homem decide intervir no Irã (2011a, p.73).



Figura 50 – Super-Homem protegendo manifestantes iranianos (2011a, p.75).

Embora tenha resistido passivamente, a presença do Super-Homem intimida o exército iraniano, que não ataca a multidão. O presidente do Irã, contudo, considera que as ações do herói representaram uma intervenção norte-americana naquele país e um ato de guerra, o que gera um grave embaraço diplomático para os Estados Unidos. O Homem de Aço é então convocado para prestar conta de seus atos a um oficial do governo americano. É nesse momento que ocorre a mais drástica mudança dos discursos do Super-Homem nos últimos sessenta anos, como vemos nos fragmentos a seguir:



Figura 51 – Super-Homem renuncia à cidadania americana (2011a, p.76).

No fragmento acima, o Super-Homem sofre o seu maior deslocamento identitário em décadas. Ele, que desde os anos 1950 literalmente empunhou a bandeira dos Estados Unidos, tendo como um de seus principais posicionamentos ideológicos a defesa dos valores

americanos, enuncia agora do interior de uma FD que nega esses valores, ou ao menos, afirma que eles perdem importância quando considerados em uma perspectiva global. O mundo, afirma o Super-Homem no segundo quadro, é “muito pequeno, muito conectado”, enunciados que rejeitam o nacionalismo norte-americano em prol do discurso de integração entre as nações. O personagem pretende, conforme esse discurso, assumir o lugar social de herói protetor do mundo, e não apenas dos Estados Unidos, se identificando com todos os povos da Terra. Ele novamente transita entre duas formações discursivas contraditórias, movido pela situação de crise atravessada pelos Estados Unidos e o mundo, e passa a agregar novos valores que lhe permitirão se adaptar à sociedade globalizada do século XXI e continuar existindo como um personagem relevante e comercialmente viável.

A nova postura do personagem causou enorme polêmica, sendo amplamente divulgada na rede mundial e em diversos dos mais importantes veículos noticiosos dos Estados Unidos. Representantes da direita conservadora e ufanista da política americana condenaram, em rede nacional, a atitude do herói, através do importante canal Fox News, e em diversos outros veículos midiáticos chamando-o de traidor e antiamericano. O potencial candidato republicano à presidência dos Estados Unidos, Mike Huckabee, afirmou em entrevista que a história de Action Comics nº 900 é um acontecimento que tem de ser levado a sério. “É uma história em quadrinhos, mas você sabe que é muito preocupante que o Superman, que sempre foi um ícone americano, esteja dizendo agora: “Eu não vou ser um cidadão americano”. É parte de uma tendência maior dos americanos quase que se desculpando por serem americanos”, ponderou Huckabee. Já no Weekly Standard, importante veículo da imprensa conservadora dos EUA, o escritor Jonathan Last questionou quais seriam agora os valores do herói. “Ele acredita no intervencionismo britânico e na neutralidade suíça? Se o Super-Homem não acredita na América, então ele não acredita em nada”, conclui o escritor.

Em resposta às críticas, os produtores da DC Comics, editora responsável pela publicação, disseram ser essa apenas uma forma de dar caráter mais global às ações do herói. “Superman revela sua intenção de dar foco global em sua batalha sem fim, mas ele continua, como sempre, leal ao seu lar adotivo e às suas raízes no Kansas, como um filho de fazendeiro em Smallville (cidade fictícia do interior do Kansas onde o herói foi criado por seus pais adotivos)”, disseram os editores em anúncio oficial. A história, apesar das reações negativas dos conservadores, foi aplaudida por grande parte do público e crítica internacionais, que afirmaram que a mudança de postura do personagem revitalizou o mito do Super-Homem,

permitindo que ele continue instigante e preparado para conquistar novas gerações de leitores que, estadunidenses ou não, não se identificam com o discurso patriótico ufanista proferido pela direita norte-americana. Acima de toda a controvérsia, o fato é que a história de Action Comics nº 900 chamou a atenção do mundo inteiro, atestando a importância que o Homem de Aço continua tendo como ícone cultural mesmo após setenta e cinco anos desde a sua criação.

3.4 O Discurso religioso

Um dos aspectos fundamentais deste estudo é compreender como as relações de poder que tiveram lugar na sociedade norte-americana no decurso de sua história influenciaram os discursos dispersos por meio das revistas do Super-Homem. A religião é, indubitavelmente, uma das mais antigas relações de poder, e enunciados inscritos em formações discursivas de cunho religioso podem ser discernidos em muitas das aventuras do Homem de Aço. O que mais causa inquietação, contudo, é constatar que mesmo este discurso religioso sofreu deslocamento, passando de uma FD que alinha enunciados referentes ao judaísmo para uma segunda FD, de orientação cristã. Neste momento de nosso trabalho, observamos como as relações de poder entre essas religiões divergentes, o judaísmo e o cristianismo, levaram à transição do discurso religioso do Super-Homem, e mostramos como este discurso religioso se materializa nas histórias do personagem.

Como destacado anteriormente, Jerry Siegel e Joe Shuster, os sujeitos criadores do Super-Homem eram judeus, assim como também o eram os principais envolvidos no desenvolvimento das histórias do personagem, os editores Mort Weinsinger e posteriormente, Julius Schwartz. Uma vez que toda produção discursiva é impregnada das posições ideológicas daqueles que a produzem, identificamos nas primeiras histórias do herói discursos associados ao judaísmo. Há, por exemplo, diversas similaridades entre a origem do Super-Homem e a história de uma das figuras mais importantes da fé judaica: Moisés.

Segundo sua história de origem, o Super-Homem foi salvo da destruição de seu planeta quando seu pai, o cientista Jor-El, colocou o filho ainda bebê em um foguete e o enviou para o planeta Terra. Lá, a criança foi encontrada por um casal de fazendeiros que a adotou. Anos depois, o adulto Kal-El, agora chamado Clark Kent, descobriu sua verdadeira origem e se tornou o maior herói da Terra, o Super-Homem. Já Moisés foi salvo ainda bebê da morte certa, quando o faraó Ramsés I exigiu a morte de todos os primogênitos israelitas. A criança foi depositada por sua irmã Mirian em um cesto calafetado, que foi deixado à deriva no rio Nilo. Logo, o bebê foi encontrado pela filha do faraó e adotado por ela, sendo criado

dentro dos costumes egípcios. A interdiscursividade entre as duas histórias é evidente, e é o *arquivo* que nos possibilita identificar a história bíblica de Moisés atualizada na nova materialidade discursiva, que são as histórias do Super-Homem, mas ele não é o único mecanismo que nos permite fazer a associação entre as duas histórias, conforme mostraremos com a análise das imagens apresentadas a seguir:



Figura 52 – Paralelos nas origens do Super-Homem e de Moisés.

Nas imagens acima, extraídas da rede mundial, vemos à esquerda uma representação do momento em que os pais verdadeiros do Super-Homem, Jor-El e Lara, colocam seu bebê no foguete que o levará à Terra. Já na imagem à direita, vemos o bebê Moisés sendo depositado em um cesto no rio Nilo. Há um diálogo evidente entre as duas imagens, que o sujeito-leitor é capaz de reconhecer através do conceito de intericonicidade, formulado por Jean Jacques Courtine:

Toda imagem se inscreve em uma cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco. Essa memória das imagens se chama memória das imagens vistas, mas isso também poderia ser a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Portanto, a noção de intericonicidade é uma noção complexa porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna; as imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam ressurgir outras imagens, mesmo que estas imagens fossem apenas vistas ou simplesmente sugeridas. (COURTINE, 2005).

Courtine (2005) explica que, da mesma maneira que não há textos ou discursos que não sejam interpretáveis, compreensíveis sem referência à memória discursiva, o mesmo acontece com as imagens, que estão relacionadas umas com as outras da mesma maneira que os discursos são atravessados por outros discursos. O mesmo processo de busca pelas intericonicidades é aplicado na análise dos enunciados imagéticos a seguir, em que perscrutamos os efeitos de sentido que as duas imagens partilham. A imagem da esquerda representa o bebê Kal-El sendo encontrado já na Terra por seus pais adotivos, enquanto a da direita mostra o bebê Moisés sendo encontrado no Nilo pela filha do Faraó:



Figura 53 – O Super-Homem e Moisés encontrados por seus pais adotivos.

Os paralelos entre os dois personagens, o bíblico e o herói dos quadrinhos, são aqui evidenciados quando a intericonicidade faz ecoar, na representação imagética do Super-Homem sendo encontrado por seus pais adotivos, a memória do momento em que Moisés foi, por sua vez, recolhido por sua mãe adotiva no texto do Velho Testamento. Estas intersecções entre as trajetórias de ambos os personagens são trazidas à tona pela memória em diversos outros momentos no decorrer de suas histórias. Muitos anos depois de ser encontrado e adotado, Moisés descobriria sua verdadeira origem e, ao vagar pelo deserto, foi chamado por Deus, que lhe incumbiu de liderar o povo hebreu, escravizado no Egito, para a liberdade. Já o Super-Homem, após anos vivendo na Terra como um homem comum e escondendo seus

poderes, é convocado por uma imagem holográfica gravada por seu pai Jor-El, que lhe revela sua origem. Ele então decide dedicar sua vida a ajudar todos os que dele necessitarem, assumindo sua identidade de sujeito-herói, de salvador. É mais uma vez pelo arquivo que a história de Moisés, registrada há mais de dois mil anos na Bíblia Hebraica que os cristãos chamam de “Antigo Testamento”, é recuperada nas revistas do Super-Homem, que atualizam os discursos do texto ancestral no novo acontecimento discursivo.

Jerry Siegel afirmou em diversas ocasiões que não houve nenhuma influência cristã na criação do Super-Homem, portanto, todo o discurso religioso que perpassa as histórias que ele escreveu sobre o herói é de orientação judaica. O personagem, entretanto, sobreviveu ao seu criador, sendo perpetuado pelo trabalho de sucessivas gerações de escritores, muitos deles de formação cristã. Pêcheux (2002) nos diz que as palavras, expressões, proposições, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, sentidos esses que são determinados, então, em referência às formações ideológicas nas quais se inscrevem estas posições. Assim, os sujeitos autores que produziram histórias do Super-Homem após a partida de Siegel e Shuster associaram ao personagem suas próprias posições ideológicas, silenciando algumas das suas características que o remetiam a Moisés e enfatizando outras que o associavam a Jesus Cristo. Como o personagem Super-Homem esteve desde a sua criação inserido na cultura ocidental, predominantemente cristã, os sujeitos leitores identificaram nas novas histórias do herói estes discursos cristãos, e passaram a interpretar o personagem desta maneira. Assim, gradualmente, o Super-Homem, judeu em sua concepção, acabou se tornando um ícone cristão.

O poder do discurso cristão, predominante em uma sociedade onde a grande maioria da população segue essa religião, faz com que sejam silenciados os enunciados que mostram o Super-Homem sendo enviado por seus pais para ser salvo da morte, como Moisés o foi, e enfatiza os enunciados que colocam o personagem como um ser de atributos milagrosos, enviado por seu pai dos céus à Terra, para salvar toda a humanidade. Uma vez que o herói é descrito como um homem, e ao mesmo tempo, mais do que isso, devido aos grandes poderes decorrentes de sua origem quase divina, ele passa a ser interpretado como uma representação da figura de Jesus Cristo, ao invés de Moisés. A interpretação das histórias do herói pela ótica do cristianismo é recorrente, e pode ser verificada em aparições do personagem em todas as mídias em que ele esteve presente.

Só para citar alguns exemplos dessa leitura, na história *A Morte do Superman*, escrita e ilustrada por Dan Jurgens e publicada em 1993, e que se tornou uma das revistas em quadrinhos mais vendidas de todos os tempos, os interdiscursos de orientação cristã atravessam a trama a cada momento. Na história, o Super-Homem tem que enfrentar uma criatura chamada Apocalipse (o dia do julgamento bíblico), vinda das profundezas da Terra como Satã, e se sacrifica lutando contra a besta para salvar a humanidade. No momento da sua morte, está nos braços da chorosa Lois Lane, sua namorada. Posteriormente na trama, a tumba do herói é encontrada vazia por Lois Lane, numa clara alusão à Maria Madalena, e finalmente, na conclusão da saga, ele ressuscita, assim como Cristo renasceu dos mortos. Chama-nos particularmente a atenção a capa da revista *A morte do Superman*, em que Lois Lane aconchega seu corpo no colo basicamente na mesma posição que a "Pietà", a estátua de Michelangelo que representa a Virgem Maria com Jesus em seus braços, como vemos nas imagens a seguir:



Figura 54 – Intericonicidades entre a capa da revista *A morte do Superman* (1993), e a *Pietà*, de Michelangelo.

A primeira imagem é uma reprodução da capa da revista *The death of Superman*, enquanto a segunda é uma foto da escultura de Michelangelo extraída do website *vempraitalia.com*. Observando as similitudes entre as imagens, identificamos um diálogo entre elas que nos permite recuperar, no enunciado imagético no novo acontecimento discursivo, representando o sacrifício do Super-Homem para salvar o mundo de um monstro, os efeitos de sentido do enunciado mais antigo, a imagem da escultura, que representa o sacrifício de Jesus Cristo para salvar o mundo de seus pecados. Este diálogo de sentidos é reconhecido, como vimos anteriormente, pela leitura das intericonicidades entre as duas imagens.

Assim, além dos interdiscursos presentes no texto escrito da revista, as intericonicidades entre os enunciados imagéticos materializam um dizer que insere *A Morte do Super-Homem* em uma formação discursiva cristã. Os sentidos produzidos pelos enunciados linguísticos e não-linguísticos se combinam na história de forma a produzir novas significações. Piovezani explica que o texto deve ser considerado como “uma unidade simbólica que se formula em uma, duas ou mais linguagens, sob a forma de um dado gênero de discurso, produzida em determinadas condições históricas de produção e materializada em um suporte, que lhe dá corpo e a transmite por um ou mais canais” (PIOVEZANI, 2009, p.208). Os enunciados verbais possibilitam ao sujeito construir o sentido acessando a *memória discursiva*, ou seja, o conjunto formado pelos discursos já-ditos, pré-construídos e atualizados no novo acontecimento, enquanto as intericonicidades inscrevem as imagens em uma memória visual, que permite ao sujeito-leitor re-significá-las em uma nova materialidade discursiva.

Da mesma forma que, por meio da intericonicidade, fazemos a associação entre a capa de *A Morte do Superman* e a imagem da Pietá, em muitos outros momentos este recurso nos serve para a análise do discurso religioso presente nas histórias do Super-Homem. Vejamos alguns. Na edição nº 10, da série *Superman: Grandes Astros*, escrita por Grant Morrison e publicada em 2008, podemos observar outra manifestação de interdiscursos do cristianismo dispersos na história do super-herói. Na narrativa, o Super-Homem está sofrendo de uma deterioração celular causada por uma armadilha de seu maior inimigo, Lex Luthor, e enfrenta a ameaça de uma morte iminente. Ao invés de padecer ao sofrimento, entretanto, o herói se empenha mais do que nunca em sua cruzada para salvar a humanidade. Vemos, então, o Homem de Aço realizando o bem em vários níveis, seja defendendo a cidade do ataque de um super-vilão arquetípico das histórias em quadrinhos, utilizando seus recursos para curar

crianças portadoras do câncer, e até mesmo, após impedir que uma adolescente cometa suicídio, ele estimula a jovem com seus conselhos a voltar a acreditar na vida e em si mesma. Assim, a memória discursiva nos remete a passagens da Bíblia em que Jesus Cristo enfrenta demônios, cura os doentes e orienta os que buscam seu conselho. Além destes interdiscursos, verificados no texto da revista, há outro, ainda mais contundente, que evidenciamos ao observar a capa da edição. Vejamos a capa de Superman: Grandes Astros n°10, desenhada por Frank Quitely:

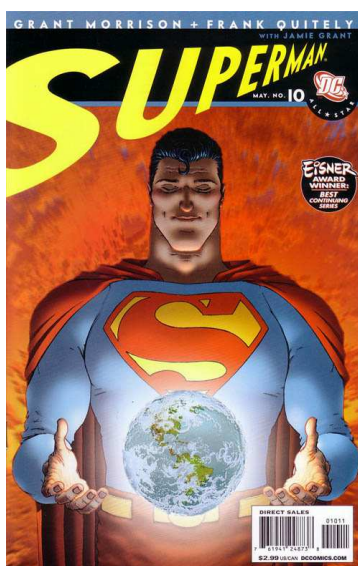


Figura 55 – Capa de Superman: Grandes Astros n°10 (2008b)

Comparemos agora esta capa a uma imagem popular de Jesus Cristo, que extraímos do website jesusimages.blogspot.com:



Figura 56 – Capa de Superman: Grandes Astros n°10 e imagem de Jesus Cristo.

A similitude entrecruza o discurso de “salvador do mundo” evidenciado nos enunciados imagéticos. Compreendemos que cada novo autor a trabalhar com o herói nas histórias em quadrinhos busca atualizar este discurso religioso. No especial *Superman: Pelo amanhã*, escrito por Brian Azzarello e ilustrado por Jim Lee, o Super-Homem busca salvar a vida de um de seus inimigos, prestes a ser aniquilado por um evento catastrófico. O herói parte para o resgate ignorando sua própria segurança, pois entende que a vida, mesmo de um homem “mau”, é um bem precioso a ser preservado a todo custo. O vilão, entretanto, mesmo em face da morte, recusa a ajuda do herói, preferindo a própria destruição. O discurso presente na história pode parecer pouco evidente no texto, porém, salta aos olhos quando fazemos a leitura dos enunciados verbais combinados aos imagéticos. Vejamos a página em que o embate acontece, extraída da revista *Superman: Pelo amanhã*:



Figura 57 – Intericonicidades na história *Superman: Pelo amanhã* (2007, p.282-283).

É preciso enxergar o diálogo da revista do Super-Homem com a representação de Deus criando o Homem, que é a figura central no teto da Capela Cistina, pintada por Michelângelo:



Figura 58 - Teto da Capela Cistina, pintado por Michelângelo Buonarroti.

A intericonicidade entre as imagens evidencia que a história *Superman: Pelo amanhã*, constrói aqui um novo sentido que associa o personagem Super-Homem não apenas a Cristo, mas também ao Deus Todo Poderoso. Na verdade, a leitura é a mesma, pois de acordo com a fé católica, Deus, Jesus Cristo e o *Espírito Santo* constituem a mesma entidade, sob a forma da Santíssima Trindade. Desta forma, a unicidade na história entre trama e imagem desvela para o analista os seguintes discursos: quando vemos o Super-Homem arriscando a própria vida para salvar seu inimigo, temos o discurso cristão de *amor ao próximo*, mesmo que o próximo seja um inimigo. Quando o vilão que, no contexto, representa o Homem, rejeita a ajuda do Super-Homem, vemos o alerta máximo da fé cristã, que avisa que a recusa do Homem em aceitar a graça divina, se entregando ao pecado, significará a sua condenação ao inferno.

As histórias em quadrinhos alcançam, como veículo midiático, um público relativamente pequeno, se comparado ao público de outras mídias como o cinema e a televisão. O Super-Homem, entretanto, como já destacamos, há muito tempo rompeu os limites das revistas, de forma que os discursos difundidos através deste personagem têm um público muito maior. O filme de 2006, *Superman Returns*, por exemplo, arrecadou cerca de 391 milhões de dólares em bilheteria no mundo todo, sendo o sexto filme mais assistido nos cinemas naquele ano. A última história por nós analisada é a adaptação em quadrinhos da

trama deste filme. Na revista *Superman – O retorno* (2006b), escrita por Martin Pasko adaptando o roteiro original de Bryan Singer, os interdiscursos que relacionam o sujeito-personagem Super-Homem a Jesus Cristo mais uma vez permeiam toda a narrativa. Na trama, o Super-Homem se vê atormentado pelo peso de sua missão, tendo de sacrificar sua felicidade pessoal por todas as pessoas do mundo que, em suas palavras, “imploram todos os dias por um salvador”. Em meio a sua angústia, a imagem do pai do herói, Jor-El, surge nos céus tal qual uma manifestação divina, conforme mostramos neste fragmento:



Figura 59 – O Super-Homem, nos céus, vê uma aparição de seu pai (2006b, p. 34).

Os enunciados proferidos pela aparição do personagem Jor-El, pai do Super-Homem, recuperam como materialidade discursiva o *Evangelho Segundo João*, aqui citado:

Pois Deus tanto amou o mundo que deu o seu filho unigênito para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Pois Deus enviou seu filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que este fosse salvo por meio dele. Quem nele crê não é condenado, mas quem não crê já está condenado, por não crer no nome do Filho Unigênito de Deus (João 3:16-18, grifo no texto original).

Desta forma, Jor-El é mostrado na trama como o pai celestial que enviou seu filho à Terra para redimir a humanidade, enquanto o Super-Homem representa, nesse contexto “o filho de Deus que salvará do mundo”, em suma, Cristo. Posteriormente na história, o maior inimigo do Super-Homem, Lex Luthor, busca concretizar um plano de dominação mundial, que resultará na completa destruição dos Estados Unidos. Para ter êxito, o vilão tenta retirar o Super-Homem de seu caminho, atraindo-o para uma armadilha. Luthor consegue expor o herói à *kryptonita*, uma substância fictícia que tem a propriedade de remover os poderes do Super-Homem. Sem poderes, ele luta corajosamente, mas é brutalmente espancado por Luthor e seus comparsas, que golpeiam o herói quase até a morte. Luthor atinge ainda o flanco direito do Super-Homem com um pedaço perfurante de kryptonita, para que ele morra em agonia, conforme mostramos neste fragmento:



Figura 60 – O Super-Homem é martirizado (2006b, p. 60).

A tortura do Super-Homem nos remete ao flagelo de Jesus Cristo, e o ferimento que Luthor inflige no flanco do herói faz alusão ao ferimento de lança que, de acordo com o saber bíblico, Jesus teria recebido no mesmo lugar ao ser golpeado por um soldado romano. Assim, toda esta sequência da revista Superman – O retorno é essencialmente uma releitura do

calvário de Jesus, que é recuperada na discursividade da história por meio da memória discursiva.

O Super-Homem, entretanto, consegue na história escapar do ataque de Luthor, e se afasta da exposição à *kryptonita* recuperando assim seus poderes, embora já esteja ferido demais. Ele então alça vôo e, com suas últimas forças, ergue uma ilha criada pelo vilão que ameaçava a vida na Terra, levando-a até o espaço. Uma vez lá, ele arremessa a rocha gigantesca para longe da Terra, salvando com isso toda a humanidade, e em seguida desfalece. Desmaiado e à beira da morte, o herói abre os braços e o seu corpo se posiciona inerte, como se estivesse afixado em uma cruz, para depois despencar na Terra, aparentemente morto. A imagem do herói tombado nos remete então à figura de Jesus crucificado, como evidenciamos identificando as *intericonicidades* entre os enunciados imagéticos a seguir: o primeiro, um fragmento reproduzido da revista que analisamos e o segundo, uma representação iconográfica do martírio de Cristo.



Figura 61 – Fragmento da revista Superman – O retorno (2006b, p.66) e imagem de Jesus crucificado.

O diálogo entre as imagens recupera os sentidos de salvador Jesus Cristo para o “salvador Super-Homem”. No momento seguinte, o herói é encontrado na Terra, e levado rapidamente a um hospital. Por dias, o mundo aguarda apreensivo, enquanto muitos já o consideram morto. Perto da conclusão da narrativa, uma enfermeira vai ao quarto do Super-

Homem para ver como ele está, mas encontra o aposento vazio, e a memória nos leva ao momento descrito nos evangelhos quando as mulheres de Jerusalém vão à tumba de Jesus, e a encontram vazia. O herói retornara, e estava novamente nos céus para proteger a humanidade, assim como Cristo ascendeu ao Céu para velar por todos nós.

Muitas outras produções discursivas, além das que analisamos aqui, já associaram o Super-Homem à memória de Cristo, e nos seria impossível referenciar todas. Podemos, contudo, citar algumas: o escritor George Lowther, em 1942, escreveu o primeiro romance sobre o herói, intitulado *As Aventuras do Super-Homem*. No livro, Lowther conta que o nome dado ao Super-Homem por seus pais extra-terrestres é *Kal-El*, e seu pai se chama Jor-El. Assim, o sobrenome do protagonista é “El”, que é o nome hebreu para Deus. Desta forma, a história do herói começa com o “El” pai enviando o “El” filho para salvar a Terra. Já na série de TV de 1952, com George Reeves, a abertura de cada episódio narrava a história do “visitante que veio do céu com poderes e habilidades muito além de qualquer homem mortal”. Outra afirmação digna de nota foi enunciada por Tom Mankiewicz, o roteirista do filme *Superman*, de 1978, e consta no livro *The gospel according to the world’s greatest super-hero* (2006b), do escritor Stephen Skelton, que aborda as conexões entre Jesus Cristo e o personagem Super-Homem. Segundo Mankiewicz, “a metáfora é clara quando Jor-El envia Super-Homem ao planeta Terra, como Deus enviando Cristo, para salvar a humanidade.” Outro elemento é a jornada pelo deserto, como Cristo fez. Clark vai para o Ártico e constrói uma fortaleza que se parece com uma catedral para se comunicar com o espírito do pai. Ele iniciará sua missão na idade de 30 anos – mesma idade em que Cristo começou seu ministério público.

Para compreendermos essa associação, não podemos esquecer que o personagem *Superman* é uma marca. Todas as produções discursivas ligadas a esta marca são produtos comerciais que visam, acima de tudo, ao lucro. Quaisquer discursos, políticos ou religiosos, que porventura estejam presentes em suas histórias são, em última análise, mercadoria a ser consumida. Quando uma instituição associa o Super-Homem à fé cristã, ou aos Estados Unidos ou aos “oprimidos pelo sistema” da sociedade americana, esta instituição espera que os produtos do personagem chamem a atenção do público que se identifica com os valores agregados a estas entidades, e sejam consumidos por indivíduos representantes deste público. Se as aventuras do Super-Homem têm a propriedade de constituir seus leitores em *sujeitos*

morais inscritos em alguma formação ideológica, seja moral, religiosa, política ou qualquer outra, então isto é muito mais uma consequência do que um objetivo.



O homem é corda estendida entre o animal e o Super-Homem: uma corda sobre um abismo; perigosa travessia, perigoso caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar.

Friedrich Nietzsche

No trabalho que aqui concluímos, buscamos não apenas identificar os discursos e vontades de verdade que atravessam as publicações que formam o nosso recorte, as revistas do Super-Homem, mas também analisar os deslocamentos de sentido que estes discursos sofreram no campo enunciativo das histórias e compreender o porquê de tais transições terem ocorrido. Para este fim, as considerações de Michel Foucault sobre sujeito, relações de poder, formações discursivas e apropriação dos discursos se constituíram em indispensável fundamentação teórica, assim como os trabalhos de outros pensadores das teorias do discurso, em especial Michel Pêcheux. Munidos destes saberes, damos aqui início às nossas considerações finais reapresentando as questões que foram por nós levantadas nos caminhos de nossa pesquisa e refletindo sobre os resultados por nós alcançados.

Os enunciados verbais e não-verbais que compõem cada história do Super-Homem revelam, a princípio, um contundente discurso patriótico, evidenciado tanto pelas cores do traje do personagem que, por *intericonicidade*, nos remetem à bandeira estadunidense, quanto pelas posições-sujeito ocupadas pelo herói na discursividade das revistas. Em muitas destas narrativas, o Super-Homem assume o papel de protetor dos valores e verdades norte-americanas, lutando pelos Estados Unidos e carregando seu estandarte pelos ares tal qual soldado dedicado. O reconhecimento desse discurso de louvor à pátria estadunidense nas revistas do personagem em que ele se manifesta, contudo, não basta para compreendermos os trajetos de sentido materializados nas histórias do Super-Homem no decorrer de seus 70 anos de publicação contínua. Essa leitura é apenas parte de um mosaico muito maior. Faz-se necessário, portanto, irmos além, observando que outras formações discursivas se entrecruzam nas histórias desse herói dos quadrinhos e as circunstâncias que levaram à sua emergência.

Uma leitura atenta das revistas do Super-Homem publicadas em 1938, ano da criação do personagem, revela que o discurso de defesa dos valores patrióticos norte-americanos e suporte ao poder do Estado não condizia com as atitudes do personagem em suas primeiras aventuras. Pelo contrário, o Super-Homem daquela época era um rebelde, que constantemente infringia as leis e enfrentava as autoridades constituídas para garantir o bem-estar da classe trabalhadora e dos despossuídos. Esta análise implica que, em algum momento da trajetória

das publicações do Super-Homem, a carga ideológica presente em suas revistas teve sua orientação invertida, e o personagem, a princípio inscrito em uma formação discursiva que alinhava discursos de crítica social, denúncia e resistência ao poder no contexto da sociedade estadunidense dos anos 1930, se tornou porta-voz dos discursos da classe que exercia a função ativa do poder neste mesmo contexto histórico-social. Elencamos então, como objetivos de nosso estudo, compreender como e por que ocorreu esta transição discursiva nas revistas do Super-Homem, determinar o momento em que os jogos de verdade nessas histórias foram efetivamente invertidos, passando de discurso de resistência para discurso do poder, e identificar os discursos que foram disseminados por meio de suas aventuras.

Uma das principais proposições da AD é a de que, para compreendermos o discurso, o importante não é focalizar o que se fala, mas sim de onde se fala. Foucault nos diz que o sujeito discursivo é formado pelos discursos que o envolvem, sendo historicamente constituído, enquanto Michel Pêcheux, por sua vez, afirma que este sujeito é determinado pela ideologia, portanto, seus posicionamentos ideológicos constituem toda a sua prática discursiva. Assim, para podermos analisar com eficácia as primeiras histórias do Super-Homem a fim de contrapô-las às suas publicações mais recentes, se faz necessário conhecer o contexto sócio-histórico em que Jerry Siegel e Joe Shuster, sujeitos criadores do personagem, produziram seus textos, e os discursos que os envolveram e foram materializados em sua obra.

De acordo com os dados biográficos de Siegel e Shuster que constam na obra *Comic book nation: the transformation of youth culture in America* (2003), os criadores do Super-Homem vivenciaram a maior crise sócio-econômica da história americana, a chamada “Grande Depressão”, e foram vitimados pelos piores sintomas desta crise. Ambos eram pobres, filhos de imigrantes e marginalizados. Siegel, o idealizador do personagem, foi ainda vítima de violência urbana, quando seu pai foi morto em um assalto. Todos esses elementos levaram os jovens artistas a criar um personagem capaz de trazer mudança a este quadro social, um herói que, em suas histórias, mobilizasse discursos de denúncia e resistência ao poder da elite econômica e política que se omitia enquanto o povo americano era massacrado pela crise. Foi nesses moldes que o personagem foi criado.

Conhecendo as condições de produção das histórias que formam nosso *corpus*, e utilizando os conceitos da AD para depreender os efeitos de sentido possíveis a estas histórias, buscamos os enunciados linguísticos e imagéticos que as constituíam a fim de reconhecer os

discursos disseminados por meio das revistas do Super-Homem. Em nosso estudo, identificamos estes discursos e a *vontade de verdade* por trás deles, levando em conta a perspectiva foucaultiana de que a “verdade” é um conceito transitório e sujeito aos valores vigentes em uma determinada sociedade, e apenas em um determinado contexto histórico-social. Enquanto as histórias do Super-Homem estavam circunscritas em uma formação discursiva de crítica social e resistência, era considerado “verdadeiro” pelo discurso das revistas que o poder do Estado podia ser confrontado e o discurso jurídico devia ser desobedecido se isso levasse ao benefício dos mais pobres e socialmente excluídos.

No momento, entretanto, em que sociedade estadunidense se uniu em torno de suas lideranças a fim de apoiar a participação dos Estados Unidos na II Guerra Mundial, o discurso de denúncia ao poder do Estado foi descontinuado. As positivities mudaram, e o Super-Homem daquele período se tornou um lutador contra os inimigos da América. Essa condição foi reforçada no período pós-guerra, quando a economia do país se estabilizou e o Estado se tornou ainda mais forte. Nesse contexto social, o conservadorismo entrou na ordem do discurso, e enunciados de crítica às autoridades constituídas passaram a ser silenciados, ou pior, associados à doutrina comunista, estigmatizada na época como discurso dos traidores e inimigos da América. Foi este o momento em que o discurso do Super-Homem mudou definitivamente. O Homem de Aço, a partir desse ponto, se vestiu por inteiro da identidade de símbolo dos discursos do poder americano, condição essa que perduraria por décadas. Nas revistas do herói publicadas nesse período, era considerado “verdadeiro” que o poder jurídico não poderia ser desobedecido em hipótese alguma, e que os governantes do país sempre agiam de acordo com os melhores interesses da sociedade. Além disso, o Super-Homem é mostrado em várias histórias como um agente do governo, enfrentando inimigos políticos e militares dos Estados Unidos.

Finalmente, no início do século XXI, uma nova mudança nas relações de poder ocorre na sociedade norte-americana. Uma crise sócio-econômica e política, comparável àquela que vitimou os Estados Unidos nos anos 1930, época da criação do Super-Homem, leva a população do país a perder a confiança no discurso das autoridades, a se voltar contra suas lideranças e a questionar seus próprios valores. Nesse contexto, os efeitos de sentido das histórias do personagem se deslocam uma vez mais. Em suas novas aventuras, o Homem de Aço se sente perdido, deixando de lado os posicionamentos político-ideológicos que defendeu por décadas, e buscando novos ideais. A DC Comics, editora responsável pela publicação dos

títulos do Super-Homem, anunciou recentemente que o personagem passará por mudanças em suas próximas histórias, adotando uma postura mais ativa no combate às injustiças sociais, mesmo que isso o leve a confrontar a polícia em algumas ocasiões. Se assim for, o herói voltará a agir da mesma forma que em suas primeiras aventuras, publicadas em 1938, retomando o seu discurso de resistência ao poder em um novo contexto de crise social. É um ciclo que se fecha.

Enquanto isso, fora universo da ficção e além das fronteiras estadunidenses, o planeta inteiro passa por mudanças. As novas tecnologias e movimentos econômicos vêm tornando o mundo cada vez menor, intensificando a integração entre as nações e arrefecendo discursos nacionalistas. Isso, como não poderia deixar de ser, acaba se refletindo nos quadrinhos, e o Super-Homem sofre mais uma drástica transformação, deixando a posição-sujeito de herói dos Estados Unidos e assumindo a postura de herói global. Esse processo de transições discursivas é contínuo, e o futuro certamente trará novas transformações. Concluímos em nosso estudo que as relações de poder são a força motriz para cada uma dessas mudanças. Cada nova transição nas relações de poder, cada embate por poder, seja ele travado por nações, classes sociais ou facções ideológicas, políticas e mesmo religiosas, conforme mostramos no terceiro capítulo desta dissertação, leva ao aparecimento ou à descontinuidade de discursos, e esse processo se reflete em toda a produção discursiva que emerge no corpo social em que tais embates têm lugar.

Procuramos em nosso trabalho mostrar como esse processo de difusão de poderes e resistências se deu na produção discursiva que nos serviu como objeto de estudo, as histórias do Super-Homem, a fim de ilustrar a perspectiva foucaultiana a respeito das relações entre discurso e poder e instigar discussões outras sobre o discurso, a ideologia, poder, valores e verdades. Além disso, entendemos que nossa pesquisa traz contribuição para os estudos da identidade do povo norte-americano e para os ocidentais como um todo, sendo revelador de vontades de verdade que são impostas por serem “verdades” americanas, e como tais, inquestionáveis, independentes de seus impactos em outros povos e culturas. Pensamos ter alcançado nossos objetivos, e entendemos que nosso trabalho tem validade para aqueles que se interessam pelos estudos discursivos.

Neste trabalho, o Super-Homem foi selecionado como tema por ser um ícone. Ele é o maior entre os super-heróis das revistas em quadrinhos, e um dos personagens de ficção mais conhecidos e admirados no mundo inteiro. É símbolo de uma nação e, por intermédio de suas

histórias, difundiu os discursos que circularam nesta nação em variados contextos sócio-históricos através de suas décadas de existência. Enquanto materialidade discursiva, o Super-Homem não é uma obra fechada, mas sim o produto da relação entre poderes e contra-poderes em operação na sociedade em que emergiu e foi perpetuado. Ele é, em síntese, uma diversidade de super-homens, constantemente contraditórios e, às vezes, perigosos. Se na fantasia dos quadrinhos, o personagem que estudamos possui a força para mover montanhas, no mundo real seu poder é ainda maior, pois nas revistas do Super-Homem está investido o poder do discurso, e este é o poder que move todos os outros poderes do mundo dos homens.



REFERÊNCIAS

AZZARELLO, Brian & LEE, Jim. **Superman – Pelo amanhã**. São Paulo: Panini, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública**. Tradução.: Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006a.

_____.; MILANEZ, Nilton. **Intericonicidade**: entre(vista) com Jean-Jacques Courtine. Registro audiovisual, 2005a.

DINI, Paul & ROSS, Alex. **Superman – Paz na Terra**. São Paulo: Abril, 1990.

EISNER, Will. **Narrativas Gráficas**. Tradução: Leandro Luigi Del Manto. 2.ed. São Paulo: Devir, 2008a.

FORSTER, E.M. **Aspectos do romance**. Trad.: Sérgio Alcides. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2005b.

FERRARO, Vincent. **Documents relating to the interwar period**. Disponível em: <<http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/nye.htm>>. Acesso em 13 dez. 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad.: Luis Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. **A ordem do discurso**. Trad.: Andrea Daher. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1999a.

_____. O sujeito e o poder. In.: DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault: uma trajetória. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

_____. Subjetividade e verdade. In.: **Resumo dos curso do Collège de France**. Trad.: Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. Verdade e poder. In.: **Microfísica do poder**. Trad.: Roberto Machado. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999b.

GOYER, David & SEPULVEDA, Miguel. The incidente. In.: **Action Comics 900**. New York: DC Comics Group, 2011a.

JURGENS, Dan. **The death of Superman**. New York: DC Comics Group, 1993.

KANIGHER, Robert & ANDRU, Ross. **Superman 216**. New York: DC Comics Group, 1969.

KARNAL, Leandro, MORAIS, Marcus Vinicius de, FERNANDES, Luis Estevam e PURDY, Sean. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2010a.

LOEB, Jeff & McGUINNESS, Ed. **Superman/ Batman 02**. New York: DC Comics Group, 2003.

MARTIN, Patrick. **The twenty lies of George W. Bush**. Disponível em <<http://www.wsws.org/articles/2003/mar2003/bush-m20.shtml>> Acesso em 20 de Jun. 2011.

MALDIDIER, Denise. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

MCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. 1ª ed. M Books Editora, 2004.

MORRISON, Grant & QUITELY, Frank. **Superman: Grandes Astros**. São Paulo: Panini, 2008b.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso. In: MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina (org). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

PASKO, Martin & HALEY, Martin. **Superman – O Retorno**: adaptação oficial do filme. São Paulo: Panini, 2006b.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Michel Pêcheux; Trad.: Eni Pucinelli Orlandi. – 3ª edição – Campinas, SP: Pontes, 2002.

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz: dispositivos de fala pública e produção da verdade no discurso político**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In.: CANDIDO, Antônio; ROSENFELD, Anatol & PRADO, Décio de Almeida. **A Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectivas S.A., 1998.

SIEGEL, Jerry & SHUSTER, Joe. **As maiores aventuras do Superman**. São Paulo: Panini, 2008c.

SIEGEL, Jerry & SHUSTER, Joe. **Crônicas do Superman**, vol.1. São Paulo: Panini, 2008d.

SYREU, Harold C. **Documentos históricos dos Estados Unidos**. São Paulo: Cultrix, 1980.

SKELTON, Stephen. **The gospel according to the world's greatest super-hero**. Harvest House publishers, 2006d.

STRACZYNSKI, J.M & BARROWS, Eddy. **Superman: Grounded**. New York: DC Comics Group, 2011b.

SUPERMAN, O filme. Direção de Richard Donner. Produção de Ilya Salkind: Warner Bros. Pictures, 1978. 1 DVD.

WEINSINGER, Mort & PLASTINO, Al. **Superman 170**. New York: DC Comics Group, 1964.

WOLFMAN, Marv & ORDWAY, Jerry. **Adventures of Superman 427**. New York: DC Comics Group, 1987.

WRIGHT, Bradford W. **Comic Book Nation: The Transformation of Youth Culture in America**. John Hopkins University, 2003.